



Ce qu'on dit de soi  
est toujours poésie

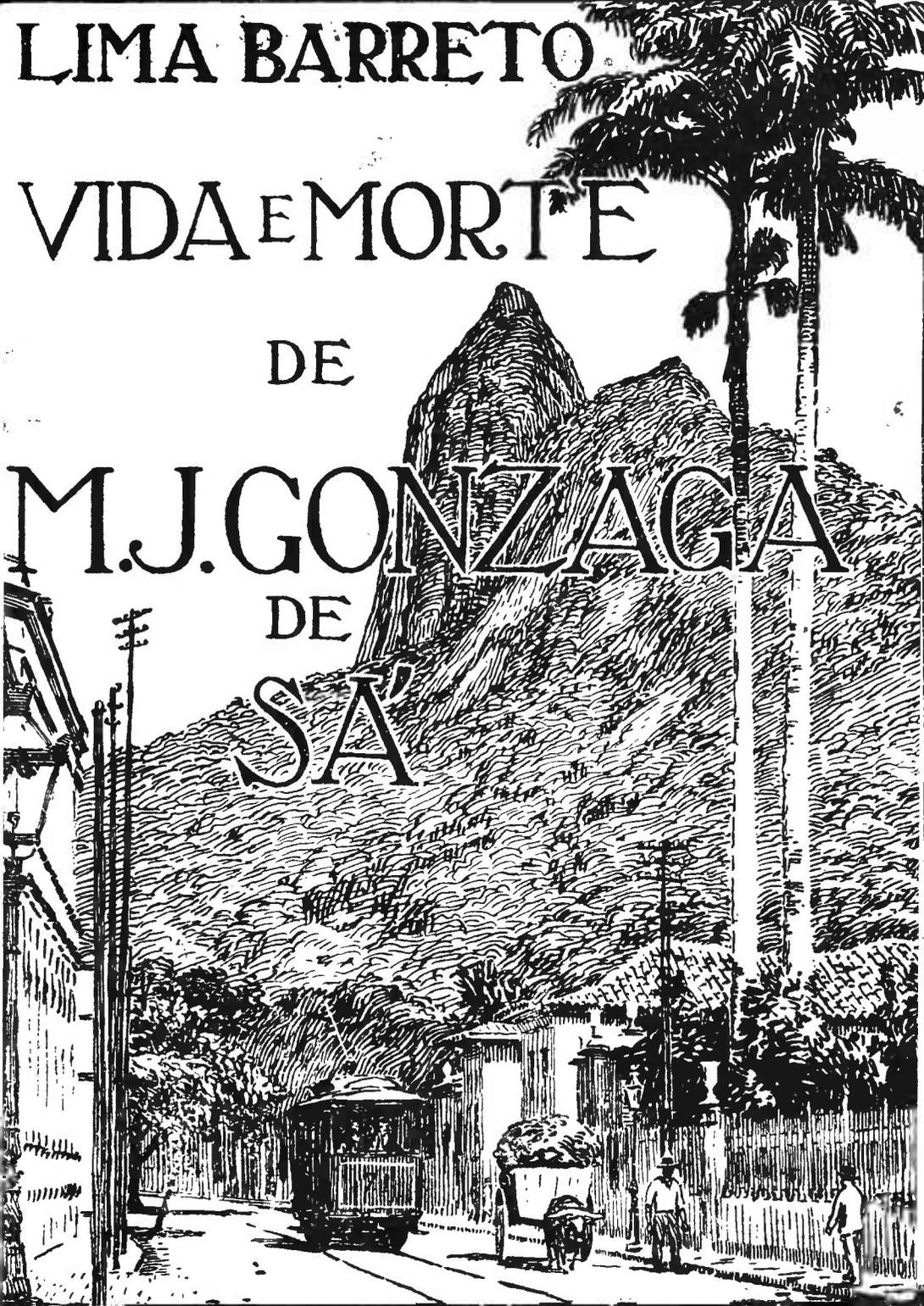


Ex Libris

Hernani  
de  
Campos Seabra







LIMA BARRETO

VIDA E MORTE

DE

M. J. GONZAGA

DE

SÁ



:~:

LIMA BARRETO

:~:

VIDA E MORTE  
— DE —  
M. J. GONZAGA DE SÁ



Seul le silence est grand : tout le  
reste est faiblesse.

*A. de Vigny.*

La plaie du coeur est le silence

*Bourget.*



1919

Edição da «Revista do Brasil»

S. PAULO



▲

ANTONIO NORONHA SANTOS

—



## ADVERTENCIA

*Encarregou-me o meu antigo collega de escola, e, hoje, de officio, Augusto Machadô, de publicar-lhe esta pequena obra. Antes me havia elle pedido que a revisse. Se bem que nella nada encontrasse para retocar, não me pareceu de rigor a classificação de biographia que o meu amigo Machado lhe deu.*

*Faltam-lhe, para isso, a rigorosa exactidão de certos dados, a explanação minuciosa de algumas passagens da vida do principal personagem e as datas indispensaveis em trabalho que queira ser classificado de tal forma; e não só por isso, penso assim, como tambem pelo facto de muito apparecer e, ás vezes, sobresair demasiado, a pessoa do autor.*

*Aqui e alli, Machado trata mais delle do que do seu heroe.*

*Julgando que tão insignificantes defeitos eram de desprezar em presença dos reaes meritos do pequeno livro, apressei-me em conseguir a sua publicação, certo de que, com isso, irei animar uma acentuada vocação litteraria que se manifesta, de modo inequivoco, nas paginas que se seguem.*

Abril de 1918

Lima Barreto.

---



## ADVERTENCIA

*Encarregou-me o meu antigo collega de escola, e, hoje, de officio, Augusto Machado, de publicar-lhe esta pequena obra. Antes me havia elle pedido que a revisse. Se bem que nella nada encontrasse para retocar, não me pareceu de rigor a classificação de biographia que o meu amigo Machado lhe deu.*

*Faltam-lhe, para isso, a rigorosa exactidão de certos dados, a explanação minuciosa de algumas passagens da vida do principal personagem e as datas indispensaveis em trabalho que queira ser classificado de tal forma; e não só por isso, penso assim, como tambem pelo facto de muito apparecer e, ás vezes, sobresair demasiado, a pessoa do autor.*

*Aqui e alli, Machado trata mais delle do que do seu heroe.*

*Julgando que tão insignificantes defeitos eram de desprezar em presença dos reaes meritos do pequeno livro, apressei-me em conseguir a sua publicação, certo de que, com isso, irei animar uma acentuada vocação litteraria que se manifesta, de modo inequivoco, nas paginas que se seguem.*

*Abril de 1918*

*Lima Barreto.*

---



## EXPLICAÇÃO NECESSARIA

---

A idéa de escrever esta monographia nasceu-me da leitura diurna e nocturna das biographias do Dr. Pelino Guedes. São biographias de ministros, todas ellas, e eu entendi fazer as dos escribas ministeriaes. Por ora, dou unicamente subsidios para uma; mais tarde, talvez escreva as duas duzias que planejo.

Não ha neste tentamem nenhuma censura ao illustre biographo, nem tão pouco proposito socialista ou revolucionario de qualquer natureza. Absolutamente não! Obedeci, alias muito inconscientemente em começo, á lei da divisão do trabalho; e, com isso, sem falsa modestia o digo, fiz uma importante descoberta que o mundo me vae agradecer.

Os sabios. pelas noticias que delles tenho, não tinham dado ainda pela falta de verificação desta lei, nos dominios da biographia.

Entretanto, era facil de ver que, exigindo a ordem obscura do mundo humano um doutor que cure, outro que advogue, forçoso era tambem que houvesse um biographo para os ministros e outro para os amanuenses.

Dessa forma, somos, eu e o Dr. Pelino uma bella prova de plena generalidade desse grande asserto

scientifico da divisão do trabalho; portanto, longe de ser um capricho, a publicação deste opusculo é manifestação de uma grande e inevitavel lei, a que me curvei e me curvo, como a todas as leis, independentemente da minha vontade.

Crendo-me justificado, dou aqui o testemunho publico de quanto sou grato áquelle escriptor; e se, pelo correr do folheto, puz alguma cousa da minha pessoa, a culpa, afora o meu incorrigivel e elementar egotismo, cabe-me a mim somente que não soube imitar, no estylo, a concisão telegraphica do modelo que adoptei, e, na maneira, a sua superior impersonalidade de relatorio ministerial.

Contudo, não me julgo com a verdade. Deus me livre de tal coisa! Tanto mais que, tendo-me destinado a actividade bem diversa, não me affiz aos estudos que a literatura reclama. Não sei grego nem latim, não li a grammatica do Snr. Candido de Lago, nunca puz uma casaca e não consegui até hoje conversar cinco minutos com um diplomata bem talhado; sigo entretanto, o exemplo do severo e saudoso lente de mechanica da Escola Polytechnica. Dr. Licinio Cardoso, que estudou longos annos a alta mathematica para curar pela homeopathia.

O seu spectaculo foi-me sempre fecundo. As reprovacões que levei foram justas: antes de mim, todos os que passaram, sahiam maravilhosamente; depois... oh! então!...

O seu julgamento é um julgamento de Minos, inflexivel e recto, e que tira a sua inflexibilidade da propria ordem do Cosmos; e se, nos actos de minha vida, alguma vez fui justo, devo-lhe a elle, só e unicamente ao seu exemplo, que tive sempre diante dos olhos, durante a minha adolescencia attribulada.

De joelhos, rendo graças á minha estrella, por

ter encontrado na minha carreira, tão raro e modelar exemplo...

Atirando-me aos azares da publicação de um opusculo aliteratado, pode ser que seja feliz, como o meu inestimavel lente e foi na homeopathia ; pode ser que não e leve algumas descōposturas. Embora desagradaveis, as descalçadeiras dar-me-ão alento para viver, cousa que me vae faltando dentro de mim mesmo.

E' um estimulante que procuro, e uma imitação que tento. Plutarcho e o Dr. Pelino, mestres ambos no genero, hão de perdoar esse meu plebeu intento, de querer transformar tão excelso genero de litteratura moral — a bibliographia — em especifico de botica.

Perdoem-me !

*Augusto Machado.*

8-10-1906.

---



## O inventor e a aeronave

Nunca me passou pela mente que o meu amigo Gonzaga de Sá se dedicasse a cousas de balões. A não ser que o tal papel que me deixou entre muitos, queira exprimir outro pensamento, não posso crer, dada a amizade que mantinhamos, que elle me fosse occultar essa digna preocupação de seu espirito. Tive sempre respeito por aquelle que quer voar.. Emfim!... Contemos a historia.

Conheci Gonzaga de Sá quando, certa vez, por dever de officio, fui mandado á Secretaria dos Cultos. Tratava-se de um caso de salvas devidas a um bispo. O bispo de Tocantins, ao entrar no porto de Belém, a bordo de um *gaiola*, recebera da respectiva fortaleza, apenas dezeseite tiros de salva. S. Revma. reclamou. Competir-lhe-iam dezoito tiros; e basto cabedal de textos e leis; a alta autoridade ecclesiastica citou, fundamentando a sua opinião.

A reclamação foi presente ao ministro dos Cultos, cuja secretaria, na longa informação que deu, alludiu á questão das investiduras, á dos bispos no tempo do Imperio e ao direito canonico, ainda por cima, sem nada resolver de definitivo.

Ouviu-se o Ministerio do Exterior e o protocolo carinhosamente interpretado e sabiamente, nada adeantava ao caso. Recorreram, então, ao estabelecido na legislação dos paizes civilizados ou não.

Os regulamentos da China eram completamente omissos, mas os de Montenegro davam vinte e quatro tiros aos bispós.

Na linda repartição das delicadas cousas internacionaes, fizeram sabias transposições de uma religião para outra, de modo a se estabelecer a equivalencia das respectivas autoridades.

Foi organizado um quadro, muito bem feito, bem riscadinho, em que os nomes dos sacerdotes de cada religião foram escriptos, respeitando-se a indole orthographica de suas linguas proprias.

O catholicismo, o budhismo, o judaismo, o brahamanismo e as seitas protestantes encontravam-se e encontravam-se placidamente

no terreno das conveniências burocraticas e protocolares.

Imans, muezzins, bispos, lamas, bonzos, derviches, foram postos ao lado uns dos outros camarariamente.

Acreditava-se no Ministerio dos Estrangeiros que, desta forma esclarecida a correspondencia entre sacerdotes de todas as seitas e religiões, melhor poderia ser interpretada a legislação, relativa ao assumpto, de cada paiz do globo, isto é: as praxes da Birmania, do Thibet e da Turquia viriam em auxilio da mortificante collisão em que se achava a administração brasileira.

Nada disso, porém, conseguiu decifrar o problema. Buscou-se, então, resolvel-o com a opinião do Ministerio da Guerra que veio a decidil-o salomonicamente.

Era seu parecer que, para evitar reclamações futuras e satisfazer as partes, de óra em diante devia competir uma salva de dezeseite tiros, com canhões de quinze, e um tiro, com canhão de sete e meio. Era, além de salomónico, mathematico, ou ambas cousas juntas, pois, com dezoito disparos, se tinham dezeseite tiros e meio, sendo, assim, satisfeito o prestigio do governo e os melindres do prelado.

Esta resolução foi tomada, depois de se-

rem ouvidas as grandes repartições technicas do Ministério, cujo saber foi no caso incalculavel.

A informação da secção de artilharia recordou por alto a theoria da separação de poderes; a divisão de Justiça, porém, abandonando as leis, os tratadistas, baseou-se em questões theoricas de artilharia, desenvolveu calculos, para mostrar os fundamentos da queixa de S. Revma.

Estava a decidir-se a questão de um modo geral e de vez, quando surge a angustiosa duvida do Cardeal. Seria S. Em. uma autoridade ecclesiastica brasileira? Devia receber só salvas de arcebispo ou mais outras? Se era autoridade ecclesiastica estrangeira, que salvas devia ter? Se era nacional, quaes? etc.

E assim as interrogações se succediam nas secções do Ministerio, quando o meu director, para evitar delongas, resolveu mandar-me á Secretaria dos Cultos, submeter aos competentes a angustiosa questão — Cardeal.

Pouca gente conhece a Secretaria dos Cultos e tem noticia dos seus serviços. E' de admirar que aconteça isso, porquanto, penso eu, se ha Secretaria que deva merecer o respeito e a consideração da nossa população é a dos Cultos.

Num paiz em que, com tanta facilidade, se fabricam manipanços milagrosos, idolos aterradores e deuses omnipotentes, causa pasmo que a Secretaria dos Cultos não seja tão conhecida como a da Viação. Ha, entretanto, nella, no seu Museo e nos seus registros, muita cousa interessante e digna de exame.

Foi, por occasião de desempenhar-me da incumbencia do meu director, que vim a conhecer Gonzaga de Sá, afogado num mar de papéis, na secção de «alfaias, paramentos e imagens», informando muito seriamente a consulta do vigario de Sumaré, versando sobre o numero de settas que devia ter a imagem de S. Sebastião.

Era Gonzaga um velho alto, já não de todo grisalho, mas avançado em idade, todo secco, com um longo pescoço de ave, um grande *gógó*, certa macieza na voz grave, tendo uns longes de doçura e soffrimento no olhar energico. A sua tez era amarellada, quasi dessa cêra amarella de certos cirios.

Trátei com elle cheio do respeito que, acima da belleza, merece a velhice. Elle me pareceu agradecer a deferencia, olhando-me com mal disfarçado interesse, por debaixo do pincez, do fundo do abysmo da sua banca burocratica.

Vi logo nelle um velho intelligente, de amplo campo visual a abranger um grande sector da vida; entendi-o illustrado e de uma recalcada bondade. Não sei tambem porque adivinhei que tinha um bom nascimento e a antiguidade do apparecimento dos seus antepassados nestas terras não datava da Republica nem do ensilhamento.

O meu julgamento não era errado, porque, mais tarde, indo por causa ainda dos *tiros* a um bispo á Cultos, perguntei-lhe, em meio do negocio:

— Sr. Gonzaga, não é casado?

— Não.

— Nem quiz casar?

— Duas vezes: uma, com a filha de um Visconde, em baile de um Marquez.

— E a outra?

— Filho, você parece que ficou com inveja?

— Talvez, accudi eu prestamente á sua interrogação.

— Pois saiba: a outra foi com a minha lavadeira.

A adivinhação de sua mocidade fiz eu por essa resposta.

Além disso era sceptico, regalista, voltereano. Usava, como vim a verificar mais tarde, pa-

ra estar em dia com o seu Deus, delle, frequentar as cerimonias religiosas; e não, como a burguezia republicana, para firmar-se nos frades, padres, freiras e irmans de caridade e enriquecer-se ignobilmente, criminosamente, cynicamente, sem caridade e amor, senão aquellas de apparato. Era anti-monastico, mas não maçõn.

Para se comprehender bem um homem não se procure saber como officialmente viveu. E' saber como elle morreu; como elle teve o doce prazer de abraçar a Morte e como Ella o abraçou. Depois de contar este grande factõ da vida de um amigo, decifrar-lhe-ei os gestos intimos e os seus actos insignificantes exporei. Não ha erro, penso, procedendo assim.

A vida official de Lord Bacon é abjecta e cheia de vilania; mas vêde-lhe as obras, as suas reflexões e, sobretudo, a sua morte — como são bellas e como eclypsam a sua vida outra!

Tendo imaginado subitamente que a neve podia preservar as carnes da putrefacção, Bacon desceu da sua carruagem em dia de muito frio, já velho era, e entrou em uma palhoça para fazer a experiencia. Comprou um frango, fel-o matar e elle mesmo, com as suas proprias mãos, o encheu de gêlo. Resfriou-se e pouco depois, em casa extranha, pois nem mais forças

teve para attingir de carruagem a sua — morreu o ousado innovador, o philosopho do methodo experimental, o autor da grandeza scientifica e industrial de nossos dias.

De Gonzaga de Sá, vou contar-lhes as suas cousas intimas e dizer-lhes, antes de tudo, como morreu, para fazer bem resaltar certos trechos e particulares que serão mais tarde contados, de sua bella obscuridade. Narremos os factos.

Nós tinhamos tratado de encontrarmo-nos no terraço do Passeio Publico, para ver certo matiz verde que o céu toma, ás vezes, ao entardecer. Fui esperal-o com pressa de conversar com elle e admiral-o. Pouco olho o céu, quasi nunca a lua, mas sempre o mar. Embora o não encontrasse logo, o espectaculo do mar distrahiu-me. Mas contemos as coisas por meúdo.

Quando cheguei ao terraço do Passeio, já os morros de Jurujuba e de Niteroy haviam perdido o violeta com que eu os vinha vendo cobertos pela viagem de bonde a fóra; sobre a Armação, porém, pairava ainda o jorro de densas nuvens luminosas, por onde, nas oleographias devotas, acostumamos a ver surgir os santos e anios da nossa fé.

ameaçando tempestade; mas, a minha secreta correspondencia com o meio avisara-me que não choveria. Chegado que fui, sentei-me a um banco embutido no muro, bem defronte a uma das novas escadarias que levam á gabada avenida «Beira-mar». Em seguida puxei um cigarro e puz-me a fumar-o com paixão, olhando as montanhas do fundo, afogadas em nuvens de thumbo; e, engastado na barra de anil, um farrapo de purpura, que se estendia por sobre os ilhotes de fóra da bahia.

Considerei tambem a calma face da Guanabara, ligeiramente crispada, mantendo certo sorriso sympathico na conversa que entaboulara com a grave austeridade das serras graniticas, naquella hora de effusão e confidencia.

Villegagnon boiava na placidez das aguas, com seus muros brancos e suas arvores solitarias.

Notei então o accordo entre o mar e as serras. O negro costão do Pão de Assucar dissolvia-se nas mansas ondas da enseada; e da magoa insondavel do mar, se fazia a tristeza da Bôa-Viagem.

Transmutavam-se naturalmente e tocavam-se amigavelmente.

O mar espelhejante e movel realçava a magestade e a firmeza da serra e, em face da

sua sumptuosidade, por vezes conselheiral, o sorriso complacente do golfo tinha uma segurança divina.

O poeta tinha razão: era verdadeiramente a grandiosa Guanabara que eu via!

A Gloria, do alto do outeiro, com o seu sequito de palmeiras pensativas, provocou-me pensar e rememorar minha vida, cujo desenvolvimento, — conforme o voto que os meus exprimiram no meu baptismo — se devia operar sob a alta e valiosa protecção de N. S. da Gloria. E, quando alguma cousa nos recorda essa apagada e augusta cerimonia, vêm á lembrança factos passados, cuja memoria vamos perdendo.

Claro é que não tentei ver se tinha já atingido á altura em que plana minha sagrada Madrinha. Era de esperar que estivesse mais proximo e, se ainda não estou, nem a millesimo do caminho, nunca mais lá chegarei... Não tive desgosto; dei como um desvio de sentimento, procurando ver como minha vida desenvolvera, segundo as obscuras determinações do fragmento do planeta, em que nascera. Durante meia hora, fiz um detido exame dos meus actos passados e fui colhendo as suas analogias com o meu ambiente patrio.

Tinha sido vario em seus aspectos e des-

cuidoso como a irregularidade do meu solo natal. Sorrira com a bahia, entre triste e alegre; e tive debaixo desse sorriso uma réstea da energia daquellas rochas antiquissimas.

Deante da Serra dos Orgãos, cujo grandioso anseio de viver em Deus fui sentindo desde menino, aprendi a desprezar as fôfas cousas da gente de consideração e a não ver senão a grandeza de suas inabalaveis agulhas que esmagam a todos nós.

Fui bom e tolerante como o mar da Guanabara, que recebe o bote, a canôa, a galera e o couraçado; e, como ella, tranquillã sob a protecção de montanhas amigas, fiz-me seguro á sombra de desinteressadas amizades.

Quiz viver muito, tive impetos e desejos, nas suas manhãs claras de Maio, mas o sól causticante do seu verão ensinou-me (antes que M. Barrès m'o dissesse) a soffrer com resignação e a me curvar aos dictames das cousas, sempre boas, e dos homens, ás vezes máos.

Saturei-me daquela melancolia tangivel, que é o sentimento primordial da minha cidade. Vivo nella e ella vive em mim!

E assim, fui sentindo com orgulho que as condições de meu nascimento e o movimento de minha vida se harmonizavam — umas suppunham o outro que se continha nellas; e tam-

bem foi com orgulho que verifiquei nada ter perdido das aquisições de meus avós, desde que se desprenderam de Portugal e da Africa. Era já o esboço do que havia de ser, de hoje a annos, o homem criação deste logar. Por isso, já me apoio nas cousas que me cercam, familiarmente, e a paisagem que me rodeia, não me é mais inedita: conta-me a historia commum da cidade e a longa elegia das dôres que ella presenciou nos segmentos de vida que precederam e deram origem á minha.

Que me importavam os germanos e os gregos! O estado e a arte! Outras gentes que não comprehendo, nem os seus sonhos que resultaram nestas duas tyrannias!

Sonho tambem por minha conta, ao geito dos meus mortos; e os meus sonhos são mais bellos porque são imponderaveis e fugaces..

A esse tempo, passava, olhando tudo com aquelle olhar que os guias uniformizaram, um bando de inglezes, carregando ramos de arbustos — vis folhas que um jequitibá não contempla!

Tive impetos de exclamar: doidos! Pensam que levam o tumulto luxuriante da minha mata, nessa folhagem de jardim!

Façam como eu: sofram, durante quatro seculos, em vidas separadas, o clima e o eito,

para que possam sentir nas mais baixas células do organismo a beleza da Senhora — a desordenada e delirante natureza do tropico de Capricornio!... E vão-se, que isto é meu!

Logo me recordei, porém, dos meus autores — de Taine, de Renan, de M. Barrès, de France, de Swift, e Flaubert — todos de lá, mais ou menos da terra daquella gente! Lembrei-me gratamente de que alguns delles me deram a sagrada sabedoria de me conhecer a mim mesmo, de poder assistir ao raro espectáculo das minhas emoções e dos meus pensamentos.

Houve em mim, por essa ocasião, um indizível reconhecimento sem limites... Olhei com veneração aquella parva gente, em homenagem aos de seu sangue que me educaram e me fizeram saber que eu, burro ou genial, sabio ou nescio, inflúo poderosamente no mecanismo da vida e do mundo.

Humilhado, abaixei a cabeça... O meu velho amigo chegava; a tarde, porém, não nos fôra favoravel e não nos déra o espectáculo que esperavamos.

Ficamos durante algum tempo, a conversar no terraço do tradicional jardim publico.

Gonzaga me disse, ao ver passar ainda outro bando de britannicos:

— Não posso supportar esses inglezes! Que pressa teem em andar! A tarde assim mesmo não está de afugentar.. Andem devagar, devagarinho.. Não se corre nem para a morte a quem amo... Vamos jantar em casa, embora minha tia não esteja em casa.

Eu tinha vinte annos e um louco sonho de ser Director. Arripiaram-se-me os cabellos diante daquella invocação da morte..

Acceitei o convite, apesar de tudo.

— Vamos a pé e pelo caminho mais longo.

Dirigimo-nos pelos Barbonos para aquellas veneraveis azinhagas de aldeola italiana, que levam á Santa Thereza. Nada me dizia; pouco depois, porém, passamos diante de um casarão brutal. Gonzaga me perguntou, apontando o convento de Santa Thereza:

— Sabes quem mora ali?

— Freiras.

— Mora tambem um conde, e creio que princezas.

— Mortas?

— Sim, mortos! Vês lá o signal da morte?

— Não; está sorridente e alegre.

— E este casarão ali?

— Está aqui, está desabando.

— Morto, não é?

— Sabes porque? Porque não guarda nenhum morto.

Continuamos a subir.

Ao chegar ao jardim de sua casa, que olhava para a Lapa, para a Gloria, para a Armazém, para Niteroy, contemplou o mar insondável, abaixou-se para colher uma flôr que me offerecera, mas cahiu, e morreu. Foi assim. Djas depois da morte do meu amigo, com o titulo de — *O inventor e a Aeronave*—, entre os papeis desencontrados que elle me legou com os seus livros, encontrei uma folha de almasso, escripta de um lado e de outro. Li-a e verifiquei que se tratava de uma narração completa. Embora não dê ella toda a medida do espirito e da concepção do mundo do meu saudoso amigo, eu a publico para que aquelles que não o conheceram possam de algum modo apreciar o meu camarada intellectual e mestre, cujos julgamentos e opiniões sobre os homens e as coisas muito influiram para a escolha dos caminhos que a minha actividade mental tem trilhado.

Gonzaga era desses homens cujo pensamento se transmite mal pelo escrever ou por outro instrumento qualquer de communicação criado pela nossa humanidade. A sua intelligencia não sabia dar logo um pulo da cabeça para

o papel; e só a sua palavra viva, assim mesmo em palestra camararia, era capaz de dizer d'elle tudo o que lhe era proprio e profundamente seu.

Comtudo, como já disse, vou publicar a pagina de almasso encontrada por mim, entre os papeis que elle me deixou, no fito de dar uma modica idéa do que verdadeiramente era o meu velho Gonzaga de Sá, official da secretaria dos Cultos. Eil-a:

«Desde dez annos não havia segundo em que elle não pensasse na machina. A's vezes, sobre as folhas do Canson, tanto se demorava a riscar e a traçar que não chegava bem a comprehender como passára da tréva da noite para a claridade da manhã. Folhas e folhas de papel, outras vezes, amontoava com cerradas equações e outras expressões algebricas; e, nas horas de descanso, passeando os olhos distrahidos por ellas, appareciam-lhe deante delles, com as suas rebarbativas letras gregas — os «fi», os «mi», os «gamma», os «pi», aquelles minusculos caracteres ligeiros e de curvas subteis, como pelotões de tenues pensamentos que as «integraes» faziam avançar em fileiras disciplinadas, marchando para frente, para frente... Consultava revistas, tratados, compendios; folheava-os bem e, noites e noites, com os pés

nagua para afastar o somno, ficava sobre as suas paginas a ler, a comparar um com outro, a cotejal-os inteiramente absorvido no ensino delles, a meditar, a advinhar nelles os impossiveis para o seu aparelho e a perscrutar os obstaculos que devia vencer, e as leis a que se devia curvar.

¶ Afinal um bello dia, depois de um longo trabalho de horas a fio, elle appareceu no papel, maravilhosamente desenhado a côres; e ali, o inventor o remirou muitas vezes, alongou mais uma linha, amaciou mais uma aresta ou uma ligação e, por fim, teve a machina completa, perfeita, tal e qual a idéa que trazia em mente e se fôra fazendo em poucos, dia a dia, durante uma gestação de vinte annos.

Descançou nesse dia feliz e sem equal.

¶ Pôde dormir um largo e profundo somno reparador e tranquillo; mas, já no dia seguinte, meditava sobre os materiaes com que devia construil-a. Considerou a resistencia de cada um, o peso especifico, o custo — tudo elle levou em linha de conta com sagacidade e sapiencia.

Combinou uns com os outros, considerando as suas qualidades, as suas vantagens e defeitos, tendo sempre em mira o effeito que desejava; escolheu motores, delicados engenhos

de força e pequenez; e partiu, com todo esse pensamento meticoloso e sério, para a officina onde ia construir o seu aparelho de voar.

Nem um momento das horas de trabalho, arredou o pé de junto aos operarios; de cada peça, seguiu todas as operações de sua construcção; de quando em quando as pesava e ordenava limar, polil-as mais, para que tivessem exactamente o peso, calculado com a approximação de milligrammas. Não havia parafuso que elle não visse bem o passo de modo que uma differença maior ou menor não fosse perturbar o rigidez do systema e fazer falhar o que esperava do seu invento. Ficou prompto, e lindo, e aligero que nem uma libellula.

Iria subir, iria remontar os ares, transmontar cordilheiras, alçar-se longe do sólo, viver algum tempo quasi fóra da fatalidade da Terra, inebriar-se de azul e de sonhos celestes, nas altas camadas rarefeitas...

A experiencia seria de manhã e, á noite toda, não dormiu como si, no dia seguinte, fosse se encontrar com o amor com que sonhou e, para realisal-o agora, tinha aguardado muitos annos de angustia e de esperanza.

Veu a aurora e elle a viu, pela primeira vez, com um interessado olhar de paixão e de

encantamento. Deu a ultima de mão, accionou manivellas, fez funcionar o motor, tomou o logar proprio... Esperou... A machina não subiu.»

Eis o que havia na folha amarellecida de almasso encontrada por mim, no anno passado, entre os papeis que Gonzaga de Sá me deixou.

Não comprehendí immediatamente a significação dessa fantasia; mas, referindo-a a este e aquelle aspecto de sua vida, entendi bem que elle queria dizer que o Acaso, mais do que outro qualquer Deus, é capaz de perturbar imprevisadamente os mais sabios planos que tenhamos traçado e zombar da nossa sciencia e da nossa vontade. E o Acaso não tem predilecções...



## II

### Primeiras informações

Manuel Joaquim Gonzaga de Sá era bacharel em letras pelo antigo Imperial Collegio D. Pedro II.

Possuia boas luzes e teve solidos principios de educação e instrução. Conhecia psychologia classica e a metaphysica de todos os tempos. Comparava opiniões do Visconde de Araguaya com as do sr. Teixeira Mendes.

Sua historia sentimental é limitada. Não foi casado, esqueceu-se disso; embora tivesse amado duas vezes: a primeira, á filha de um Visconde, num baile de um marquez; a outra, a uma sua lavadeira, não sabe em que occasião.

Elle mesmo m'o disse, como devem estar lembrados.

Seguindo o seu favorito methodo introspectivo, analysou detidamente as duas emoções e, ao cabo de detalhada analyse, achou-as identicas em si mesmas e nas apparencias.

Alliava a tudo isso, uma estoica despreocupação da notoriedade, ou melhor, da posição facil e barulhenta. Filho de um general titular do Imperio, podia ser *muita coisa*; não quiz. Era preciso ser doutor, formar-se, exames, pistolões, hypocrisias, solennidades... Um aborrecimento, emfim!... Não quiz; fez-se praticante e foi indo. Foi empregado assiduo e razoavel trabalhador. A Republica veio encontral-o quasi só na secção, redigindo um decreto do Defensor Perpetuo e, ao lhe avisarem: «seu» Gonzaga, hoje não se trabalha; o Deodoro, de manhan, proclamou a Republica no Campo de Sant'Anna.

— Mas qual? perguntou.

As suas reminiscencias de historia não lhe davam de prompto a idéia nitida do que fosse Republica. Sabia de tantas e tão differentes, que a sua pergunta não foi affectada. Contou-me elle que, na propria manhan de 15 de Novembro, estivera lendo o seu Fustel de Coulanges, justamente no ponto referente á significação aristocratica do tratamento cidadão.

Deve causar surpresa a quem lêr estas li-

nhas, o facto de Gonzaga de Sá, official da Secretaria dos Cultos, ter commercio com autores dessa ordem.

Ha muita gente que, sem quédia especial para medico, advogado ou engenheiro, tem outras aptidões intellectuaes, que a vulgaridade do publico brasileiro ainda não sabe apreciar, animar e manter. São philosophos, ensaistas, estudiosos dos problemas sociaes e de outros departamentos da intelligencia, para os quaes a nossa gente que lê, não se voltou e de que são amadores poucos da *élite*, e sem echo na nação, em virtude dessa pasmosa differença de nivel, que ha entre a intelligencia dos grandes homens do Brasil e da sua massa legente.

Certos de que as suas aptidões não lhes darão um meio de vida, os que nascem tão desgraçadamente dotados, se pobres procuram o funccionalismo, fugindo ao nosso imbecil e botafogano doutorado. Não são muitos; são raros em cada Repartição, mas consideraveis em todo o funccionalismo federal.

Em começo, procuram-no com o fim de manter a integridade do seu pensamento, de fazel-o produzir, a coberto das primeiras necessidades da vida; mas, o enfado, a depressão mental do ambiente, o afastamento dos seus iguaes e o estúpido desdem com que são tra-

tados, tudo isso, aos poucos, lhes vae crestando, o viço, a coragem e mesmo o animo de estudar. Com os annos, esfriam, não lêem mais, embotam-se e desandam a conversar.

Eu me dei com um escripturario que conhecia o zend, o hebraico, além de outros conhecimentos mais ou menos communs.

Seu pae, que tivera fortuna, mandou-o para Europa muito moço, pelos quatorze annos.

Lá, onde se demorara perto de dez annos. apaixonou-se pela critica religiosa e estudou com afinco estas antigas linguas sagradas. Perdendo a fortuna, voltou e viu-se, com tão inestimavel sabedoria, nas ruas do Rio de Janeiro, sem saber o que fizesse della.

Nesse tempo, o folhetim estava na moda, e a repetição de umas cousas vulgares de mathematica.

O futuro escripturario não dava para o roda-pé; declarou-se *besta*, e fez um concursosinho de amanuense, e foi indo. Ficou como um escolar que sabe geometria, a viver numa aldeia de gafanhotos; e, quinze annos depois, veio a morrer, deixando grandes saudades na sua Repartição. Coitado, diziam, tinha tão bôa letra!

Gonzaga de Sá não possuia qualquer sabedoria excepcional, mas tinha em compensação vistas suas e proprias; e, de mais, sobre o tal

escripturario, apresentou-se com maior força de intelligencia, tendo resistido á depressão mental do ambiente da Secretaria dos Cultos, á qual, como á de todas as Secretarias, poucos resistem.

Certa vez, elle me explicava, de um modo qualquer, algumas considerações suas, a respeito do sentido da civilisação na America do Sul, e eu lhe perguntei:

— Porque o sr. não publica isso?

Ainda o tratava por Senhor, e só muito mais tarde, creio que um anno depois, vim a tratá-lo por você e tu.

— Deus me livre! E os jornaes?

Não acreditei fosse esse temor pueril, que lhe obstava de publicar-se; devia haver outro motivo mais profundo e significativo.

A sua ancã e a sua febre de conhecimentos, taes como via nelle, sempre a par do movimento intellectual do mundo, fazendo arduas leituras difficeis, deviam procurar transformar-se em obra propria, tanto mais que não era um repetidor e sabia ver factos e commentar casos a seu modo.

Creio que fizera os seus planos, pois que, apesar de remediado e seguro do emprego, não se deixou cevar, pensou sempre e o seu pensamento estava sempre vivo e agil, embora, quan-

do o conheci, já tivesse passado dos sessenta. Não ruminava.

Ao contrario, nunca cessou de augmentar a sua instrucção, limando-a, polindo-a, estendendo-a a campos longinquos e aridos. Para que seria esse trabalho senão para crear?

E' verdade que se podia attribuir ao seu gosto pessoal, perfeitamente desinteressado nas cousas de pensamento, sem objectivo ou tenção de obra ou lucro de qualquer natureza.

Mais tarde, porém, fiquei perfeitamente certo de que era só curiosidade intellectual, que o animava e mantinha nas suas leituras arduas, mesmo porque não se podia encontrar outra especie de explicação, á vista da obscuridade a que se havia voluntariamente imposto.

Elle, como Mérimée, não tinha a quem offerecer collares de perolas. Gonzaga, solitario, sem filhos, membro de familia a extinguir-se, a quem iria dar a sua gloria?

Deixando de seguir um curso profissional qualquer, foi como se fugisse aos programas, para ler com mais ordem e methodo os autores, ao geito de quem vae escrever uma memoria ou um Felix Alcan, de 7 francos e 50. Fez o seu curso á antiga, em materias isoladas, abandonando o seriado das universidades medievas, tradição que, dominando nas nossas fa-

culdades, faz estabelecer os mais absurdos encadeiamentos de materias e disciplinas nos seus annos ou series.

Gostava Gonzaga de Sá muito de revistas. A variada instrucção que recebeu, e o seu gosto polychromico permittiam-lhe seguir, sem esforço, a anarchia dos seus artigos. Assignava a «Revue», o «*Mercure*», a «*Revue Philosophique*»; mas, de todas, a «*Revue des Deux Mondes*» é a que mais queria e citava.

Não apreciava as nossas, muito «chics», disse-me elle. Abria, entretanto, excepção para as obscuras e para os jornaes illustrados meteoricos. Havemos de saber mais tarde a sua opinião a respeito.

Pelo livro, acompanhava o movimento das letras patrias, com vivo interesse mas sem paixão.

Lia o «*Figaro*» e repetia, em francez e de cór, varias pilherias do «*Masque de Fer*».

Nos meus primeiros encontros e com ajuda de informações daqui e dalli, foi o que logo percebi em Gonzaga de Sá. Durante mezes tive delle esse *croquis*; mais tarde as linhas se foram firmando, o perfil resaltando, e obtive, segundo creio, um razoavel retrato.

Não convém, porém, deixar de contar as primeiras *boutades* que ouvi delle.

Contal-as-ei ao correr deste despretencioso esboço de sua biographia.

Comtudo, vou narrar uma dellas que me pareceu engraçada.

---

### III

## Emblemas publicos

— A nossa insufficiencia nas artes do desenho é manifesta. Não peccará tanto quanto á execução, mas no que toca á imaginação creadora é cousa que não se discute. As armas dos nossos estados, das nossas cidades, o cunho das nossas moedas, são uma prova disso.

Não posso abrir o Almanaque Garnier e ver-lhe os mappas das nossas provincias, com os respectivos emblemas heraldicos, que não fique horripilado com aquelles bonecos que la-deam uns estudos estramboticos, cheios de montanhas e letreiros, além de arvoredos e papagaios — tudo o que pode vir de mais extravagante e hediondo á cabeça de um sujeito doido e menos artista deste mundo.

As armas da Republica então! — são de

uma ineptia estonteadora. Aquelle espadagão! Aquelle fitão! Que coisas, meu Deus!

A não ser o brazão d'armas da cidade do Rio de Janeiro, que é de facto elegante, bem proporcionado, heraldico, significando a cidade, poucos dos nossos emblemas publicos se podem salvar de um inteiro naufragio na fealdade e na mais completa cretinice.

Como são differentes dos coloniaes! Basta a esphera armilar, atravessada pela cruz de Malta — symbolo do Reino do Brasil — outorgado não sei por que rei de Portugal, para mostrar como naquelles tempos havia mais gosto do que hoje, nas altas regiões.

Gonzaga de Sá disse-me isto certa vez, no largo do Paço, olhando o chafariz do mestre Valentim. Depois continuou:

— Este chafariz é feio, é massudo; mas a esphera armilar que o encima, dá-lhe certa grandeza, certa magestade.. Mas já foi bonito...

— Quando?

— Quando o mar chegava-lhe aos pés. Elle tinha essa moldura, ou melhor: esse «repousoir» e possuia certa belleza. Eu ainda o conheci assim...

Vinha a noite e ella cahiu toda negra sobre nós.

Nós, então, sentimos as nossas almas inteiramente mergulhadas na sombra e os nossos corpos a pedir amor. Calamo-nos e olhamos um pouco as estrellas no céu escuro.

O jardim ia-se povoando de maritimos cansados e as mulheres, raparigas de condição modesta e infima passavam apressadas e desconfiadas.

— Porque razão, Machado, todas as mulheres nesta terra têm medo dos homens, perguntou-me Gonzaga..

— E' porque os homens não são bons.

— Eu creio que sim. Aqui, não é a mulher que quer enganar o homem; é este que quer enganar a mulher.

— Penso como o senhor, e a prova está no noticiario dos jornaes. São os amantes que roubam ás amantes; são os maridos que fazem passar para as suas algibeiras os dotes das mulheres; são os paes que fraudam as *legitimas* das filhas; são os irmãos que furtam as joias das irmãs; e é o que vem á tona!

— A' vista disto, o adulterio não vale nada. Vamo-nos.

Sahimos do jardim e tratei de ir para a casa escrever umas cartas aos parentes, em Minas; e, quando, ao dia seguinte, para envia-las, entrei no Correio, precisando endireitar um en-

dereço, fui a uma das mezinhas, onde se encontram grossas pennas e tinta rala. Todas estavam tomadas; fiquei então á espera junto a uma dellas. Reparando melhor, verifiquei que o occupante era Gonzaga de Sá. Não escrevia, olhava alguns sellos espalhados sobre a mesa.

— Oh! Senhor Gonzaga de Sá, ande!

— Tu!

— A' sua espera.

— Já viste os novos sellos? Não te falei hontem em emblemas? Viste?

— Alguns.

— E' bom vêr. Tenho aqui de 10 réis, 20, 50, 100, 200 e 400.

— O senhor faz collecção?

— Não. Amo os homens illustres e os sellos trazem as effigies de alguns delles. Temos aqui: Aristides Lobo, Benjamin Constant, Pedr'Alvares, Wandenkolk, Deodoro e Prudente.

— Idéia feliz!

— Pena é que, ao lado, não tragam alguns dados biographicos, para que os posteros saibam quem foram; e boas sentenças moraes, para edificação dos contemporaneos e dos posteros.

— A idéia é excellente.

— Teriamos, assim, o Plutarcho Brasileiro

em franquias postaes. Embora sem isso, provocam reflexões estes sellos. Quando olhares em Aristides Lobo, 10 rs., dirás lá comtigo: está ahi um homem que nasceu para dez réis — o que não aconteceu com o Benjamin que chegou a vintem. Felizardo!

Vá que recibes uma carta urbana. Lá vem Wandenkolk, côr de telha, cem réis. Pensarás de ti para ti — como foi longe!

E não é tudo... Se ao mesmo tempo tivermos um Deodoro, verdoengo, 200 rs., um Prudente, acinzentado, 400 rs., e um Pedr'Alvares, só 50 rs.; e os outros?

Eis ahi como estava a pensar sobre os sellos, e pensar sobre sellos é dos mais modestos propositos intellectuaes. Não te parece!

— De facto.

— Bem! Escreve a tua carta.

---



## IV

# Petropolis

Gonzaga de Sá dizia-me:

— A mais estúpida mania dos brasileiros, a mais estulta e lorpa, é a da aristocracia. Abre ahí um jornaléco, desses de bonecos, e logo dás com uns *clichés* muito negros.. Olha que ninguem quer ser negro no Brasil!... Dás com uns *clichés* muito negros encimados pelos títulos: Enlace Souza e Fernandes, ou Enlace Costa e Alves. Julgas que se trata de grandes familias nobres? Nada disso. São doutores arrivistas, que se casam muito naturalmente com filhas de portuguezes enriquecidos. Elles descendem de fazendeiros arrebetados, sem nenhuma nobreza e os avós da noiva ainda estão á rabiça do arado na velha gleba do Minho e doídos pelo caldo de unto á tarde. Sabes bem que

não tenho superstição de raça, de côr, de sangue, de casta, de coisa alguma. Para mim, só ha individuos e eu, mais do que ninguem, pois descendo dos Sás que fundaram esta minha cidade, podia tel-as. Mais sei o que era necessario para tel-as. Precisava, para me considerar nobre, que meus avós tivessem obedecido a todas as regras da nobreza. Elles se casaram em toda a parte, elles nunca se importaram com os seus foraes, agora vou eu tolamente gritar por ahi, pela rua do Ouvidor: eu sou Sá, nobre, fidalgo, escudeiro, etc., etc., pois descendo de Salvador de Sá, etc., etc. Isto digo eu que sou Sá!.. Agora imagina tu um Fernandes ahi qualquer com taes prosapias! Uma instituição só é valida quando é mantida com as suas leis — os nobres aqui degradaram-se porque não respeitaram as regras da Linhagem... Sabes bem o que quer dizer *degradar* nos codigos de nobreza?

— Sei. E' voltar, por inobservancia de disposições delles, ao terceiro estado, onde, para a verdadeira nobreza, está incluída a burguezia. Os Colberts, os antepassados dos grandes ministros...

— Degradaram-se voluntariamente, para ser tapeceiros em Lyon, creio eu, concluiu o meu amigo.

Eram quatro horas e nós tínhamos vindo por leite até ao Pedregulho. Ao olhar, lá para as bandas do Jockey, a estação da Leopoldina, Gonzaga lembrou:

— Vamos ao Engenho da Penha?

— Onde é?

— Vocês só conhecem a Tijuca e Botafogo. O Rio tem mais coisas bellas... E' alli.

E apontou para o lado dos Orgãos. Continuou depois:

— Fica á margem de um canal, de cerca de duas milhas, que separa a ilha do Governador de terra firme.

Parece um rio quando se o vê escorrer mansamente, por entre as terras proximas, singrado de botes, de *perús*, de canôas, de falúas, cujas velas a viração enfuna amorosamente e os impelle de vagar... Defronte, fica o Galeão, da ilha do Governador, e o Fundão, uma outra ilha, povoados ambos os lugares de mangueiras maravilhosas.. Imagina tu que, afóra as que o raio poz abaixo, as do Galeão são algumas dezenas em quadrilatero e viram D. João VI.. A enfermaria de loucos que ellas ensombram magestosamente, foi casa de residencia do Rei simplorio e infeliz... Vamos!

Tomamos o trem. Era um dos de Petropolis. Ia cheio dos taes de que me falava ainda

havia pouco Gonzaga. Compramos primeira classe para Bom Successo, mas passamos logo para a segunda. O meu amigo adquiriu um jornal e poz-se a ler. Fiquei olhando a paisagem de mangues, desoladora, desanimadora.

Chegamos. Saltamos, fomos a um botequim, servimo-nos de cerveja e Gonzaga intimou-me:

— Tens que andar um pouco a pé... Lá diz La Fontaine: *Aucun chemin de fleurs ne conduît á la gloire...*

— Vamos! disse eu.

Um pouco longe do botequim, elle me fez parar e falou-me assim:

— Fugi dessa gente de Petropolis, porque, para mim, elles são estrangeiros, invasores, as mais das vezes sem nenhuma cultura e sempre rapinantes, sejam nacionaes ou estrangeiros. Eu sou Sã, sou o Rio de Janeiro, com seus tamoyos, seus negros, seus mulatos, seus cafusos e seus «gallegos» tambem...

Continuamos a andar e logo depois retomou a palavra com a doçura habitual.

— Já reparaste que não ha nada mais se-diço que as noticias de Petropolis?

— Quasi não as leio, respondi.

— Fazes mal; é preciso que nos preoccupemos com as culminancias de nós mesmos..

Não te patenteias? Interessa-te por Petropolis, homem!... Insignificantes, embora, merecem attenção as noticias de lá... E' só quem *sobe*, quem *desce*, não ha duvida!... Não censuro um chronista mundano que se preocupa com quem *sobe*, mas com quem *desce*! Não é lá muito do seu officio;; deixe isso para a irmã Paula.. E não é só isso! O peor é que são noticias iguaes ás de qualquer lugar, vulgares, chatas... Que pobreza!...

— Que especie de noticias queria o senhor?

— Eu?

— Escandalos mundanos?

— Qual! E' vulgar! Queria reformas, revoluções, inversões nos valores *chics*.

— Como?

— Imagina tu que um ousado philosopho do Manual da Civilidade — especie zoologica que deve florescer na bella cidade da serra — lembra-se de inverter o consagrado no DONT; e que, acceitando as suas audazes idéias, a sociedade petropolitana obriga a nos vir dizer, com grave escandalo para a Cidade Nova e Catumbý, a seguinte delicia: a gora, em Petropolis come-se com a faca e os casamentos são feitos em *pyjama*. Oh! gozo! Demais, tudo tem sido invertido, baralhado, passado do branco para o preto, só o *savoir vivre* mantem-se no mesmo!...

Não é possível! Exige-se uma inversão em tão transcendentas regras, não achas?

— E' certo; mas a culpa então não é do noticiarista; é de Petropolis.

— Porque?

— Não tem historia e pouca fantasia.

— Gente feliz!

Por esse tempo desembocavamos diante do mar. Tinhamos atravessado pequenas plantações de aipim, batata doce, abobora; a estrada era aqui, alli ladeada de capinzaes e cercas de maricá. No alto de um morro, lavravam e quem guiava os bois era uma rapariga portugueza, que tinha um grande chapéu de palha de coco e um lenço vermelho de Alcobaça ao pescoço. O mar...

Parecia mesmo um rio. Na frente, margem esquerda, o manicomio com suas vetustas mangueiras joaninas e o seu campo liso e arenoso. Um ilhote ficava no meio do canal e tinha ainda em pé as paredes de um sobrado.

Perguntei o que era aquillo a Gonzaga.

— E' o Cambambé. Aquellas paredes foram de um sobrado em cujo andar terreo havia uma venda.

— Ali! Para que?

— Antes das estradas de ferro, as communições com o interior se faziam pelo fundo

da bahia, por Inhomerim, porto da Estrella, hoje tapera; e dahi até ao caes dos Mineiros, em falúas que passavam por aqui. Os tripulantes destas é que sustentavam a venda que existiu ha cincoenta annos naquelle ilhéo sem uma arvore.

Gonzaga lembrou-me depois que Estacio de Sá viera a morrer do ferimento por frechia, recebido em combate, naquella ilha do Governador, que estava alli, na minha frente.

Olhei o canal, segui com o olhar as mangueiras centenarias do Galeão, demorei-o sobre as paredes ennegrecidas do ilhote; e, quando pousei os olhos nas aguas mansas do canal, como que vi as canôas de Estacio de Sá com os seus frecheiros e mosqueteiros deslisarem, levando o conquistador para a morte...

---



## O Passeiador

O que me maravilhava em Gonzaga de Sá era o abuso que fazia da faculdade de locomoção. — Encontrava-o em toda parte, e nas horas mais adeantadas. Uma vez, ia eu de trem, vi-o pelas tristes ruas que marginam o início da *Central*; outra vez, era um Domingo, encontrei-o na praia das Flechas, em Niteroy. Nas ruas da cidade, já não me causava surpresa vel-o. Era em todas, pela manhã e pela tarde. Segui-o uma vez. Gonzaga de Sá andava metros, parava em frente a um sobrado, olhava, olhava e continuava. Subia morros, descia ladeiras, de vagar sempre, e fumando voluptuosamente, com as mãos atrás das costas, agarrando a bengala. Imaginava ao vel-o, nesses tregeitos, que, pelo correr do dia lembrava-se do pé para

a mão: como estará aquella casa, assim assim, que eu conheci em 1876? E tocava pelas ruas em fóra para de novo contemplar um velho telhado, uma sacada e rever nellas physionomias que já mais não são objecto.. Não me enganei. Gonzaga de Sá vivia da saudade da sua infancia garrula e da sua mocidade angustiada. Ia em procura de sobrados, das sacadas, dos telhados, para que á vista delles não se lhe morressem de todo na itelligencia as varias impressões, noções e conceitos que essas cousas mortas suggeriram durante aquellas épocas de sua vida. Entendi que havia nelle uma parada de sentimento e que o volumoso caudal, de' encontro ao dique incognito, crescera com os mezes, com os annos, subira muito, e se extravasara pelas coisas, pelo total de vivo e de morto que lhe assistia viver. Um dia faltou á Repartição (contou-me isso mais tarde) para contemplar, ao sol do meio-dia, um casebre do Castello, visto cincoenta e tantos annos atraz, em hora igual por occasião, de uma *gazeta* da aula primaria. Pobre Gonzaga! A casa tinha ido abaixo. Que dôr! Assim, vivendo todo o dia nos minimos detalhes da cidade, o meu benevolo amigo conseguira amal-a por inteiro, excepto aos suburbios, que elle não admittia como cidade nem como roça, a que amava tam-

bem com aquelle amor de cousa d'arte com que os habitantes dos grandes centros presam as coisas do campo. Desse modo era um gosto buvil-o sobre as coisas velhas da cidade, principalmente os episodios tristes e pequeninos. Com uma memoria muito plastica, de uma exactidão relativa mas creadora, elle não tinha securas de foral, de cartas de arrendamento ou sesmaria, nem tinha inclinação por taes documentos; e animava a narração pontilhando-a de graça, de considerações eruditas, de aproximações imprevistas. Era um historiador artista e, ao modo daquelles primévos poetas da Idade-Media, fazia historia oral, como elles faziam as epopéas. Das coisas, dois ou tres aspectos feriam-no intensamente e sobre elles edificava uma outra mais bella e mais viva. Certa vez, não sei a que proposito, lembrei-me de observar ao meu amigo o seguinte:

— Este Rio é muito estrambotico. Estende-se pr'a aqui, p'ra alli; as partes não se unem bem, vivem tão segregadas que, por mais que augmente a população, nunca apresentará o aspecto de uma grande capital, movimentada densamente.

Elle me ouviu calado e depois me disse com aquella pausa de que dispunha certas vezes:

— Pense que toda a cidade deve ter sua physionomia propria. Isso de todas se parecerem é gosto dos Estados Unidos; e Deus me livre que tal peste venha a pegar-nos. O Rio, meu caro Machado, é logico com elle mesmo, como a sua bahia o é com ella mesma, por ser um vale submerso. A bahia é bella por isso; e o Rio o é tambem porque está de accordo com o local em que se assentou. Reflectamos um pouco.

Se considerarmos a topographia do Rio, havemos de vêr que as condições do meio physico justificam o que digo. As montanhas e as collinas afastam e separam as partes componentes da cidade. E' verdade que mesmo com os nossos actuaes meios rapidos de locomoção publica ainda é difficil e demorado ir-se do Meyer á Copacabana: gastam-se quasi duas horas. Mesmo do Rio Comprido ás Laranjeiras, logares tão proximos na planta, o dispendio não será muito menor. S. Christovão é quasi nos antipodas de Botafogo; e a Saúde, a Gamboa, a Prainha graças áquelle delgado cordão de collinas graniticas — Providencia, Pinto, Nheco — ficam muito distantes do Campo de Sant'Anna, que está na vertente opposta; mas com o aperfeiçoamento da viação, abertura de tunneis, etc., todos os inconvenientes ficarão sanados.

Esse enxamear de collinas, esse salpicar de morros e o espinhaço da serra da Tijuca, com os seus contra-fortes cheios de varios nomes, dão á cidade a physionomia de muitas cidades que se ligam por estreitas passagens. A *city*, o nucleo do nosso glorioso Rio de Janeiro, communica-se com Botafogo, Cattete, Real Grandeza, Gavea e Jardim, tão sómente pela estreita vereda que se aperta entre o mar e Santa Thereza. Se quizessemos fazer o levantamento da cidade com mais detalhes, seria facil mostrar que ha meia duzia de linhas de communição entre os arrabaldes e o centro effectivo da cidade.

E' que o Rio de Janeiro não foi edificado segundo o estabelecido na theoria das perpendiculares e obliquas. Ella soffreu, como tódas as cidades expontaneas, o influxo do local em que se edificou e das vicissitudes sociaes por que passou, como julgo ter dito já.

Se não é regular com a estreita geometria de um agrimensor; é, entretanto, com as collinas que a distinguem e fazem-na ella mesma.

Ao nascer, no topo do Castello, não foi mais do que um escolho branco surgindo n'um revolto mar de bosques e brejos. Augmentando, desceu pela veneravel collina abaixo; col-

leou-se pelas varzeas em ruas estreitas. A necessidade da defeza externa, de alguma forma, obrigou-as a ser assim; e a policia reciproca dos habitantes contra malfeitores provaveis fel-as continuar do mesmo modo, quando, de piratas, pouco se tinha a temer.

O quilomboia e o corsario projectaram um pouco a cidade; e, surprehendida com a descoberta das lavras de Minas, de que foi escoadouro, a velha S. Sebastião aterrou apressada alguns brejos, para augmentar e espraiar-se, e todo o material foi-lhe util para tal fim.

A população, preguiçosa de subir construiu sobre um solo de cisco; e creio que D. João veiu descobrir praias e arredores cheios de encanto, cuja existencia ella ignorava ingenuamente. Uma cousa compensou a outra logo que a Côrte quiz firmar-se e tomar ares solennes...

Quem observa uma planta do Rio tem de sua antiga topographia modestas noticias, define perfeitamente as preguiçosas sinuosidades de suas ruas e as imprevistas dilatações que ellas offerecem.

Ali, uma ponta de montanhas empurrou-as; aqui, um alagadiço dividiu-as em duas azinhas symetricas, deixando-o intacto á espera de um lento aterro.

Vamos ás casas e aos bairros. Um observa-

dor perspicaz não precisa lêr, ao alto, entre os ornatos de estuque, para-saber quando uma dellas foi edificada. Esse casarão que contemplamos a custo na rua da Alfandega ou General Camara, é dos primeiros annos da nossa vida independente.

Vêde-lhe a segurança ostensiva, como que quer parecer mais seguro que uma cathedral gothica; a força demasiada das paredes, a espessura das portas... Quem a fez, sahia das lutas da Independencia, do 1.º reinado e vinha seguro de possuir uma terra sua para viver a vida eterna da dèscendencia.

O tráfico de escravos imprimiu ao Valongo e aos morros da Saude alguma cousa de aringa africana; e a melancolia do caes dos Mineiros é saudade das ricas falúas, pejudadas de mercadorias, que não lhe chegam mais de Inhomirim e da Estrella.

*C'est le triste retour..*

O bonde, porém, perturbou essa metódica distribuição de camadas. Hoje (ponho de parte os melhoramentos), o geologo de cidades atormenta-se com o aspecto transtornado dos bairros. Não ha terrenos mais ou menos parallellos; as estratificações misturam-se; os depositos baralham-se; e a divisão da riqueza e novas ins-

tituições sociaes ajudam o bonde nesse trabalho plutonico.

No entanto, esse vehiculo alastra a cidade; mas serve aos caprichos de cada um, de forma a fazer o rico morar n'um bairro pobre e o pobre morar n'um bairro rico.

O mal é o isolamento entre elles; é a falta de penetração mutua, fazendo que sejam verdadeiras cidades proximas, pedindo, portanto, órgãos proprios para levarem até aos ouvidos das autoridades as suas necessidades e os seus anceios, mas o aperfeiçoamento da viação sanará tudo isto.

Mas, se a sua topographia creou essas difficuldades, deu á nossa cidade essa moldura de poesia de sonho e de grandeza. E' o bastante!»

Não tive senão que lhe dizer que tinha toda a razão.

---

## VI

# O Barão, as Costureiras e outras cousas

Tendo aconchegado bem no duro banco, os seus vastos annos cheios de meditações e scisma, Gonzaga de Sá noticiou-me:

— O Barão hoje de manhan recebeu um poeta.

— E d'ahi?

— O poeta, extraordinariamente inquieto, visivelmente embaraçado, foi-lhe perguntar se devia graphar amor com maiuscula.

— E o Rio Branco?

— Que não era conveniente no meio do verso; mas, no começo, quasi se impunha.

— Tenho satisfação em ver de que modo

superior vae o Barão influindo nas nossas letras.

— E com espirito! .. Ah! o Barão!

Gonzaga de Sá não pode deixar-se ficar no extase que esse titulo lhe provocava apesar de achar o Paranhos, como elle chamava ás vezes o ministro, uma mediocridade supimpa, fóra do seu tempo, sempre com o ideal voltado para as tolices diplomaticas e não com a intelligencia dirigida para a sua época. Era um atrazado, que a ganancia das gazetas sagrou e a bobagem da multidão fez um Deus. O que Gonzaga admirava era o titulo dado pelo Imperador. Por essa occasião, ao pensar eu nisto, repimpado em um luxuoso automovel de capota arriada, passou, com o ventre proeminente attrahido pelos astros, o poderoso ministro de Estrangeiros. Ao ver atravez das grades do jardim passar o Barão, desdenhoso e enjoado, Gonzaga de Sá me disse:

— Este Juca Paranhos (era outro modo d'elle tratar o Barão do Rio Branco) faz do Rio de Janeiro a sua chacara... Não dá satisfação a ninguem.. Julga-se acima da Constituição e das leis... Distribue o dinheiro do Thesouro como bem entende.. E' uma especie de Roberto Walpole... O seu systema de governo é a corrupção... Mora em um palacio do

Estado, sem autorisação legal; salta por cima de todas as leis e regulamentos para prover nos cargos de seu Ministerio os bonifrates que lhe caem em graça. Em falta de complicações diplomaticas, elle as arma, para mostrar o seu atilamento de Tayllerand, ou a sua astucia Bismarkeana. E' um autocrata, um khediva, porque *isto* é bem um futuro Egypto... Elle estudou — é verdade — as nossas questões de limites, mas nunca falou no Joaquim Caetano, nem no velho Teixeira de Mello. Propositadamente, esqueceu-os; e fez que as gazetas os esquecessem tambem.. Quando o Imperador leu o «L'Oyapock e l'Amazonie» de Joaquim Caetano, disse que o livro valia um exercito de seiscentos mil homens. Ganha Juca a questão do Amapá, recebe dotação, pensão, e os filhos tambem; entretanto a filha de Joaquim Caetano vive miseravelmente... E' isto! Este Rio Branco é egoísta, vaidoso e ingrato... O seu ideal de estadista não é fazer a vida facil e commoda a todos; é o apparatus, a filigrana dourada, a solennidade cortezan das velhas monarchias europeas — é a figuração theatral, a imponencia de um ceremonial chinez, é a observancia das regras de precedencia e outras vetustas tolices versalhezas. Não é bem com Luiz XIV que tem pontos de contacto; elle imita D. João V,

sem Odivellas, talvez, mas o imita. Tivemos um cardeal por muito dinheiro. Foi uma especie de sino monstro da Mafra, que era o orgulho do rei portuguez.

Nós estávamos sentados num banco do Campo de Sant'Anna. Tínhamos marcado o encontro ali, para que elle me mostrasse onde ficava exactamente o «Theatro Provisorio». Depois de ter cumprido a promessa, deixamo-nos ficar sentados, apreciando a tarde e conversando.

Em dado momento surgiu, na nossa frente, uma *menina bonita*, acompanhada da notavel complacencia das velhas mães das *meninas bonitas*. Aquelles visitantes do Campo de Sant'Anna nos surprehenderam; e a *menina bonita*, lentamente, passou deante de nós, catando olhares nos escassos frequentadores daquelle parque abandonado. Era ovelha tresmalhada; não pertencia ao grupo das que são vistas ás vezes naquelle jardim. Cheirava á Rua do Ouvidor e ao balcão (bar) de Botafogo. Comtudo, nem mesmo ao olhar decrepito de Gonzaga de Sá e ao meu estonteante de plebeismo, ella perdoou. Levou-os para casa, quando desfilou deante de nós vagarosamente. Fiquei-lhe agradecido do fundo do coração . . . .

— Até o dia de hoje, disse-me Gonzaga de

Sá, ao perder as duas mulheres de vista, em que já vou contando mais de sessenta annos de existencia, eu me lastimo de não ter tido uma longa e perfeita intimidade com alguma costureira.

Eu, a quem a convivencia com tão precioso e excepcional superior hierarchico permittira que se me penetrasse um pouco de seu feitio mental, puz-me doidamente a tirar conclusões daquelle seu pequeno desgosto:

— Era de facto bastante instructivo, pois ficãrias (já o tratava por tu e Você) admiravelmente apto para julgar a correcção do corte dos vestidos das grandes damas com o que obterias um criterio inerravel para estabelecer a escala de suas almas. De mais a mais, as condições do officio devem dar ás moças das officinas uma forma de espirito especial e rara. Inconscientemente, hão de comparar a nudez das ancas e a frugalidade dos braços nús das suas ricas freguezas com o fascinador, retumbante e fornido aspecto que toma o corpo dellas sob fazendas caras com acolchoados habeis; hão de observar tambem a iniqua natureza dual das paixões que ellas e as freguezas inspiram aos homens... Que influencia maravilhosa, meu Deus! exerce a cassa sobre os nossos sentimentos! Está ahi uma pura questão de

tecelagem, que provoca curiosas reacções psychicas! Tudo isso, continuei a dizer, com certo entusiasmo, ha de romper em excellentes sarcasmos dignos do ouvido de uma alma magoada.

— Tens razão, menino. Com a tesoura do seu humilde officio, cream a belleza das profissionaes, donde: orgulho, que se choca com a percepção da sua real situação — dahi o sarcasmo.

A mim supreendera-me o geito mathematico que Gonzaga de Sá dava ao resumo das minhas palavras; mas bem cedo percebi que troçava, quando me disse com aquelle seu meio sorriso sceptico:

— Estamos, pelo que vejo, fazendo uma pretenciosa meditação sobre a costureira. E não é sem importancia, accrescentou logo o meu dorido amigo, na nossa sociedade vestida, uma meditação sobre tão curioso agente, infinitesimal e ignorado, da grandeza e da magestade das altas camadas representativas. Para se verificar quanto a acção desses pallidos infusorios da sociedade é benefica, alta e fecunda, basta suppôr por um instante todas as grandes damas dos *upper ten thousands*, mal vestidas, simplesmente *ajambradas* ou nuas. Reduzida ao minimo ou a nada, a sua belleza obumbrante,

por inferencia iríamos examinar os fundamentos da grandeza dirigente de seus maridos e paes. A critica, com tal estimulo, estender-se-ia e a massa por contagio, impregnada de um irrespeito anarchico e desmoralisante, faria a sociedade naufragar. De resto, não são precisas tantas justificativas; a sciencia de hoje faz a côrte aos infinitiesimaes, aos pequeninos... Está ahi um ponto de contacto entre os politicos de suffragio universal e os homens de laboratorio.

— Ponto de contacto sobremodo honroso para ambos, disse eu então.

— Não era bem disso que eu queria falar, emendou Gonzaga de Sá com aquella sua voz pausada, cheia de mansuetude e bondade. Eu lastimava não ter tido uma longa e perfeita intimidade com alguma costureira, pela razão de ter ficado até hoje ignorante dos atavios, das rendas, dos generos, especies, raças e variedades dos chapéos e dos vestidos. Darwin sentiu durante toda a vida não ter aprendido algebra; eu lastimo não conhecer a technica da «Notre Dame».

Ao me dizer Gonzaga de Sá que ignorava completamente tão transcendente departamento da vida; que não tinha as menores noções de conhecimento tão util á philosophia das pai-

xões, á sciencia dos costumes e á analyse das crystalisações sociaes, diminuiu-se-me a admiração que eu lhe tinha e tão tumultuaria se mostrava desde o inicio das nossas relações.

Gonzaga de Sá estava rebaixado a meus olhos. Platão não conhecer o vestuario das damas de Athenas — era possivel? Como se saberão ao certo os fortes motivos da custosa nomeação de tal delegado ao Congresso de Repressão da Vadiagem dos Cães, na Italia, se não se souber com exactidão de que fazenda era a saia de Mlle. Zedolin que dançou num baile chique e partiu para a Europa pouco antes daquella nomeação? Um vestido possui sempre um immenso poder vibratorio na nossa sociedade; é um estado d'alma; é uma manifestação do insondavel mysterio da nossa natureza, a provocar outras em outros. E como Gonzaga de Sá, um sabio, um pensador, um subtil annotador da vida, não lhe tinha estudado a historia natural?

— Emfim, disse-me elle, pode parecer que naquella procura de fazendas, de rendas, naquelle ajustamento torturado de pannos ás carnes, ha o aneio de um ideal de plastica superior, etherea, imponderavel, acima da grosseiria dos nossos corpos terrestres; que ha em tudo aquillo alguma coisa de desinteressado, de

espontaneo, della para ella; mas, qual! Sabes para que aquillo tudo?

— Para que?

— Para arranjar um casamento, quatro filhos e criar um cavador a mais, malcreado, feróz e exigente. Ignobil! Algumas ainda por cima, aprendem violino...

Foi então que me arrependi de ter mal julgado o meu excellente e arguto amigo. Elle não parava nos detalhes; talvez mesmo não soubesse o que era *voile, nanzouk, escossez, soutache*, e outras sabenças de costureira; mas attingira a lei basica, á philosophia primeira do vestuario feminino e — quem sabe? — masculino. Uma unica objecção poderia surgir a ella. Porque se vestirão bem as damas faceis? Tudo se resume, para manter o seu rigor generalisante, em modificar um pouco, na noção de casamento, o dado de sua duração. Feito<sup>o</sup> isso, a lei Gonzaga de Sá é perfeitamente rigorosa e verdadeira. Mas, aquelle olhar que a *menina bonita*, por misericordia, deitou-me, decididamente me enterneceu. Eu me puz de repente a favor das damas contra a elegante indelicadeza de Gonzaga de Sá:

— Oh! Gonzaga! Que perversidade! Não te apiedas, vaes esmagando...

— Não; absolutamente não. Os individuos

me enternecem; isto é, o ente isolado a soffrer; e é só! Essas creações abstractas, classes, povos, raças, não me tocam.. Se effectivamente não existem!? E, pelo conceito literario, philosophico, sociologico e religioso — mulheres — tenho até uma grande affeição de ordem puramente intellectual — bem entendido! — para que não haja contradicção.

— Affeição?

— Na verdade; e é infinita e absorvente.

— Espantas-me.

— Não me accuses de inconsequencia.

Apieda-me o individuo a soffrer — já t'o disse; mas, certas creações intellectuaes nossas, incapazes de me provocar o sentimento profundo que posso nutrir por uma pessoa, são comtudo bem reaes para me despertar, ás vezes, sympathy ou indifferença no campo abstracto que lhes é proprio. Detesto a anthropologia e amo a critica religiosa. Foi meu anceo, quando moço, logo ao ler Renan, partir para a Europa e estudar o hebraico, o sanscrito e o zend, mas... não me foi possivel. E' que algumas creações da intelligencia humana são organicas, articuladas e perfectas; não resultam de approximações, da escolha de certos dados e abandono de outros, arbitrariamente; não provêm de medias guerreiras. Deves ter reparado que o re-

curso arithmetico da media tudo avassalou. E' um recurso poderoso e razoavel para certos aspectos da nossa actividade; mas, perfeitamente improprio para dar a feição sentimental de uma classe, de um povo, ou mesmo traduzir as suas determinantes da intelligencia e caracter. Por sua propria natureza, a intelligencia, o caracter, e os aspectos sentimentaes, com o suporem a sociedade, são tyranicamente individuaes. O genio é Rousseau, não são os suissos... Poderias dizer: na média no Rio de Janeiro, por anno, nascem tantas pessôas, pois trata-se ahi de numeros; mas errarias grosseiramente, se disseses que na media os cariocas são felizes. A felicidade, sensação tão volátil, instavel, irreductivel de homem a homem, é cousa differente, e não consente media a abranger centenas, milhares e milhões de seres humanos. Imagina tu que Mme. Belasman, de Petropolis, tem um grande joanete, um defeito hediondo, com o qual sobremaneira soffre; e o operario Felismino, da Mortona, orgulha-se em possuir um filho com talento. Mme. Belasman vive acabrunhada com a exuberancia de seu joanete. Passou a meninice a soffrer por elle, a adolescencia foi-lhe uma angustia; e tão insignificante augmento de seu pé, na sua consciencia, reflecte-se duradouramente, continua-

damente, com as manifestações mais inacreditáveis e aterrorisantes; entretanto, Felismino, quando bate rebites, sorri e antegoza o estrondo que uma parcella do seu sangue vae causar na sociedade. Os companheiros acreditam-no doido, e já porque uma vez elle se tenha referido enthusiasmicamente ás brilhantes qualidades do filho, creou para este, dois ou tres inimigos. Está sagrado! Quem é mais feliz — pergunto — Mme. Belasman ou o sr. Felismino? E, á vista disso, poderás dizer que todas as damas de Petropolis são felizes e os operarios de fundição são desgraçados? Ha media possivel para a felicidade das classes? Nós, os modernos, nos vamos esquecendo que essas historias de classe, de povos, de raças, são typos de gabinete, fabricados para as necessidades de certos edificios logicos, mas que fóra delles desaparecem completamente: — Não são? Não existem. Comprehende-se a *esphera*, o *cubo*, o *quadrado*, em geometria; mas fóra dahi, é em vão querer obtel-os. E de tal modo este engano está agitando a nossa opinião, que, parece-me, vae resurgir o famoso debate escolastico dos «universaes». Tu o conheces, não é?

— Mal.

— Encheu a Idade-Media a pergunta: certas idéas geraes são uma realidade? Existem,

de facto, ou não, fóra dos individuos que as concebem? Por seculos a opinião se dividiu, o debate se alongou; e houve entre os sabios partidarios apaixonados — realistas e nominalistas — como hoje, nos nossos *cavallinhos*, entre seus juvenis frequentadores, ha azues e verdes. O moderno debate ainda não se estabeleceu; embora isso, eu sou *conceitualista*, como Abèlard; e, por sel-o, é que tenho pena de Mme. Belasman em face do orgulho do Felismino da Fundição da Mortona..

A noite cahia rapidamente. A tarde, dubia, apressara-lhe a queda e não nos dera senão um monochromico crepusculo de chumbo, com bambolinas de theatro. Por nós uma caleça descoberta, suja e feia, passou, sopesando um par gordissimo, que parecia não temer a tempestade que se annunciava. Tinhamos deixado o parque e descemos pachorrentamente a Rua da Constituição, sem medo tambem do aspecto torvo da tarde. Depois da caleça estalou uma leve *charrette*, cuja passagem poz alguma coisa de alado, de independente e petulante, naquelle ambiente taciturno. Nós dois, por minutos quando no largo do Rocio, estivemos sem nada dizer, parados, olhando para um lado e outro, até que Gonzaga me disse:

— Vamos ainda ao Garnier, pois quero

comprar o Poincaré — «La Science et l'Hypothese». Depois iremos jantar umas petisqueiras. Descemos a Avenida em direcção á Rua do Ouvidor.

---

## VII

### Pleno contacto

Quando fui á Secretaria dos Cultos tratar da questão do Cardeal, falei em primeiro lugar, como era natural, com o director geral dos cultos catholicos, o Barão de Inhangá. Era um velho funcionario do tempo do Imperio que se fizera director e Barão, graças ao seu nascimento e á sua antiguidade de funcionario. Homem intelligente, mas vadio, nunca entendera daquillo nem de coisa alguma. Entrára como chefe de secção e durante as horas de expediente o seu maximo trabalho era abrir e fechar a gaveta da sua secretaria. Foi feito director e, logo que se repimpou no cargo, tratou de arranjar outra actividade. Em falta de qualquer mais util aos interesses da patria, o Barão fazia a toda hora e a todo o instante a ponta no la-

pis. Era um gasto de lapis que nunca mais se acabava; mas o Brasil é rico e aprecia o serviço de seus filhos. Quando completou vinte e cinco annos de serviço, foi feito barão. Como dizia, falei-lhe em primeiro lugar e elle me mandou ao chefe da secção «De Alfaias e Paramentos». Logo que entrei na sala, feriu-me o destaque original de Gonzaga de Sá. O chefe da secção era uma mediocridade das mais banaes; mas senti em Gonzaga muita naturalidade, muita força nas suas maneiras e um forte ar de segurança no seu alto semblante, em V. Depois de expôr ao director da secção o objecto da minha visita, elle tomou o «papel» que eu levava e escreveu no alto de uma das folhas:

— Ao sr. Gonzaga de Sá para informar e dizer a respeito.

Fomos, eu e o continuo que me acompanhava, até o official designado e tive verdadeira alegria em verificar que era aquelle de quem me affeioára ao entrar. Reparei que, antes de escrever, o magnifico chefe das «Alfaias e Paramentos» meneou a caneta ao geito de um esgrimista e pareceu-me que a tinta lhe ia pingando do nariz timido e vermelho. O seu cursivo, ao fim de minutos, naquellas mingua-das letras, surgiu caprichoso, floreado e abundante de uma respeitabilidade de escriptura

chaldaica. Segui o «papel» até á meza de Gonzaga de Sá, a quem expuz a atroz difficuldade. A' luz da leitura vagarosa do processo, o sympathico informante considerou bem o caso; e, em brève, sorrindo com a sua humidã bocca de moça, perguntou-me:

— Porque não se houve a Secretaria da Propaganda, em Roma?

Logo, porém, tomando da penna, num *pagaio*, poz-se a informar com a solennidade requerida. Fôra tão brusca a passagem de uma attitude á outra, e os gestos revelaram-me tão bem as suas duas pessôas, que senti immediatamente, como se escondia sob aquellas formalidades passageiras a palpitação moça de uma intelligencia livre, que se adaptara superiormente ao feitio espirital de sua terra e á sua propria fraqueza de genio pratico. Foi verdadeiramente dahi que nasceram as nossas relações. Por mezes seguidos, nós nos encontramos rapidamente, cumprimentando-nos com as maiores *arras* de sympathia. Insensivelmente, esses encontros demoraram-se e, portanto, melhor eu pude ir percebendo que se occultava sob o seu azedume habitual, uma grande alma compassiva. Em começo, pareceu-me que elle systematisara o resaiço amargo de alguns pequenos desgostos, para formar um temperamento origi-

nal; mas, com o tempo, verifiquei que não havia em todas as suas manifestações nada de buscado, de procurado, — tudo nelle era estrutural e as suas originalidades lhe tinham vindo naturalmente e foram-se fazendo com o lento trabalho sedimentar do tempo, do isolamento, da bondade e do intimo soffrimento. Então, desconfiei que uma grande magua lhe turvara a mocidade, e que essa magua, por não a ter nunca confessado, por não lh'o consentir a sua reserva, ficou-lhe imprecisa, vaga e fugidia. Procurei decifral-a e concebi hypotheses. Não vinha de amor; seria vulgar de mais para Gonzaga de Sá. Entretanto, não afianço.. No meu amavel amigo, a critica precedia qualquer acto; e assim o amor não faz males. Emfim.. Teria tido sempre esse genio? Elle mesmo me confessara que, a bem dizer, se esquecerera de casar; e só lhe passara isso pela idéia nas duas vezes já alludidas. Seria de alguma dellas que lhe vinha a magua? Não sei; comtudo, uma ou outra vez, surprehendi-lhe certos gestos extranhos.

Ao entrar de manhan na secção dos Paramentos, vi de longe que Gonzaga de Sá deseinhava; e quando deu commigo, escondeu grosseiramente o papel. Não era um tal movimento da sua educação e eu pude ver, de relance, que

se tratava de uma phisionomia humana. Uma tarde, num botequim em Copacabana, fui dar com o meu velho amigo a rabiscar a carteira. Tomava notas, disse-me, e eu acreditei.

Afóra taes gestos, nada me revelava que houvesse nelle qualquer mozza de um brusco choque com a vida. Poder-se-ia, para arranjar uma explicação do seu estado d'alma, admittir que a magua lhe andava esparsa na desigualdade de sua natureza, na variedade de suas aptidões, sem uma preponderante e victoriosa, na sua amarga e dorida visão da vida e no seu anhelto de absoluto. Havia nelle um drama de organização e intelligencia ou o que havia?

Fiz, como verão, todas as hypotheses, mas nunca nenhuma me satisfez; entretanto, para não cançar o leitor, eu lembrarei como Pöe (crejo eu) que a verdade está sempre na hypothese mais simples, ao que Comte ajunta a mais sympathica. Cada um que faça a sua de accordo com esses conselhos.

Por uma tarde clara de quinta-feira, foram me lembrando taes cousas, emquanto palmilhava o caminho que ia ter á casa do meu amado amigo. Acompanhava-me por elle afóra, de envólta com essas agradaveis recordações, uma grande e exuberante alegria na alma. O con-

tacto ia ser pleno e a visita dar-nos-ia o perfeito enlace das nossas almas. Caminhava como para um quarto de nupcias. Mais do que o jantar e as aguas fortes que elle me convidara a folhear, levavam-me á sua casa, á sympathica curiosidade de viver o interior e o desejo de saborear a sua intelligente palestra, paradoxal e um tanto sentenciosa. Na nossa terra de submissão antecipada, o paradoxo encanta, mesmo sob o aspecto sentencioso. Subi de vagar uma rua em ladeira, pelas bandas da Candalaria; e bati palmas, com respeito, no portão do jardim de sua velha casa, lá quasi no alto de Santa Thereza. Veio-me abrir a porta um preto velho, da raça daquelles pretos velhos que soffreram paternalmente os caprichos das nossas anteriores gerações.

— Senhor Gonzaga de Sá?

— Nhonhô?

— Sim, meu velho.

Entrei para a sala principal da casa, da qual mestre Gonzaga de Sá fizera a sua de estudos. Tinha o tecto em tronco de piramide rectangular e estucado, e as estantes, a não ser nos vãos das janellas e portas, eram pequenas, da altura do peitoril da janella, e guarneciam a sala em toda a extensão das quatro faces. Por cima dellas, ao geito de um longo consólo,

havia bustos, quadrinhos e mineraes insignificantes; e, nas paredes, além de dois ou tres pequenos quadros a oleo, uma reproducção da «Primavera» de Boticelli e um Rouget de Lisle, cantando pela primeira vez a Marselheza. Havia tambem sobre a secretaria um busto de Julio Cesar e, pregado á parede em que elle se encostava, bem alto, um magnifico retrato do Dante, enquadrado em modura vulgar. Lia-se-lhe em baixo, em letras gothicas, este verso do Inferno: *Amor, che a nullo amato amar perdona*. Pairava por toda a sala o olhar transcendente de um mocho de bronze, empoleirado na «bandeira» da porta de entrada. Com isso, tudo em muita ordem e sem luxo; havia desordem só na grande mesa do céntrico, em que livros, revistas, papeis se baralhavam familiarmente. Uma cadeira de balanço destinava-se ás longas meditações vadias; á direita da meza, uma cegonha de pescoço esticado, naquelle me-neio arisco de cabeça tão característico desse pernalta, presidia com elegancia e desconfiança ao laboratorio das scismas e dos pensares de Gonzaga de Sá.

Vasos com pequenas palmeiras e avencas estavam espalhados por entre tudo isso. Recebeu-me de pé, com um pequeno jornal na mão.

— Pontual. Cinco horas.

— Pensei não te encontrar ainda. Foste visitar o compadre aos suburbios?

— Fui. Pobre compadre! Vae mal; depois da viuvez peiorou muito...

Gonzaga de Sá baixou um tanto a cabeça e, depois, bruscamente, como quem quer afastar uma idéa triste, accrescentou:

— Fui. Cada vez mais interessantes, os suburbios. Sobremodo namoradores e feministas...

— Feministas?

— Feministas! Como não? A actividade intellectual daquelle parte da cidade, ao se entrar no trem, parece estar entregue ás moças... Tal é o numero das que trazem livros, violinos, rolos de musica, que a gente se põe a pensar: estamos no reino da Grã Duqueza? Conheces a Grã Duqueza?

— Não.

— E' uma opereta de Offenbach em que as mulheres são homens, fazem guerra, têm exercitos... Eu a vi pelo Vasques... Que graça tinha esse ladrão! Dizia muito bem, com muita malicia — se o nenê chorar, quem ha de lhe dar de mamar? Ah! o Vasques!. Que saudade!... Nos suburbios, dá vontade de perguntar — quem ha de dar de mamar aos futuros filhos dessas meninas?

— Não ha perigo algum, disse-lhe eu.

Quando vier o casamento, fecham as grammaticas, queimam as musicas, e começarão a repetir a historia igual e enfadonha de todos os casamentos burguezes ou não.

— Ha de ser assim mesmo, pois a eternidade de nossa especie parece repousar sobre bases solidas. Que achas?

— De pleno accordo, repliquei eu. Basta que as mulheres, sejam quaes forem as condições dellas, não pensem em outra coisa e queiram-na de qualquer modo até o ponto de fazer a raça humana a mais perfeitamente desgraçada de todas as raças, especies, generos e variedades animaes e vegetaes do planeta. Eu as accuso!

— As vezes penso dessa maneira, sem duvida de natureza alguma; mas, depois, surge cada coisa que... Ha duas horas, na estação da Piedade... Mas... Venus é uma deusa vingativa, dizem.

Eu me tinha sentado no divan, junto á porta de entrada e mestre Gonzaga de Sá na cadeira de balanço. Entre nós, em todo o seu comprimento, havia a grande mesa do centro. O meu amigo tinha-a ao alcance da mão, enquanto eu estava um pouco afastado. Pelas janelas abertas entrava a branda viração da tarde, e as emanações do jardim eram trasidas

por ella e se dissolviam pelo ambiente todo. Olhando as deliciosas figuras do melancolico Sandro, discorria o meu generoso amigo:

— Ha duas horas, na estação da Piedade, esperava eu o trem. Afinal, foi elle anunciado. Dahi a instantes apontou, ao tempo em que um homem atravessava a linha um pouco a montante da estação. Avisos... gritos... gestos... O trem apita. O homem entontece, ataranta-se e é apanhado — mas de que maneira, meu Deus?! O limpa-trilhos levanta-o, atira-o sobre aquella especie de plataforma-prôa — sabes? O animal agarra-se a um ferro e a locomotiva acaba parando, bem junto á estação, trazendo o pobre homem de cabeça partida, humilhado, ensanguentado, mas vivo, vivinho, aparvalhado, succumbido, completamente esmagado de terror deante daquella besta paleontologica que elle mesmo inventara. A eternidade da nossa especie repouza sob bases solidas, Machado.

Ouvindo uma voz na sala, voltei-me.

— Machado: minha tia Escolastica, apresentou-me Gonzaga de Sá.

Que linda figura de velha era a della. Muito clara, com uns olhinhos verdes e um meúdo perfil de creança. Tudo era candura e sympathia naquella velha solteirona. A alvura de seu casaco resaltava extraordinariamen-

te, immaculada, e seus cabellos brancos, já com aquelle tom amarello da grande velhice, eram apanhados em bandós, com uma rêde de linha preta. Não me pude demorar mais, vendolhe a p̃hisionomia de septuagenaria. Gonzaga de Sá pediu licença e foi com ella ao interior da casa dár uma providencia. Voltou logo. Houve tempo, porém, para que eu, indiscretamente, pudesse ver sobre a mesa uma folha de papel rabiscado. Havia oito ou dez narizes desenhados successivamente e por mão inhabil que se esforça em vasar uma forma que viu ou já ouviu e ainda tem em mente. Que singular mania, meu Deus.

— Não imaginas, disse-me ao entrar, como estes pombos me dão trabalho.

— Crias pombos?

— Crio. Gosto das aves, especialmente dos pombos, do seu vôo, das irisadas pennas do seu pescoço, da sua graça, da sua natureza intermediaria de ave de terreiro e de vôo... O brutamontes do meu gato mette-lhes medo; mas os pobresinhos voam para o Sol... Já tens fome?

— Não.

— Mandei trazer um pouco de vinho Buccellas branco. Gostas?

— E' delicioso.

Dentro em pouco o velho preto Ignacio entrou com os copos e a garrafa numa bandeja.

— Deixa ahi, Ignacio.

Embora Gonzaga de Sá falasse com toda a brandura, o pobre velho quasi deixou cahir a garrafa.

— Não imaginas, menino, que thesouro de dedicação ha nesse homem. Eu não sei donde elle o tira e de que maneira argamassou tão grandes sentimentos. Nasceu escravo, uns dias antes de mim; meu pae o libertou na pia, por isso. A mim me acompanha desde os primeiros dias do nascimento. E' um irmão de leite. Viu-me nas attitudes mais humildes; apreciou-me em propositos repugnantes; assistiu ao desmoronamento da grandeza da minha casa familiar; entretanto, não sendo, como parece a todos, destituído de intelligencia critica, sou para elle o mesmo, o mesmissimo, cuja representação se lhe fez na consciencia, no correr dos seus primeiros lustros de vida. Eu não o chego absolutamente a comprehender. Acho-o obscuro; mas me deslumbra — é grandioso!. A's vezes, confesso, me parece uma subalterna dedicação animal; ás vezes, tambem confesso, me parece um sentimento divino .. Eu não sei, mas amo-o.

Não fôra sem commoção que Gonzaga de

Sá me dissera isso; houve como um ligeiro tremulo na sua vóz e, talvez para disfarçar foi que pegou de um pequeno jornal de provincia, passando o olhar ligeiramente por elle.

— Lês a «Gazeta de Uberaba»? indaguei.

— Leio. Um amigo, politico lá, manda-me.

— Que elle te mande, não é de admirar; mas que a leias!..

— Leio. Gosto dos jornaes obscuros, dos jornaes dos que iniciam. Gostos dos começos, da obscura lucta entre a intelligencia e a palavra, das singularidades, das extravagancias, da livre ou buscada invenção dos principantes.

— Estás como o meu amigo Domingos Ribeiro Filho, que diz: todo o victorioso é banal.

— Concordo com elle, mas unicamente no meu estreito ponto de vista pessoal.

— De certo.

— Eu assigno a «Pesquiza», de Cascadura. Está alli um exemplar. Tira. E apontou uma estante junto de mim.

— Esta?

— Sim. Lê o summario.

Tinha em mãos a «Pesquiza», de Cascadura, em cuja capa, feia e suja, a envolver uma má brochura de sessenta paginas, li vagamente: *Literatura subjacente; Teixeira de Souza,*

*o estylista e o romancista*, por Gualberto Marques; *Halos*, poesia por Beltrando F de Souza; *O pintor Manuel da Cunha e os coloristas fluminenses do Seculo XVIII*, por Aymbiré Salvatore; *O temperamento na sciencia*, por I. K.; *A mathematica dos arabes e hindús e o calculo differencial em face da geometria grega*, por Karl von Walposky da Costa; *Da necessidade de corromper a lingua portugueza falada no Brasil*, por Bruno Uricury Furtado; *A desassociação da materia e o inabalevel scientifico*, por Frederico Balspoff de Mello; *Os casos do mez e os seus commentarios*, chronica por Baldonio Flaron.

Em seguida puz-me a folhear, lendo aqui e alli as paginas da suburbana publicação mensal. Não o fiz sem surpresa. Causava admiração que em tão detratado suburbio, se agitassem tantas idéias differentes e novas. Gonzaga manteve-se calado, sem perder um só dos meus gestos. Gozava . .

— Cascadura dando a nota, hein?

— E' verdade.

— A' vista dos nossos grandes jornaes e revistas catitas, a «Pesquisa», de Cascadura, é uma bella publicação intellectual. Folheei ainda uma vez a brochura; li trechos aqui e alli e depois disse:

— Curioso é que haja tanta gente obscura capaz de escrever sobre assumptos tão elevados. Conheces algum?

— Nenhum; mas o que te surprehende?!... Ha entrę nós muito talento. O que não ha é publicidade, ou antes, a publicidade que ha é humilhante, além de completamente destituida de vistas superiores.

— Como?

— Muito simplesmente... Analysemos: quaes são os meios de publicidade?

— O jornal e a revista.

— .... e o livro, concluiu Gonzaga de Sá.

— O livro tambem.

— Um jornal, dos grandes, tu'bem sabes o que é: uma empreza de gente poderosa, que se quer adulada e só tem certeza naquellas intelligencias já firmadas, registradas, carimbadas, etc., etc. Demais, o ponto de vista limitado e restricto dessas emprezas, não permite senão publicações para os leitores medianos, que querem politica e assassinatos. Os seus proprietarios fazem muito bem, dão o que lhes pede o publico... Se não consultam as medias, têm que lisongear os potentados, os graúdos, porem-se a serviço delles — gente, em geral, perfeitamente estranha ao tenue espirito brasileiro e que não quer saber de coisas

do pensamento desinteressado... Além disso, são necessarias mil curvaturas, para chegar até elles, os grandes jornaes; e, quando se chega, para não escandalisar a media e a grande burguesia, onde elles têm a sua clientella, é preciso atirar fóra o que se tem de melhor na cachola.

— E as revistas?

— São a mesma coisa, tendo a mais as photographias.

— Não ha entre nós, continuou elle, aquella procura que estimula a argucia dos editores e empresarios de publicade do estrangeiro — a da intelligencia viva e nova. Qual o que! Satisfazem-se os nossos negociantes de livros e jornaes com o ramerrão e para variar mandam buscar a novidade em Portugal. Soffreiam o nosso pensamento, porque, quem não apparece no jornal, não apparecerá nem no livro, nem no palco, nem em parte alguma — morrerá. E' uma dictadura.

— Você deve dividir a culpa... E o publico? e os autores?

— O publico é malleavel, é dirigivel; os autores, estes sim, têm culpa. Entretanto, eu achei um meio de travar conhecimento com a joven intelligencia de minha terra: leio as revistas obscuras e alguns jornaes de provincia.

Se a dôr da rima e do metro augmentam a belleza da poesia, a escassez do espaço dá um grande realce aos artigos das pequenas revistas. Adivinha-se muito do que os autores não puderam dizer; inventando-se tambem muito do que nem siquer lhes passou pela mente... Sugere?

— E' possivel que tenhas raras emoções na leitura das pequenas revistas, mas nos jornaes de provincia — tão cheios de politica e intriga!

— Engano! Este numero da «Gazeta de Uberaba» é um desmentido perfeito ao que asseveras.

— Ora! Questiunculas!

— Questiunculas! Hom'essa! Altas questões sociaes, meu amigo! Cuida da industria pastoril e diplomacia!

Ao dizer isto, Gonzaga de Sá foi-se levantando aos poucos, pondo-se afinal de pé e fazendo menção de ler, com o jornal á altura dos olhos.

Olhei um instante á janella. As nuvens esgarçavam-se nas cumiadas das montanhas e cobriam-se diversamente á luz macia do poente. Aqui, era laranja; alli, purpura, ouro, anil, cinzento; ora, franjavam-se; ora, em novellos; ora, em fitas, em barras, tomando as mais capri-

chosas e instaveis formas, com as mais bellas côres dos bellos céos.

Gonzaga de Sá não teve tempo de pronunciar uma palavra. Illuminada, com uma luz de retabulo, na porta de communicação, D. Escolastica, a tia, appareceu, convidando:

— Venham jantar.

Fomos. Gonzaga de Sá levou o jornal.

## VIII

### O Jantar

D. Escolastica obrigara-me a passar deante della e Gonzaga de Sá seguira-nos com o jornal na mão. Penetramos na sala contigua, onde parei um bocado, a ver os retratos de familia. O Mestre não rompera com a tradição, que os quer na sala de visitas. Ahi os tinha, e não no seu gabinete de trabalho. Havia uma galeria de mais de seis veneraveis retratos de homens de outros tempos, agaloados, uns, e cheios de veneras, todos; e de algumas senhoras. Sem bigodes, de barba em collar, com um olhar imperioso e sobreceño carregado, um delles me pareceu que ia erguer o braço de sob a moldura dourada, para sublinhar uma ordem que me dizia respeito. Cri que ia ordenar: *mettam-lhe o bacalhão*. Virei o rosto e fui pou-

sar o olhar na figura impalpavel de uma moça com um alto penteado cheio de grandes pentes, muito branca, num traje rico de baile alto de outros tempos.

— Quem é? perguntei.

— Minha avó, em moça, mãe de meu pae. Viveu em França, assistiu á revolução. Demorei-me olhando o retrato e os meus sentimentos já eram outros. A phisionomia benevolã da moça, terna, irresistivelmente meiga, fizera-me esquecer a carranca do velho de barba em collar.

— Gostaste? Tem alguma coisa da Escolastica, não achas?

— Parecem-se.

— Quando moça, era exactamente, dizia meu pae, excepto os olhos que, em Escolastica, puxam para o verde e, nella, eram profundamente azues, de Minerva. Não parece nada com os outros meus avós, cujas phisionomias dão a entender que tinham da vida uma visão de carrasco.

— Você tem cada proposito, Manuel. Pareces doido... Elle foi sempre assim. Nunca se o poudes entender, disse para mim a velha tia.

— Não ha desrespeito nenhum... Cada um na sua época, reflectiu Gonzaga. Por mais

que não queira, homem do meio, o meu retrato para os posterios deve ter alguma cousa de parecido com o do de um homem de prégo. O onzenario, sob este ou aquelle disfarce, é o homem representativo da época...

E seguimos para a sala de jantar, não sem que eu deitasse um longo olhar sobre aquelles velhos moveis de jacarandá, tão amplos e fortes que se diria feitos para outra raça de homens que não a nossa, aquella que vemos por ahi nas ruas, nos theatros, nas regatas, nas corridas, mesquinha e sordida.

D. Escolastica sentou-se á esquerda; Gonzaga de Sá á cabeceira, e eu á sua direita. Pela janella nas duas extremidades da sala, fiquei vendo o exterior. Desciam pelo flanco bruscamente claro da pedreira, pequeninos negrumes de gente; á esquerda, na chapada do morro, uma palmeira adelgaçava-se pelos ares.

— Gostaste da casa?

— Gostei.

— Foi de meu pae... Que sacrificios para ficar com ella! Não queiras nada com a justiça, pois quasi sempre é a unica herdeira. Felizmente conservei-a.

— Foi a unica vez que te vi activo, reflectiu D. Escolastica.

— Pudera! Eu amava o ambiente, as vis-

tas, o tecto, as paredes . .

— Quasi não mudou nada, observou a tia.

— Alguma coisa. Aquella palmeira, por exemplo, explicou Gonzaga de Sá, apontando a janella, é nova.

— Nova! Tem mais de vinte annos, fez D. Escolastica.

— Nova, sim! Se não nos viu nascer...

Olhei ainda uma vez a altiva elegancia da arvore, lá, muito no alto, pairando sobre toda a cidade, e a beijar as nuvens radiantes. Ha mais de vinte annos soffria a violencia inconstante dos ventos; ha mais de vinte annos escapava á raiva traiçoeira do raio; ha mais de vinte annos supportava o rugido inoffensivo do trovão . . . . Todas essas negações, e as outras vindas da terra dura, granitica e pobre, fizeram-na maior, mais airosa, deram-lhe mais orgulho e atiraram-na aos ares altos. Hoje, plana sobre tudo, sobre a cidade, sobre a ingratição do granito e olhará compassiva e desdenhosa as pobres e cuidadas arvores que enfeitam as ruas. O jantar começou a ser servido por um copeiro dos seus dezoito annos. Acabando de tomar a sopa, Gonzaga de Sá que tinha o pequeno jornal na mão, disse-me:

— Eu não quero adiar o prazer que te prometti.

— Qual?

— A leitura destas lindas chronicas da *Gazeta de Uberaba*.

— Vamos ver.

— Trata-se da chegada a Uberaba de...

— Alguns poetas?

— Não.

— De naturalistas?

— Não. Trata-se da chegada de reprodutores zebús. O jornal occupa-se com o facto em tres columnas e começa assim: «*Ainda uma vez Uberaba teve ensejo de constatar o quanto pode a iniciativa dos seus filhos, etc., etc.*»

Continuou a ler e em outro ponto, disse-me:

— Guarda esta phrase: «*batedores de uma nova cruzada etc.*»

Emendou a leitura e, em dado momento, chamou-me a attenção:

— Olha este pedaço: «*embora o adeantado da hora, grande massa de povo, calculada em cerca de quinhentas pessoas, etc.*» Que multidão! Hein?

Reencetou a leitura e não tardou em interrompê-la para sublinhar certo trecho.

— Nota que houve musica: «*então*» (quando chegaram os touros e as vacas) a banda «*Santa Cecilia*» rompeu brilhante dobrado e

*nutridas acclamações se fizeram ouvir.» Vivam as vaccas! Accrescentou Gonzaga.*

Seguiu por deante a sua leitura e, em certo ponto, disse-me:

— Observa este pedacinho: *«vieram alguns individuos «nellore»... destacando-se um pelo bello porte e excepcional belleza...»*

Abaixou o jornal e considerou:

— Imagina tu quantas vaccas amorosas não o esperavam em Uberaba.

A tia, a esse tempo, reprehendeu-o:

— Que é isso, Manuel, acaba de jantar!

O jantar dahi por deante correu calmamente, sem a intervenção do gado zebú. Aproveitando o incidente D. Escolastica poz-se a narrar-me a extranheza da vida do sobrinho. Não parecia um velho, não tinha horas para nada, não tinha methodo algum. Comia a toda a hora; levantava-se alta noite e sahia; passava dias fóra de casa, com um e com outro. Parecia verdadeiramente um cigano, desses que vivem ao Deus dará.

— Não sei ainda como vives, rematou D. Escolastica com aquelle seu ar natural e unctuoso.

— Ora! fez elle.

— Ha dias que elle me chega aqui, continuou D. Escolastica para mim, á meia noite...

É sem jantar! Não sei onde anda... Chega cansado... E não é tudo: Ha noites que passa em claro, a ler, a ler...

Admirou-me muito o interesse affectuoso com que ella seguia a vida do sobrinho.

Revelava um disvelo diario, minuto a minuto, de dia e de noite..

— Tu não me comprehendes, Escolastica, apesar de me teres creado.

— Sim, de certo; essas maluquices... Essas tuas vagabundagens..

E o dialogo continuou assim, com uma frescura juvenil de amuo entre irmãos de vinte e poucos annos.

— E' verdade que o Manuel sempre foi extravagante. Uma vez (ella se poz a me contar) meu irmão, o pae, foi agarral-o na janela do sotão. Desce, Manuel, desce! Que fazes ahi? O senhor sabe o que elle respondeu?

— !...

— Quero voar, Papae. Meu irmão reprehendeu-o muito e Manuel chorou o resto da tarde.

— Era bem, meu pae, lembrou Gonzaga de Sá. Alto, meticoloso, muito grave e solenne — conheceste?

— Não; nem podia.

— E' verdade.

— Esteve no Paraguay?

— Não. Já não podia. Depois da guerra contra Rosas, em 1852, ficou no magisterio, como lente da Escola Central, explicou-me Gonzaga de Sá. Estava já muito alquebrado, em 1865, quando rebentou a guerra contra Lopes.

— Tiveste um irmão que morreu na campanha?

— Tive; o Januario, o mais velho.

— E os outros?

— Todos morreram sem descendentes. Só uma irman, a Maria da Gloria, que vive ainda na Bahia, onde o marido é desembargador aposentado, é que teve filhos, quatro penso eu, que já lhe devem ter dado netos. Não a vejo ha trinta annos e não lhe escrevo ha cinco.

— E' a mais moça?

— Não; sou eu. Ella é mais velha do que eu um anno e pouco.

— E tua mãe, morreu muito moça?

— Não; em bôa idade. Deixou-me com oito annos. Quem me creou foi Escolastica.

Ao dizer taes palavras, houve na voz do meu amigo um pequeno tremor; entretanto, era banal o facto que a phrase lembrava e o jantar chegou á sobremesa, entremeiado por esse dialogo. O café foi servido na sala de visitas, com as janellas abertas para as bandas

de Niteroy que começava a illuminar-se. A sala ainda não tinha luzes e havia uma grande paz no exterior. Casas do morro começavam a illuminar-se e todas pareciam contemplar-nos com sympathia. A palmeira, em pé, muito firme, adormecera. Uma cigarra estridulou no jardim e mais depressa nos vieram as scismas. A cigarra calou-se. Fumavamos, eu e Gonzaga, e olhávamos o morro, enxergando pouco.

— Como estará o Romualdo?

— Como vae elle? perguntou D. Escolastica.

— Muito mal. E o Aleixo Manuel, aos oito annos, tão vivo, tão excepcional.. Coitado! Sem as doçuras maternas já; agora, o pae.. Como vae ser sempre a sua alma cheia de arestas..

— Elle tem ido ao collegio, Manuel? fez-lhe a tia.

— Vae. E' uma creança extraordinaria, muito mesmo; já lê desembaraçadamente e calcula... Ah! se fôr o genio esperado!.. Quem déra!?

Gonzaga poz-se a olhar interrogativamente. A sala estava quasi em treva completa e, na indecisão dos traços de sua cabeça, eu só via o seu grande olhar que me envolvia todo, respirando vaticinios de sympathia. D. Escolasti-

ca, ergueu-se da cadeira, olhou um pouco a janella, depois voltou-se e disse, destacando palavra por palavra:

— Está escuro. Accende as luzes, Manuel.

E os bicos de gaz foram accesos vagarosamente. O velho piano Erard, de cauda, monstruoso, muito grande, surgiu todo inteiro na sala illuminada, como um animal fantastico. Mal as luzes brilharam, a paz externa quebrou-se. Houve um pequeno sussurro e a vida das coisas continuou.

— D. Escolastica não toca?

Esta pergunta eu lhe fiz por mera polidez, visto que a sua avançada idade já a devia ter separado do velho instrumento.

— Ha trinta e tantos annos que não.

— Desgostou-se??

— Desde que ouvi o Gottschalk não tive mais animo de me sentar ao piano. Só quem o não ouviu! .Era macio, que cousa! Tinha não sei o que nas mãos..

E a velha senhora queria achar palavras, modismos que transmittissem a grande impressão que lhe fizera o pianista e suas musicas; e, com o esforço, o seu olhar de esmeralda tomou mais brilho, correndo por elle uns lampejos de mocidade breve apagados.

— Nunca ouviste peças delle? perguntou-me Gonzaga de Sá.

— Uma ou outra.

— Merecia ouvi-las. São bem diferentes da musica dos mestres europeus — secca, cerebral, sem raizes na nossa sensibilidade americana. O Gottschalk era fantastico, dolente, impetuoso... Aqui, elle provocou um delirio geral.

— Gostavas muito, não era, Manuel? Lembro que foste a todos os concertos com teu pae. Falavas muito na *Morta*, no *Poeta*...

— .... na *Savana*, na *Bamboula*, nos *Olhos creoulos*, concluiu Gonzaga de Sá. Que entusiasmo gerou! E estavamos em guerra com o Paraguay... Não foste Escolastica, ao concerto monstro?

— Não; mas fui ao beneficio da Stoltz. Nunca houve aqui um beneficio como o della. Manuel era muito menino; tinha onze ou doze annos. Eu fui. Hoje, quando me recordo, me parece estar vendo a sala do Provisorio repleta e linda de senhoras e moças. Depois da aria *Oh! mio Fernando!*, da *Favorita*, houve um estrepito de palmas, flores e flores, brindes. A duquesa de Abrantes, sobre uma almofada por ella propria bordada, manda-lhe uma corôa. A sala delirou — coroi-vos! coroi-vos! Flores, gritos,

flores, gritos... A Stoltz hesita, afinal põe o emblema na cabeça. Que mulher! Nem que fosse uma rainha!

E eu reflectia commigo mesmo sobre a ingenuidade daquella sociedade; e D. Escolastica continuava:

— Parecia uma palma só — todas ao mesmo tempo ..

— Mezes depois, vinham as descomposturas, as perlengas parlamentares, os epigrammas — não foi Escolastica? observou Gonzaga.

— E' verdade. Tudo aqui é assim: muita festa, muita festa, depois ..

— Houve até uns versinhos, continuou Gonzaga, que ficaram famosos. Diziam-n'os do Francisco Octaviano:

*Que importa que digam que é velha, que é feia  
Que pinta os cabellos, que enfeita o carão.*

Gonzaga de Sá tinha lagrima nos olhos e a tia olhava para o tecto cheia de beatitude. Admiriei-me e disse:

— Como te lembras!

— Ora!... A cidade os soube de cór durante dez annos.

— O Lyrico foi sempre o nosso fraco, reflecti.

— Influencia do Imperio. O Provisorio custou rios de dinheiro. Precisava-se de um salão, de um lugar de encontro para a grande gente. Nós não tínhamos palacios, não havia uma educação mundana . . . Accrescia a falta de cultura das altas classes. Sem que, em geral, tivessem recebido um forte preparo na mocidade, a gente rica, os plantadores, os grandes negociantes, e mesmo os politicos, só podiam comprehendere a musica e a opera, no Theatro — lugar em que pouco se fala. Era preciso uma casa elegante para polil-os com auxilio da arte. A opera tem esta vantagem, é facil, comprehensivel, popular, por mais que os magnatas queiram-na fazer transcendente. Quem, durante vinte, trinta annos, esteve fóra das coisas da intelligencia, pode comprehendel-a do pé para a mão, sem esforço. A idéia do Imperador, ao iniciar uma aristocracia, foi aproveitar essa musica, para reunil-a, obrigar-a a se encontrar, a se falar, a se casarem entre si. Falhou. A nobreza não se fez e o Lyrico degenerou em moda idiota, sempre com o mesmo espirito curto, mas sempre em róda de tolos. Procura exemplo, hoje, na sala do Lyrico os grandes nomes de 52. Onde estão? Onde param os filhos, os netos? Não se sabe . . .

D. Escolastica nada dizia. Naturalmente,

nada comprehendia daquellas illações do irmão. Eu fiquei surpreso, embora Gonzaga de Sá já me tivesse habituado a tudo. Pelas oito horas despedi-me e vim descendo a ladeira de vagar. Tinha penetrado no passado, no passado vivo, na tradição. Em presença daquelles velhos bons que me falavam das coisas brilhantes de sua mocidade, tive instantaneamente a percepção nitida dos sentimentos e das idéias das gerações que me precederam. Em torno daquelle legendario «Provisorio», grotesco e formalista, que elles evocaram, pude ver os trabalhos e as virtudes dos antepassados e, também, seus erros e seus crimes. Vim descendo... Lançára mais uma raiz; estava mais firme contra as pressões externas, senti que sorvera também uma gotta de veneno. Tomei o electrico. No primeiro banco sentei-me, e me puz a mastigar idéias. Atravessei a rua do Cattete e muito animado, o rococó Largo da Gloria. Vi o velho Passeio regorgitando. Tinha mastigado idéias... Não ha civilisação isenta de crimes e de erros — conclui. Estava na Estação. Saltei.

---

## O Padrinho

Uma tarde no Café Papagaio, vendo passar pela Rua Gonçalves Dias afóra, de baixo para cima, de um lado para outro, grandes mulheres estrangeiras, cheias de joias, com espantosos chapéus de altas plumas, ao geito de velas infunadas ao vento, impellindo grandes cascos; vendo-as passar a pé, de carro abarrotadas de pedrarias, e ouro, e sedas roçagantes, centralizando os olhares do juiz, do deputado, do grave pae de familia, das senhoras honestas e das meninas irreprehensíveis, eu me lembrei de uma phrase de Gonzaga de Sá: a dama facil é o eixo da vida. Recordei que aquellas mulheres todas tinham vindo vasiaas, com alguns vestidos de segunda mão e muitas malas ôcas, mas chegavam com a sua alvura polar,

com as faces rubras, com seus estranhos olhos azues e o prestígio das velhas raças de que se originavam. Sahiam de Bordeaux ou do Havre, *comme un vol de gerfants*<sup>89</sup>; chegavam com a estranha phisionomia dos marmores que os seculos consagraram; e seus cabellos dourados faziam estremecer os ares, as casas, as almas da cidade. As proprias pedras do caes sentiam-n'as, tornavam-se macias a seus pés e a mica do granito procurava ter faiscações de diamantes. E dahi, iam transtornando tudo pelas ruas em fóra. O vetusto palacio vice-real apurava-se, queria ser airoso, e, todo gamenho, se punha e remexer escaninhos em esquecidos aposentos occultos, para descobrir riquezas. O bronze da estatua, ao sol, tinha uns longes de ouro; e as mulheres paravam a ver o fascinante brilho. Na rua 1.º de Março, as montras dos cambistas, ao perfume estrangeiro das recém-vindas, quasi se desventram e se abrem prodigamente a lhes dar moedas e notas, muitas e muitas. Ellas seguem E' a Rua do Ouidor. Então é a vertigem; todas as almas e corpos são arrebatados e sacudidos pelo vortice. Ha uma energia poderosissima nellas todas e nas coisas de que se vestem; ha attração, fascinação para esquecimento de nós mesmos e apagamento da nossa personalidade na lumi-

nosidade dos seus olhos. E' magico e sobrenatural. Esvasiam-se os peculios pacientemente accumulados; vão-se as heranças que tantas dôres resumem, e os cofres das repartições e dos bancos sangram... As intelligencias trabalham, as imaginações associam elementos para estellionatos, peculatos e concussões... E tudo acaba nellas; é para ellas que se encaminham as riquezas ancestraes, em terras longinquas, em gado nedio e plantações virentes. São para ellas que se drenam os ordenados, os subsidios; é a ellas tambem que vão ter o fructo dos roubos e os ganhos das tavolagens. E' uma população, um paiz inteiro que converge para aquelles seres de corpos lassos. E ellas continuavam a passar muito grandes, bojudas, como cãscos antigos rebocados pelos grandes chapéos de altas plumas, ao geito de velas infunadas ao vento. Passavam ás duas, ás quatro, como frotas, aquellas frotas de outros tempos esquadras de náos, de caravellas de galeões que vinham ás Americas buscar a prata de Potosi e ouro do coração do Brasil. E a civilisação se faz por meios tão varios e obscuros que me pareceu que ellas, como os veneraveis galeões que evocavam, traziam ás praias do Brasil as grandes conquistas da actividade européa, o resultado do difficil e lento evolver dos mille-

nios. Lembrei-me então duma phrase de Gonzaga de Sá. Disse-me elle uma vez no Colombo:

— Estás vendo estas mulheres?

— Estou, respondi.

— Estão se dando ao trabalho de nos polir.

De facto, ellas nos traziam as modas, os ultimos tiques do Boulevard, o andar *dernier cri*, o pendeloque da moda — coisas futeis, com certeza, mas que a ninguem é dado calcular as reacções que podem operar na intelligencia nacional. A sua missão era afinar a nossa sociedade, tirar as asperezas que tinham ficado da gente dada á chatinagem e á veniaga dos escravos soturnos que nos formaram; era trazer aos intellectuaes as emoções dos traços correctos apesar de tudo, das phisionomias regulares e classicas daquella Grecia de receita com que elles sonham. Quantas dellas não inspirariam bellos versos e quantas não viviam nos periodos arredondados delles! Não era só. Os maridos que as frequentassem, levariam aos lares, ao conselho daquellas estrangeiras, o sainete mais moderno, o bibelot ultima moda, e o movel, e o tecido, e o chapéo, e a renda. Assim, ateariam o commercio e estimulariam o contacto entre a nossa terra e os grandes centros do mundo, requintando o gosto e ●

luxo. Voltariam com o ouro, as que escapassem aos flibusteiros; mas espalhariam o Brasil sob o aspecto malevolo, é de crer, — mas espalhariam .. E a civilização se faz por tantos modos diferentes, varios e obscuros, que me parecem ver naquellas francezas, hungaras, hespanhoas, italianas, polacas bojudas, muito grandes, com espaventosos chapéos, ao geito de velas infunadas ao vento, continuadoras de algum modo da missão dos conquistadores. A alguns dos nossos amigos, de costume, encontrava naquelle café. Como fossem chegando, lentamente afastei-me desses pensamentos, para attender aos assumptos que lhes era agradável e que lhes occorria falar. Ao café, vinhamos conversar. As palestras variavam e eram instaveis. Occasiões havia em que, começando pelo commentario do ultimo rôlo do Casino, acabavamos examinando as vantagens de uma grande reforma social. Todos nós eramos reformadores. Pretendiamos reformar a moral e a litteratura, com escalas pelo vestuario feminino e as botinas de abotoar. Nesse dia, na primeira meza perto á porta de entrada, aos poucos, reunimo-nos quatro: o Amorim, o Domingos, o Rangel e eu. Quasi completo o *Esplendor dos Amanuenses*, pois assim denominavamos as nossas reuniões, em vista da profissão da maio-

ria dos convivas — amanuenses, que tinham as suas grandes horas de satisfação e jocundo prazer alli, em torno daquella meza e com uma orgia regada a café, entre o enfado da Repartição e as agruras de lares difficieis. O Rangel, aquarellista do futuro, mas na actualidade genial pintor para o gasto das etiquetas das casas commerciaes, chegára por ultimo. Continuava na «Tragedia», uma peça de theatro japonez de sua invenção, interminavel, com uma centena de actos, que ia sempre acabar na rua da Carioca, no Zé dos Bifes, um lucullesco hoteleiro, meigo e bom, que dava jantares por 600 réis, arduos de procurar e obter. O Pedreira passou, com o seu conhecido fraque de abas esvoaçantes e um longo pescoço de gallinaceo, mixto de *tesoura* ao sabor do vento e de gallo que come o milho aos grãos. Rangel quiz ir-se, mal chegou, mas instado, ficou ouvindo as nossas palestras super-empireas.

— Lá vae o lord Max...

— Vocês sabem donde lhe yem a mania de inglez? fez Amorim.

— Não, disse alguem.

— Elle traduzia para os seus alumnos, em Cruz Alta, o «Graduated», com uma lista de significados nos punhos.

— Não sei, observou o Rangel: impa!

— Um super-homem! considerou o invejoso Domingos.

— Que diabo chamam Vocês super-homem? pergunta o Rangel.

— Um cidadão que fica além do Bem e do Mal — é simples.

Rangel ficou satisfeito com a explicação, e ficou a ouvir o Domingos, que falava, movimentando a avelhantada phisionomia de romano antigo, phisionomia desgostosa de Seneca que não tivesse sido preceptor de príncipe. Dizia elle:

— Em meu parecer, nesse negocio de amor o que vale são os preliminares, os estados d'alma preambulares, a agonia da esperança de obter ou não o objecto amado. Mas, quando se o toca...

— Fura-se a bolha de sabão, concluiu o Amorim.

Não pudemos ir além no desenvolvimento desse velhissimo thema que, não sabemos como, havia occorrido na nossa conversa. Inesperadamente, o meu querido amigo Gonzaga de Sá entrava no café. A' chegada do velho funcionario á nossa ruidosa roda causou-me surpresa. Não tinha aquelle odio fingido pelos cafés, que é de habito encontrar-se em todo o sabbichão esteril e infallivel. Por certa conversa

que tive com elle, conclui que Gonzaga de Sá os achava indispensaveis á revelação dos obscuros, á troca de idéias, ao entrelaçamento das intelligencias, emfim, formadores de uma sociedade para os que não têm uma á sua altura, já pela origem, já pelas condições de fortuna, ou para os que não se sentem bem em nenhuma. A sua velhice tolerante e reflectida comprehendia que eu lá fosse, mas a sua misanthropia de velho não lhe permittia tomar parte directa no seu ruido. Gonzaga de Sá trajava rigorosamente de preto, conforme seu habito, mas, em vez de paletot-sacco, trazia a grave sobre-casaca. Era a primeira vez que eu o via com esse traje, tão querido dos doutores e commendadores; e o meu despretencioso amigo apparecia-me, assim, com a respeitabilidade precoce de um joven ministro. Os seus grandes olhos, macios e lentos, nas orbitas de uma curvatura regular e suave, estavam vermelhos. O resto da phisionomia era calma e os seus gestos não apresentavam modificação sensivel. Ao apparecer o veneravel velho, os meus amigos calaram-se e, a todos, a sua austera figura impressionou. Levantei-me e falei-lhe á parte. Elle me disse:

— O compadre acaba de morrer... Vim tratar do enterro .. Preciso de ti para lhe carregar o caixão . Vem, Machado.. Vem, Ma-

chado; espero esse serviço da tua piedade ..

Fui, como me impunha a amizade e a admiração que eu tinha por aquelle velho. E ambos, par a par, fomos andando pela rua em fóra. O meu amigo, calado, de quando em quando sustinha um grande offego.. Eu, já via o cadaver, na nudez estúpida de coisa e, apesar della, com uma interrogação a que ninguém até hoje respondeu com segurança — o que vamos ser depois *disto*?

Vi-o sahir de casa, no caixão, as grinaldas, o coche, os soluços sinceros, os pesames, as condolencias dos profissionaes de cerimonias funebres; depois, a cova e o trabalho mysterioso da decomposição. E pareceu-me que a sua voz; que as doces coisas que ella exprimir e mesmo as más; que as noções, as idéias, os sentimentos que aquella intelligencia adquirira em vida, se tinham agrupado em uma existencia imperceptivel para fugir daquella massa a desfazer-se... E as mulheres passavam, moças ou velhas, feias ou bonitas, de todas as côres, roçavam-me, e nunca em seus olhos, nunca em suas faces eu vi tanto brilho, nunca as vi com aquelle extranho fulgor, com aquella fascinação, com aquella força de absorpção.. A luz tinha mais doçura, as fachadas mais bel-

leza, o calçamento não era aspero... E eu ia ver um morto!

Tomamos o bonde no Largo de S. Francisco. O vehiculo ia cheio. Viajei comprimido com volupia, soffrendo aquelle contacto humano; dando-me bem ao absorver a maior porção de calor vital do meu semelhante proximo. Não estava só no mundo e toda aquella gente tinha que morrer, como eu..

O trem, tambem cheio. Na fila ao lado, em *vis à vis*, sentaram-se quatro sujeitos. Havia, entre elles um gordo senhor, com uma calva de sabio e uma barriga commercial e financeira. Era o mais tagarella. Não se cançava de falar, de criticar, de maldizer a policia, o governo, os gastos deste, a vadiação dos deputados, dos funcionarios publicos e a deshonestidade dos juizes. Quando o trem se poz em movimento, elle, dirigindo-se ao companheiro de defronte: pediu:

— Dá-me a tua «A Noticia».

O outro respondeu, certo de que fazia espirito:

— Queres dar-me 200 réis por ella?

O visinho ao lado do sabio — commendador, por ahi, tirou o mesmo jornal do bolso e passou-lh'o.

— Obrigado, agradeceu o de barriga de

commendador e calva de sabio. Não preciso mais da tua, continuou elle para o tal dos 200 réis. De outra vez, quando viajar contigo, hei de ter a precaução de trazer sempre dinheiro trocado.. Não me fio em gazeteiros..

E, sem que ninguem esperasse, sem que houvesse o minimo motivo, todos os quatro romperam numa gostosa gargalhada.

Gente facil de rir-se, pensei eu. Emfim, o riso brota de accordo com a intelligencia de cada um. O «suburbio» já estava em movimento. Deixei de observar os quatro curiosos personagens, virei o rosto e, pela portinhola, puz-me a ver a paisagem, os morros altos e azulados, o verde-claro das campinas, o verde-escuro das encostas, as fagulhas de luz, as hastilhas de alegria no ar, as palmeiras melancolicas.. Um dia viria que tudo isso havia de fugir dos meus olhos... Porque não sou assim como aquelle barrigudo senhor, inconscientemente animalesco, que não pensa nos fins, nas restricções e nas limitações? Longe de me confortar a educação que recebi, só me exacerba, só fabrica desejos que me fazem desgraçado, dando-me odios e, talvez despeitos! Porque m'a deram? Para eu ficar na vida sem amor, sem parentes e, porventura, sem amigos? Ah! se eu pudesse apagal-a do cerebro! Varreria uma por

uma as noções, as theorias, as sentenças, as leis que me fizeram absorver; e ficaria sem a tentação damnada da analogia, sem o veneno da analyse. Então, encher-me-ia de respeito por tudo e por todos, só sabendo que devia viver de qualquer modo.. Mas.. era impossivel, impossivel! Era tarde e os culpados do que eu soffria não eram a minha educação nem a minha instrucção. Era eu mesmo; era o meu genio; era o meu orgulho alliado a um estúpido medo. Arrependi-me da maldição e reconcilei-me comigo mesmo. Havia de curar-me. Gonzaga de Sá não me falava, mas eu sentia que a metade daquelles pensamentos eram d'elle. A nossa amizade era tão perfeita, que dispensava palavras. Entre nós havia aquelle aperfeiçoamento de communicação, que Wells tanto encommia nos marcianos: mal emittia um pensamento, um dos nossos cerebros, ia elle logo ao outro, sem intermediario algum, por via telepathica. Depois da estação do Rocha, quando aquella obtusa visinhança desembarcou, e se veio sentar no banco ao lado, um joven par de namorados, os visinhos em frente se puzeram a conversar. A principio, não ouvi bem o que diziam; mas, por fim, entendi que discutiam a grande these das raças. Dizia um com um grande anel symbolico no indicador:

— Tem a **capacidade** mental, intellectual limitada; a sciencia já mostrou isso.

E o outro, mais moço, ouvia religiosamente tão transcendente senhor. As ferragens do **comboio** faziam ruido de ensurdecer; nada mais escutei. Chegamos ao Engenho Novo. O trem parou. O mais moço então perguntou, olhando os fios de transmissão electrica:

— Porque será que os **passarinhos** tocam nos fios e não são fulminados?

— E' que de dia a **communicação** está fechada.

E se não fossem os graves pensamentos **que** me assoberbavam naquella hora, ter-me-ia rido daquelle sabio de capacidade intellectual illimitada.

Ao lado, os namorados continuavam balbuciando. Havia um unto, uma alegria, um não sei que de meloso nos seus olhares, que irritou á minha capacidade namoradeira.

— Já namora<sup>ste</sup>? perguntou-me Gonzaga de Sá, baixinho.

— Uma vez, aos dezesseis annos...

— Deves namorar, filho. Quando te vier a velhice has de te arrepender, se não o fizeres em tempo. Venus é uma deusa vingativa, dizem.

— Qual! O namoro é a negação do amor... Não me arrependerei...

— Garanto-te. Será uma emoção que te ficou por provar .. Experimente, já, enquanto é tempo...

E o trem continuava a correr. Na estação de nosso destino, saltamos, tendo trocado com o meu companheiro durante a viagem, sómente aquellas escasas palavras.

Nós fomos subindo a rua de vagar, por entre curiosos exemplares de uns paes de familia. Graves homens de phisionomia triste, curvados ao peso da vida, sobraçando alongados embrulhos de pão, caminhavam ao nosso lado com o passo tardo, e economico. poupado, de velhos bois de carro. A estrada da vida era má; areenta, aqui; enxarcada, alli; e mais alén, ingreme e empedrouçada... Só a paciencia d'elle, só aquella rija musculatura que se gastava ás gottas, só ella poderia levar avante o carro da mulher e dos filhos. Com o jornal debaixo do braço, iam ruminando grandes combinações de tostões, com certeza, com o mesmo gasto de energia nervosa que um banqueiro qualquer empregaria ao delinear uma grande especulação aladroadada sobre os fundos de duas ou tres potencias. Insensivelmente, alinhavam-se em fila e fui vendo, á esquerda e á direita, longas

theorias daquelles curiosos exemplares da nossa humanidade. Na minha meninice, nos arredores do Rio, eu tinha visto espectáculo que agora a imaginação associava a este. Era por aquella hora dourada da tarde, mais cêdo um pouco, mas já as montanhas se tinham adelgado para soffrer a caricia immaterial de um céo rarefeito. Uma longa fila de carros de bois, cheios de verduras, carvão e lenha, desfilavam pela estrada. Os carreiros gritavam de quando em quando; os bois mastigavam o passo; por vezes, alongavam a lingua, um inclinando-se sobre outro, afim, talvez, de melhor dividir o esforço de tracção... Oh! a solidariedade da carga!

Aos poucos venciam os óbices e chegavam ao porto, á praia risonha da ilha... Nem sabiam, aquelles animaes, de sua força; nem suspeitavam que toda uma cidade esperava aquellas uteis ou saborosas coisas que só a sua paciencia e a sua força poderiam arrastar por sobre aquelles caminhos instaveis. A estrada me veio em mente: arenosa, de solo fugidio e movel, mas, guardando indelevelmente o trilho parallelo dos carros, com os maricás, as pitangueiras, nas bordas, salpicadas de fructas vermelhas, e, de quando em quando, tambem uma arvore de mais vulto, um cajueiro, uma

figueira — toda ella, ao passarem os carros, envolvida na poeira que o sol, no poente, avermelhava e dava faiscações de ouro. Aquelles homens, pacientes e tardos, que eu via naquelle ambiente de villa, eram o esteiô, a base, a grossa pedra alicerçal da sociedade.. Operarios e pequenos burguezes, eram elles que formavam a trama da nossa vida social, trama immortal, deposito sagrado, fonte de onde saem e sairão os grandes exemplares da Patria, e tambem os ruins para excitar e fermentar a vida do nosso agrupamento e não deixal-o enlanguecer.. Quiçá não soubessem disso e, se o soubessem não se consolariam do duro fardo de viver... Viviam, sob o aguilhão dos deveres e com a vaga esperança consoladora da affeição eterna dos filhos.

— E' alli, disse-me Gonzaga de Sá, apontando para um amontoado de casas.

Tomamos uma rua transversal e fomos indo quasi sós, por ella afóra. Eu ainda não tinha visto a casa, embora Gonzaga m'a tivesse apontado. O arruamento do suburbio é delirante. Uma rua começa larga, ampla, recta; vamos-lhe seguindo o alinhamento, satisfeitos; a imaginar os grandes palacios que a bordarão daqui a annos, de repente estrangula-se, bifurca-se, subdivide-se num feixe de travessas, que

se vão perder em outras muitas que se multiplicam e offerecem os mais transtornados aspectos. Ha o capinzal, o arremedo de pomar, alguns canteiros de horta; ha a casinhá acaçapada, saudosa da toca troglodyta; ha a velha casa senhorial de fazenda com as suas columnas heterodoxas; ha as novas edificações burguezas, com ornatos de gêsso, cimalha e com-poteira, varanda ao lado e gradil de ferro em roda. Tudo isso se baralha, confunde-se, mistura-se, e bem não se colhe logo como a população vae-se irradiando da via-ferrea. As épocas se misturam; os annos não são marcados pelas coisas mais duradouras e perceptíveis. Depois de um velho *pouso* dos tempos das cangalhas, depois de bamboleantes casas roceiras, andam-se cem, duzentos metros e vamos encontrar um palacete estylo Botafogo. O chalet, porém, é a expressão architectonica do suburbio. Alguns proprietarios, poupando a platibanda e os lambrequins, não esquecem de dar ao telhado do edificio o geito caracteristico e de rematar as duas extremidades da cumieira com as flechas denunciativas. Em dias de nevoa, em dias frios, se olhamos um trecho do alto, é como se estivessemos na Suissa ou na Hollanda... Afinal dei com a casa do compadre de Gonzaga de Sá. Era um chalet. De longe,

tinha o aspecto de burguez medio; quando cheguei, porém, vi-o separado em duas habitações, tendo ambas, na frente uma faixa de terreno com alguns crotons tristes. Da rua, avistei logo o caixão, o vulto confuso do cadaver dentro delle e o falso brilho dos cirios aos pés e á cabeceira. Na porta, curiosos da vizinhança... As creanças brincavam na rua innocentemente. Entramos. Uma velha senhora de côr veio nos receber. Gonzaga de Sá me falara nella. D. Gabriela tinha um vago parentesco com a mulher de seu compadre; era viuva e mãe de quatro filhos.

— Já está tudo arranjado, amanha, ás 9 horas, o enterro sae.

— O caixão chegou agora mesmo; nós tratamos logo de pôr o corpo dentro.

— Fizeram bem, disse Gonzaga de Sá. Que dê o Frederico, seu filho?

— Saiu a buscar um pouco de pão.

— Quando vier, diga-lhe que eu quero falar-lhe.

— Sim senhor.

Fui vendo a sala, não havia muita gente; mas que variedade de typos e de côres; encontravam-se quasi todos do espectro humano... Muito concentrados, os circumstantes, se falavam era baixinho, e, se lhes aflorava um sor-

riso aos labios, logo o abafavam. Sentei-me tambem numa cadeira. E afinal pude olhar o cadaver, a côr pharaonica do rosto, meio occulto no lenço ao queixo e pelas petalas de flôres espalhadas ao redor. Pouco 'conheceira aquelle homem. Encontrara-o algumas vezes, no serviço, na Secretaria dos Cultos, onde era servente. Sabia-o compadre de Gonzaga e chamarse Romualdo de Araujo. A amizade entre aquelles dois homens, tão differentes de condição e educação, era forte e profunda. Comquanto não tivessem nunca chegado á completa intimidade, elles se amavam de um modo especial, distante, é certo, mas que permittia a duração eterna da affeição. D. Gabriella, alta, muda, com a sua mysteriosa pelle parda ia e vinha, espevitava as velas, endireitava um *bouquet*, tudo muito calmamente, sem vacillação, sem terror, familiarisada com o acto. Seu filho chegou com o pão. Era um magnifico exemplar de mulato, de mulato robusto, ousado de olhar e figura, mas leve, vivaz, flexivel, sem reçumar peso nem lentidão nos modos. Gonzaga de Sá recommendou-lhe qualquer coisa e, dahi a instantes, fomos jantar. A noite veio e mais pessoas chegaram.

Eu a vi cair da sala de jantar, apreciando o crepusculo por uma janella. Fiquei durante

todo elle, a olhar. nas montanhas longiquas do occidente, a barra de nuvens douradas, e, emquanto elle durou, mantive-me calado, fumando, e toda a minha actividade cerebral girou em torno da morte. Veio a noite completa. Tinha pensado muito — é verdade; mas sem ter concluido coisa alguma. Nada me ficou palpavel na intelligencia; tudo era fugidio, escapava-me como se tivesse a cabeça furada. Evaporou-se tudo e eu só sabia dizer: a Morte! a Morte! Era o que restava da longa meditação... Gonzaga de Sá, de onde em onde, vinha até a sala de jantar. Pouco falava. Voltava para junto do cadaver. A sua phisionomia não revelava a minima dôr e os seus olhos macios e lentos já tinham o brilho normal. Eu me levantei e fui até ao quintal. Fóra dos meus habitos olhei o céu muito estrellado que tinha a belleza de todos os dias. Quando voltei para junto da janella, estava sentada uma moça. Não a tinha visto entrar.

— Quer o seu logar? fez-me ella ao ver-me.

— A gosto, minha senhora. Ha aqui muitas cadeiras.

Sentei-me immediatamente, como um velho conhecimento de annos comecei a conversar,

e ella a me responder como um velho conhecimento.

— A tarde refrescou — não acha?

— E' verdade, mas na sala faz ainda muito calor, disse-me ella.

— E' verdade que aqui é muito quente?  
A senhora deve saber, não mora aqui?

— Ha poucos annos, dois creio.

— Gosta?

— Alguma cousa; mas tenho saudades da cidade. Morei muitos annos lá. E' outra cousa. Que movimento! Carros, jardins para passear...

— Mas tudo isso de que vale? Vem a Morte...

— De facto, mas enquanto se vive a gente deve procurar as coisas bonitas, os theatros...  
O senhor já foi ao Bar?

— Nunca!

— Deve ser bonito!

— Não gosto de Botafogo. E' Buenos Aires, super-civilisado ..

— Eu gosto muito. Quem me déra ter uma casa lá.

— Um marido, tambem? Não é Dona...

— Alcmena, uma sua creada. Queria: mas lhe garanto que valia mais um carro...

— Mas se todas essas coisas vão-se acabar...

— Quando?

— Quando alguns homens generosos tiverem feito toda a humanidade trabalhar de um mesmo modo e ganhar a mesma coisa...

— São mãos, esses homens!

— São bons, pelo contrario; como não podem dar tudo a todos, tiram muita coisa de alguns.

— Para quê!.. Antes esses continuem a existir com as suas riquezas, porque a gente ao menos tem a esperança...

— A senhora ha de tel-as, com esses seus bellos olhos...

— Ora!.. fez ella alongando o busto por sobre o espaldar da cadeira até poder ver o céo pela janella que lhe ficava ás vistas.

Pousei o meu olhar nos seus olhos revirados, e segui delles até uma estrella que brilhava muito proxima das nossas cabeças. Nessa rapida postura, a moça atrahia fortemente. Seus seios pareciam entumecidos, o pescoço, longo e roliço, sahia todo do corpete, e as formas meudas desenhavam-se com relevo por entre as dobras do vestido. Aquella desenvoltura tão longe da Rua do Ouvidor! Comprehendia-se? Ainda lhe vi a tez macia, os cabellos castanhos, as mãos longas e bonitas, um pouco estragadas pelo trabalho domestico... Depois, nasceram-

me coisas obscenas; vagos e indefinidos desejos cresceram em tumulto, de roldão; borbulhavam, subiam e desciam dentro de mim, encontravam-se, faziam-se outros a exigir satisfações, caricias, estados enervados e deliciosos...

Conversamos muito ainda, esquecidos do defunto, enebriados um do outro como se estivessemos em um baile.

— A vida é cruel, disse-lhe em certa ocasião. Tudo acaba na Morte.

— E' Mas ha nella certas passagens que talvez a Morte não apague.

— Que instantes dessa natureza teria tido o Romualdo?

— Elle lá sabia... Cada um sabe quando é feliz e não pode dizer a ninguem, nem mesmo que queira... A coisa fica vivendo dentro de nós e só a lembrança della nos alegra de novo.. O senhor era amigo d'elle?

— Apenas o conheci...

— Fomos vizinhos dois annos... Habituei-me a vel-o, a estimar-lhe o filho e sinto.. Quando a gente está alegre dá vontade de dansar, de cantar — não é? Parece que dentro de nós ha muita coisa de mais, mollas, um mechanismo que nos empurra... Quando fico triste, tambem me vem a mesma vontade.. E' curioso!..

— Em outros tempos, houve dansas funebres; e os selvagens dansam ainda por essas ocasiões.

— Elles têm razão. Não é a gente que quer; é coisa cá dentro ..

D. Alcmena levantou de vagar um braço e apanhou, com os seus longos dedos abertos em leque, alguns cabellos que lhe caíam pela testa. Ainda conversamos algum tempo e eu, inebriado pelo capitoso da moça, fascinado pela sua estranheza, esqueci-me, muito innocentemente, de que era inimigo do namoro.

Alcmena levantou-se e me apertou a mão demoradamente, para sair.

Por momentos, fiquei só, mas cheio della. O seu vulto me enchia e as suas palavras; que não sei onde as fôra buscar, dansavam-me nos ouvidos.

A impressão, em seguida, foi-se apagando, e a lembrança do cadaver me veio. Quando me puz a pensar fortemente nelle, o vulto da moça, mais firmemente, voltou-me aos olhos, alto, fino, com seus olhos negros e as curvas transcendentales do seu corpo.

Depois de associar mais de uma vez estas duas imagens, tal facto me appareceu como uma profanação, um sacrilegio. Tive remorsos do que fizera. Mas fôra uma móla, um mecha-

nismo, como dizia a moça! Que culpa tinha eu?! Até as palavras doces, os galanteios me vieram, a mim tão canhestrô com as damas! Fôra automatico.. Que culpa tinha eu?

Demais, senti também, era o cadaver que me impellia, que me empurrava para a moça; era sua mudez de fim que me dictava o unico acto da minha vida capaz de fugir á lei a que elle se curvara. Vivente, tinha vivido, pois tanto é forte em nós viver, que só em nós mesmos encontramos a razão e o fim da vida, sabendo todos nós que devemos continual-a a todo o transe, custe o que custar, em nós mesmos e nos nossos descendentes.

Tive ainda uma ponta de arrependimento, apesar de tudo, pois não sei o que me diga que fôra longe de mais...

Gonzaga de Sá entrou, sentou-se na cadeira em que estivera a moça. Recostou-se e disse-me olhando o céu:

— Como está bello o céu! Hein? Para elle não ha dôres... Os que vivem que lhe apreciem a belleza; os que morrem que deixem os outros o cuidado de aprecial-a...

Calou-se um pouco e depois accrescentou *ex-abrupto*:

— Eassa continuidade é imposta por tudo. As folhas que caem adubam as raizes das ar-

vores onde nasceram, para fazerem nascer outras novas e bellas.

A observação não era nova: mas, sobresaltou-me, ao lembrar que podia ter ouvido a minha conversa com a moça. Ainda mais acrescentou:

— Tens estado pouco na sala.

— Está muito quente..

— Deves ir, não só porque é conveniente á tua mocidade o espectáculo da Morte, como também dá campo para se ver como os ethnologos são falsos e máos.

Elle tirou uma longa fumaça do cigarro e continuou:

— Ultimamente, disseram que os feitios de sentir eram tão differentes em cada raça humana, que era o bastante para fazer não se entendessem ellas.. Que ha, de facto, mais de um sentir, de um pensar para cada raça, etc., etc.

Ora, em face do nosso povo, tão variado, eu tenho reparado que nada ha que as separe profundamente. E nós nos entenderíamos e preencheríamos facilmente o nosso destino, se não fôra a perturbação que trazem os diplomatas viajados, acovardados deante da opinião americana, querendo deitar esconjuros e exorcismos...

**Continuou:**

— Tu bem sabes que é difficil dizer onde começa o real e onde acaba. O homem é um animal conceitualista, isto é, capaz de tirar de pequenos dados do mundo uma representação mental, uma imagem, estendel-a, desdobral-a e convencer o outro que aquillo tudo existe fóra de nós... Tu sabes? Ora, a Europa, as universidades que por má fé ou por desconhecimento primitivo, não direi do real, mas do facto bruto colhido pelos sentidos, deram agora para fazer theorias sobre raça, sobre especies humanas, etc., etc. A coisa se estende, os interessados não são ouvidos, pois não têm uma cultura seguida, porque se a tivessem, poderiam ter chegado a resultados oppostos. Que acontece? A coisa pega como certa, cava dissenções, e os sabios diplomatas, para fazer bonito, adoptam e escrevem artigos nos jornaes e peroram burrices repetidas. Se no Seculo XVII, o que separava os homens de raças varias era o conceito religioso, ha de ser o scientifico que as separará daqui a tempos... A benefica sciencia!.. Emfim, a occasião não é propicia para uma conferencia. Vamos prestar homenagem a esse meu infeliz e humilde amigo...

Havia na sala umas trinta pessôas, mais

da metade mulheres. Sobre uma velha commoda, um lampeão mal a illuminava; os cirios bruxoleavam. Gonzaga de Sá atravessou-a e foi sentar-se perto da sogra do compadre que chorava. Era uma preta retinta, de uma pelle macia de velludo. Fiquei em pé, perto da porta de entrada. Havia um silencio completo, de quando em quando um soluço da pobre mulher quebrava-o lugubrememente. A gratidão devia ser grande. Aquelle homem agora morto lhe dera as mais gratas satisfações de sua vida humilde. Casara com a filha, apoiara com o seu prestigio de homem a sua fraqueza de condição de menina, arrebatara-a ao ambiente que cerca as raparigas de côr, dignificara-a, ella, a quem quasi todo o conjuncto da sociedade, sem exceptuar os seus iguaes, admittem que o seu destino natural é a prostituição e a mancebia. Do outro lado, lá estava o neto. A testa recta, ainda mal desenhada pela idade, as sobrance-lhas arqueadas e unidas, o seu olhar perfurante — toda a phisionomia da creança tinha uma expressão de intelligencia, de curiosidade e de energia que a sua doçura nativa havia de diminuir. Que seria delle, por ahí pela vida? Sob a ascendencia do padrinho, estudaria muito, applicar-se-ia aos livros. Durante annos no ambiente falso dos collegios e escolas, a sua

situação na vida não se lhe representaria perfeitamente. Viriam os annos e a ancia que o estudo dá; viria o mundo social, com a sua trama de conceitos e preconceitos, justos e injustos, bons e máos — trama unida e espinhenta, contra a qual a sua alma se iria chocar .. Era então a dôr, as deliquescencias, as loucas fugidas pela phantasia... Era o doloroso peregrinar com o opprobio á mostra, á vista de todos, sujeito á irrisão do conductor do bonde e do ministro plenipotenciario.. Era sempre, nos cafés, nas ruas, nos theatros, andando vinte metros na frente um batedor que avisava da sua presença e fazia que se preparassem as malicias, os olhares vesgos ou idiotas... Coitado! Nem o estudo lhe valeria, nem os livros, nem o valor, porque, quando o olhassem diriam lá para os infalliveis: aquillo lá póde saber nada!

Tive uma pena infinda, immensa, affectuosa por aquella pobre alma orphã tantas vezes; eu tive uma immensa tristeza que aquella intelligencia não se pudesse expandir livremente, segundo o proprio caminho que ella propria traçasse... Olhei-o algum tempo assim, cheio de pena, de affecto e tristeza. De repente, elle se poz a chorar muito e com força, sem explicação, sem causa, e correu, como se estives-

se sendo perseguido, para onde estava o padrinho. Foram instantaneos, connexos, o choro e a corrida. Gonzaga de Sá levantou-se, ergueu-o no collo e beijou-o, animando-o:

— Que é meu filho? Que é meu Aleixo?

Uma vela estremeceu e, no rosto do cadaver julguei lobrigar um fraco gesto de padecimento.

---

## X

### O enterro

No dia seguinte, diante do caixão já fechado, senti-me penetrado duma indiferença glacial. Repontava em mim, de onde em onde, uma pontinha de aborrecimento. O domingo estava maravilhoso, glorioso de luz, e os ares eram diaphanos — estava seductor e sorria abertamente, convidando a gozal-o em passeios alegres'..

O silencio da sala, aquellas velas morticças, os semblantes contrafeitos e estremunhados das pessoas presentes, diante da soberba luz do sol, da cantante alegria da manhan, pareceram-me sem logica.

Eu me aborrecia e fumava. Afinal, veiu a hora do sahimento. A agglomeração augmentou na porta. Algumas mulheres choravam.

Gonzaga de Sá ia e vinha, tomando as ultimas disposições. Fechou-se o caixão. Houve um pequeno ruido, secco, vulgar, exactamente igual ao de qualquer caixa que se fecha... E foi só!

Fomos levando o cadaver pela rua empedrouçada, tropegos, revesando-nos, aborrecidos e tristes sob o claro e victorioso olhar de um firme sol de março. Pelo caminho (era de manhã), os transeuntes mechanicamente se descobriam, olhavam as grinaldas, o aspecto do acompanhamento, medindo bem de quem era e de quem não era. Meninas de volta da missa e passeios consequentes, alegres, louças, passavam exuberantes de vida, contemplavam um pouco o sequito com um rapido olhar piedoso e, depois, continuavam a andar o caminho interrompido um instante, indifferentes, descuidosas, casquinando, quasi rindo ás gargalhadas... E o caixão nos foi pesando até que o descançamos nos bancos da estação. Em breve, o trem correu connosco e o morto pelos rails afóra, velozmente atravessando as paragens suburbanas. O carro funebre era o primeiro e, quando havia uma curva, eu podia lobrigar pelas janellas abertas, nos carros de primeira classe, algumas plumas de chapéos femininos.. Dentro do carro fazia um calor insupportavel e os bancos duros nos tortura-

vam. Saltamos enfim na Central. Tínhamos vindo oito e só quatro iriam ao cemiterio. Gonzaga de Sá nada dissera até alli. Contrahira a phisionomia, a pelle da testa se mantivera enrugada durante toda a viagem, parecendo que prendia grandes pensamentos fugidios. Collocamos o esquite no coche e fomos tomar logar na velha caleça de aluguel. Antes de embarcar, o meu amigo, olhou a praça, os ares, as casas e o parque defronte e me disse, quando se sentou no banco do carro:

— Como está lindo o dia! Até alegre, não achas? Nem parece que levamos um morto... E' que elle não gosava da vida. Antes assim!.. Morrendo, em nada perturbou a vida das coisas e dos outros; entretanto, dizem, a sociedade é uma associação sympathica de individuos e pouca coisa separa o homem do mundo.

Seguido por duas caleças de acompanhamento, o coche rolou pelos parallelepipedos, tomando a direcção do cemiterio do Cajú. Recostamo-nos no fundo da carruagem e eu me puz a olhar ao longe, scismando, procurando ver nas coisas e por detraz dellas, um signal, um ponto, uma indicação de magua, de desgosto por aquella morte que ferira algumas consciencias. Rolavamos agora pela rua

de S. Christovam, cruzavamo-nos com os bondes do bairro e, ao passar um, o mestre reflectiu alto:

— Já reparaste que, quando não ha indifference, a passagem de um feretro desperta desgosto?

Calou-se um pouco e depois accrescentou:

— Creio que, se tivéssemos coragem das nossas opiniões, decretavamos um caminho especial para o cemiterio — talvez subterraneo... Só assim, não teriamos na vida esse constante espectáculo que nos desgosta!

— Ainda não, reparei, respondi.

Eu tinha uma grande atonia mental. A noite passada quasi em claro, e as suas emoções, tinham-me esgotado dando um forte torpor de corpo e uma immensa lassidão cerebral. Respondi sómente comprehendendo as palavras do meu amigo, sem actividade cerebral sufficiente para que ellas provocassem em mim um outro qualquer pensamento. Havia tanta resistencia na minha percepção, que o espectáculo circumdante parecia chegar por caminho differente da minha sensibilidade. Retruquei automaticamente, por mero habito de polidez.

— E a morte tem sido util, e será sempre, continuou Gonzaga de Sá. Não é só a

sabedoria que é uma meditação sobre ella — toda a civilisação resultou da morte.

Suspendeu a palavra; e, de accordo com a marcha da caleça, poz-se a vagar o olhar pelos lados. Com elle, seguia os ornatos das cimalthas, as grades das saccadas; adiante, demorava-se mais a ver um bandõ de moças em traje de passeio, postadas á porta de uma casa burgueza. Afastando-se dalli o carro, o seu olhar lento e macio foi parar sobre os bondes que passavam, e os transeuntes na rua; delles, resvalou, pela calçada, no ponto em que uma mulher andrajosa dormia ao relento, immovel, enrodilhada, como uma trouxa esquecida e por fim, durante segundos, fixamente, insistentemente, pousou a vista no coche funebre que rodava na nossa frente.

— Levamos a procurar as causas, falou-me elle em seguida áquelle longo passeio visual, — levamos a procurar as causas da civilisação para reverencial-as como se fossem deuses... Engraçado! E' como se a civilisação tivesse sido bõa e nos tivesse dado a felicidade!

E não me disse mais nada até chegarmos ao portão do cemiterio, quando me avisou que ia tratar dos actos administrativos indispensaveis á finalisação do enterro. Seguimos o cai-

xão sobre a carreta mortuaria, que os empregados do cemiterio impelliam profissionalmente; em brève, Gonzaga de Sá se nos veio juntar. Iamos pelas alturas de meio dia. O sól continuava claro e as alturas eram mais limpidas. O perfil das palmeiras resaltava mais firme e os cyprestes não despertavam ao forte sól do dia. Chegámos em breve á beira da cova funda... O caixão desceu rapidamente pela sepultura abaixo. As correntes tilintaram aborrecidas daquella faina que exerciam ha tantos annos. Lancei a minha pá de cal, sem commoção quasi, desageitadamente. Até alli, eu não sentira nada de especial; não tivera nenhum pensamento nem siquer uma emoção piedosa. Vira a cerimonia sem tristeza, fóra de sua significação e dos grandes sentimentos compassivos que ella pedia. Passavam pelo meu cerebro, ha muito soerguido do abatimento que trazia ao entrar, ligeiras reflexões, fraca e remotamente associaveis ao facto presente. Lembrei-me da minha infancia, da phisionomia dos collegios por onde passei, dos professores, dos meus condiscipulos, da escola superior em que vadiiei, das alternativas dolorosas da minha vida... E assim, lembrando-me de coisas fóra do logar e do momento, vim com Gonzaga de Sá andando vagarosamente até á porta do

cemitério. Elle caminhava calado, de cabeça baixa, com o seu vasto craneo veneravel exposto ao sól. Vinha distrahido, esquecera-se de pôr o chapéo; e eu não quiz perturbar o seu recolhimento, lembrando-o. Engolfado naturalmente na dôr de perder aquelle obscuro amigo, para cuja vida mediocrementemente feliz, tanto elle concorrera generosamente, olhava a ponta dos pés, com a phisionomia endürecida e os olhos humidos. Aquella amizade devia muito consolal-o, a seu modo, do abandono e da solidão da sua velhice sem affecto. Gonzaga de Sá seria um apaixonado que não conseguira a tempo encaminhar o seu temperamento para um objecto qualquer, ficara de parte, guardando suas paixões, escondendo seus estos, tanto por timidez cômoo por orgulho? Seria isso de modo que, ao lhe chegarem os annos, já por fadiga, já pelas exigencias da sua compleição, tivera que encaminhar para-aqui e para alli, para este ou para aquelle objecto, os impetos do seu coração, indo ter elles á insignificancia, á modestia daquelle continuo, de forma que encontrara nessa affeição um derivativo para o seu grande soffrimento, nascido quando a idade lhe fez assomar na consciencia a imagem da sua esterilidade sentimental? Quem sabe?

Com a sua mania introspectiva, analysando-se constantemente, conhecendo bem a fonte de suas dôres e indo ao encontro dellas, conforme já foi observado, ficára mais apto para comprehender as dos outros, para justificar-as ao mesmo tempo, e, portanto, perfeitamente capaz de sympathisar com aquelles que as curtiam. Nelle, eu queria advinhar isso desde muito e não estranhei quando me disse no portão do cemiterio:

— Pobre Romualdo! De que lhe valeu viver se estava pelo meio na sociedade em que surgiu! Além dos males inherentes á vida, curtir mais este que se desdobra em milhões? Emfim, elle não tinha noção disso, o que é importante pois sem ella não ha soffrimento! Nelle, era tudo isso confuso e o seu soffrimento só poderia ser creado pelos outros. Sou eu que o faço soffrer; elle, de facto, não soffreu... Hei de tratar dos meios de extirpação da consciencia...

Descemos de vagar a praia, seguindo o gradil do cemiterio, a pé, pois despediramos o carro que nos trouxera, pretendendo tomar um bonde. Era mais commodo; não jogava no calçamento. O mar estava calmo naquellas alturas e quem o olhasse, por cima, vel-o-ia ligeiramente enrugado. As alturas appareciam crys-

talinas e o sol cahia em jorros de luz sobre a superfície da bahia. Começara já a viração. Ao fundo, e na frente, as montanhas sahiam nitidamente do painel em que pareciam pintadas. Uma ilhota, com sua alta chaminé, não diminuia o largo campo de visão que o mar offerencia. Alonguei a vista por elle afóra, deslisando pela superfície immensamente lisa. Surpreendi-o quando beijava os gêlos do polo, quando afagava as praias da Europa, quando recordava as costas da Asia e recebia os grandes rios da Africa. Vi a India religiosa, vi o Egypto enigmatico, vi a China hieratica, as novas terras da Oceania e toda a Europa abraçei num pensamento, com a sua civilização grandiosa e desgraçada, fascinadora, apesar de julgal-a hostile. E, depois de tão grande passeio, minha alma voltou a mim mesmo, certificando-me de que, aqui como naquelles lugares, era, ora a mais, ora a menos. E me puz a pensar que sobre a convexidade livre do planeta que me fez, não tinha um lugar, um canto, uma ilha, onde pudesse viver plenamente, livremente. Olhei o mar de novo. Boiavam sargaços, balouçando-se nas ondas, indo de um para outro lado, indifferentes, á mercê dos movimentos caprichosos do abysmo. Felizes!

Gonzaga de Sá interrompeu-me estas vagas cogitações:

— Porque razão se vive? Que tu vivas, vá! Tu vives das tuas angustias, das tuas dôres, dos clarões de alegria que por vezes rebentam entre ellas; mas este pobre diabo, cujo *stock* de noções e conceitos era reduzidissimo para forjar dôres e, portanto, para obter alegrias, porque viveu? Sabes?

— Foi a inercia.

Dentro em pouco, tomamos o bonde e viajamos silenciosamente. O vehiculo encheu-se do curioso publico de Domingo. Gonzaga de Sá mantinha-se calado, de quando em quando olhava um pouco a rua, depois descançava as mãos na bengala, baixava a cabeça e se punha a ver o chão da rua, por entre as grades do assoalho do vehiculo. Quando saltamos, quiz-me despedir d'elle. Não deixou.

— Janto na cidade. Fica!. Vamos andar pelas ruas. Por exemplo: vamos ao Passeio Publico.

--- Vamos.

Elle amava o velho jardim, onde nos sentamos pouco depois em um banco de pedra, num lugar retirado, ouvindo ao longe o estrondo da banda de musica domingueira. A calma do lugar foi-nos aos poucos penetrando.

De mim tinha fugido o desassocego que succedera ao torpor da manhan; e o meu compa-  
nheiro tinha a phisionomia mais composta, o  
olhar quieto. Estava calmo, embora triste. Le-  
vantára o chapéo no alto da cabeça e se pu-  
zera a traçar, com a ponta da bengala, na  
areia, uma figura grosseira... Parecia o esbo-  
ço de um rosto... Do outro lado, pela alame-  
da que corria defronte do botequim, viamos  
agitar-se, aos impulsos de energias accumula-  
das durante a semana, uma multidão polychro-  
mica; e, alli, separados della, silenciosos e iner-  
tes ás forças que a moviam, nós estávamos co-  
mo fóra da humanidade, como entes de outra  
estructura, sem nada de commum com elles.  
O grande relvado circular que dividia as duas  
alamedas, com o seu repuxo ao centro, marca-  
va o limite entre dois meios fluidos, propios  
á vida delles e á nossa. Viamol-os como o pas-  
sageiro vê os peixes, da borda do navio, atravez  
das aguas prateadas. Eu me demorava esprei-  
tando um casal que se abraçava um pouco lon-  
ge de nós, quando Gonzaga de Sá me per-  
guntou:

— Sabes porque o fiscal dos bondes fis-  
calisa o conductor?

A pergunta me pareceu pueril, a menos  
que não contivesse uma troça insignificante.

Sem procurar resolver tão imbecil questão, respondi:

— E' difficil de saber... Eu não atino.

Por instantes permaneceu calado, contemplando a multidão na alameda em frente.

Segui os seus movimentos. Tinha deixado de traçar a figura na areia e descansára negligentemente a bengala sobre a perna. Esforçava-se por abranger o maior circulo possível de horizonte e, sem se fatigar, ia e vinha com os olhos, de um extremo delle a outro. Parecia um navegante perdido que procura tenues indícios de costa.

— Eu julgo, disse elle, depois de estar algum tempo naquella postura, que os desgraçados se deviam matar em massa a um só tempo. Schopenhauer, que propoz o suicidio da humanidade, foi longe; devem ser só os desgraçados, os felizes que fiquem com a sua felicidade.

— Propõe isso, para ver se elles acceitam.

— De certo, não. A burrice é firme e os leva a viver, apesar de tudo. Eu não comprehendo, accrescentou depois de uma pausa, que um homem — um animal dotado de senso critico, capaz de colher analogias — levante-se ás quatro horas da madrugada, para vir trabalhar no Arsenal de Marinha, emquanto o Mi-

nistro dorme até ás 11, e ainda por cima vem de carro ou automovel.

Eu não comprehendo, continuou, que haja quem se resigne a viver desse modo e organizar familia dentro de uma sociedade, cujos dirigentes não admittem, para esses lares humildes os mesmos principios directos com que mantêm os delles luxuosos, em Botafogo ou na Tijuca. Recordo-me que uma vez, por acaso, entrei numa pretoria e assisti um casamento de duas pessoas pobres... Creio que até eram de côr..

Em face de todas as theorias do Estado, era uma coisa justa e louvavel; pois bem, juizes, escrivães, rabulas enchiam de chacotas, de deboches aquelle pobre par que se fiára nas declamações governamentaes.

Não sei porque essa gente vive, ou antes, porque teima em viver! O melhor seria matarem-se, ao menos os principios chimicos, dos seus corpos, logo ás toneladas, iriam fertilizar as terras pobres. Não seria melhor?

— Na Europa, os camponezes soffrem...

— Oh! Lá é outra coisa! Ha uma literatura, um pensamento, que vincula grandes idéias, que espalham o são espirito pela individualidade humana — fonte de sympathia pe-

los fracos, preocupada e angustiada com os destinos humanos. Aqui, o que ha?

— Alguma coisa.

— Nada. A nossa emotividade literaria só se interessa pelos populares do sertão, unicamente porque são pittorescos e talvez não se possa verificar a verdade de suas creações. No mais, é uma continuação do exame de portuguez, uma rhetorica mais difficil a se desenvolver por este thema sempre o mesmo: D. Dulce, moça de Botafogo em Petropolis, que se casa com o dr. Frederico. O commendador seu pae não quer, porque o tal dr. Frederico, apesar de dr., não tem emprego. Dulce vae á superiora do Collegio das Irmans. Esta escreve á mulher do ministro, antiga alumna do collegio, que arranja um emprego para o rapaz. Está acabada a historia. E' preciso não esquecer que Frederico é moço pobre, isto é, o pae tem dinheiro, fazenda ou engenho, mas não póde dar uma mezada grande. Está ahi o grande drama de amor em nossas letras, e o thema do seu cyclo literario. Quando tu verás, na tua terra um Dostoiewsky, uma George Eliot, um Tolstoi — gigantes destes, em que a força de visão, o illimitado da criação, não cedem o passo á sympathia pelos humildes,

pelos humilhados, pela dôr daquellas gentes donde ás vezes não vieram — quando?

— A nossa gente não soffre, é insensivel.

— Diz a serio? E logo accrescentou: Soffre. Sim. Soffre a sua propria humanidade.

O meu amigo falava calmo, mas com um travo de azedume na voz.

— Se eu pudesse, adduziu, se me fosse dado ter o dom completo de escriptor, eu havia de ser assim um Rousseau, ao meu geito, pré-gando á massa um ideal de vigor, de violencia, de força, de coragem calculada, que lhes corrigisse a bondade e a doçura deprimente. Havia de satural-a de um individualismo feroz, de um idéal de ser como aquellas trepadeiras de Java, amorosas de Sól, que se coleiam pelas grossas arvores da floresta e vão por ella acima mais alto que os mais altos ramos para dar afinal a sua gloria em espectaculo. Sabes de quem é?

— Não.

— E' daquelle que *augmenta a força vital*.

No curso do dialogo puzera-se de pé. O seu olhar tinha perdido a macieza e brilhava extraordinariamente nas orbitas de uma curvatura regular e suave. Falava com firmeza, com calor, sacudindo as palavras, uma a uma; as

ultimas, porém, foram ditas com paixão redobrada. Antes de sentar-se, olhei-o um instante. Sorria com um sorriso parado e cheio d'alma; parecia ouvir alguém invisivel... O anjo Gabriel, talvez. Era como um Mahomet que se preparava para levar seu pobre povo, em cem annos, dos Pyrineos ás Ilhas de Sonda! O sorriso se desfez em seus labios, á proporção que se sentava. Sentado, disse a esmo:

— Não; a maior força do mundo é a doçura. Deixemo-nos de barulhos..

Despreoccupadamente, socegradamente, durante horas, estivemos a ver os patos no lago e a conversar sobre coisas de pequena importancia. Os combustores já estavam accesos, quando sahimos para jantar. Tomamos a sopa num restaurante de uma rua central, e Gonzaga poz-se a me dizer:

— Não repares naquelles palavrões de ha ha pouco. Foram saudades do Romualdo, pezar pela sua morte... Eu o estimava de véras, e na minha vida, só encontrei aquella, extranha ao meu circulo, para me amar e me sentir. Na minha idade, tu tambem deves saber, um golpe desses traz manifestações indirectas, mas violentas. Tirou o lenço e passou um instante pelos olhos. Esgotou o prato e emendou:

— Como lhe devia ter sido dura a vida! Aos quatorze annos, é mettido numa escola, que mais é uma prisão. De corpo em corpo militar, vaga soffrendo as durezas da disciplina e tambem a da hierarchia. Tudo isso lhe custa o viço da vida. Tira-lhe a iniciativa, a sensação do que póde por si .. Um bello dia, fazem-no servente e eil-o a receber humilhações de todo um corpo de funcionarios pretenciosos, desde o ministro até o continuo. Casei-o. Elle, valente, que nascera em lugar em que a bravura pessoal é exigida para a propria vida commum, tinha medo de sahir com a mulher, porque... oh! nem é bom contar.

E continuou a comer os pratos seguintes, trocando uma reflexão ou outra, emquanto eu não attingia os limites da minha surpresa. Gonzaga de Sá nunca me apparecera, com esse aspecto de sentimentalidade commum. Em começo eu o achei uma natureza fria, depois um despeitado, em seguida uma especie de pura intelligencia que via a vida e as suas instituições para lhe colher os aspectos contradictorios. Um dia em que muito eu pensava sobre elle, achei-o da raça daquelle André Mal-tère, de Barrès, que nasceu para comprehender e desorganisar. Como neste momento me surgia sentimental, quasi lamuriento?

E' verdade que, em certas occasiões, quasi o sentia dessa maneira; mas, nestas, sempre se tratava d'elle, e não ha quem o não seja a seu proprio respeito. Durante os quasi dois dias em que o vi em presença da morte de um amigo, elle se transfigurara inopinadamente, num sentimental vulgar, exactamente igual a qualquer homem. Desesperava por comprehendel-o, fiz todas as hypotheses, combinei-as, sem que o tivesse perfeitamente comprehendido, confesso; e até o presente, quando ligo os diferentes modos de ser com que elle se me apresentou hoje, hontem e amanha, em varios momentos e horas, é tal a incoherencia, é tal a falta de ligação dos seus actos, que o vejo na memoria como o vi naquella tarde, em um café a circumvagar o olhar por tudo:  
— Enigmatico!

Deixando o hotel, ao chegarmos á Avenida Central, havia um movimento por ella acima. Subimos até o pavilhão Monroe. O publico nocturno de Domingo, nas ruas, tem uma certa nota propria. Ha os mesmos «*flaneurs*», artistas, escriptores e bohemios; os mesmos *camelots*, mendigos e *rodeuses*, que dão o encanto do pittoresco á via publica. No domin-

go, porém, como elles, vêm as moças dos arabaldes distantes, com os seus pallidos semblantes e os vestidos característicos. Vêm as armenias das adjacencias da rua Larga, em cujos grandes olhos negros, guarnecidos de longos cilios, e com uns duros reflexos de turmalina, a gente vê por vezes passar alguma coisa de ferocidade asiatica. Além destes, ha operarios em passeio, com as suas roupas amarfanhadas pela longa estadia nos bahús. Ha caixeiros com roupas eternamente novas e grandes pés violentamente calçados... Por entre essa gente, fomos indo até a balaustrada que dá para o mar, junto á qual nos encostamos, olhando em todo o comprimento a Avenida illuminada e movimentada.

— Repara, disse-me Gonzaga de Sá, como esta gente se move satisfeita. Para que iremos perturbal-a com as nossas angustias e nossos desesperos? Não seria mal?

— E' um caso de consciencia.

— De que me vale esse testemunho? Quem tem certeza das suas revelações? Quem acreditará na sua consciencia? Sou pela duvida systematica... Eu não sinto evidencias. Não soffro daquillo que Renan chamava a horriovel mania da certeza. Tudo para mim foge, escapa, não se colhe.. O que ha são cren-

ças, criações do nosso espirito, feitas por elle para seu gasto, extranhas ao mundo externo, que talvez não tenha nenhuma ordem para se curvar á que creamos..

Determinando a consciencia, valeria a pena perturbar a paz desses panurgianos?

Não lhe soube responder, elle tambem não me pediu resposta. Olhamos ainda as filas de luzes que se erguiam por todo o comprimento da via publica. Descemos a rua pouco depois. Fomos tomar chopes e abancados no botequim conversamos outras banalidades. Quando nos despedimos elle me disse:

— Vou educar o Aleixo Manuel, o filho do Romualdo. Hei de fazel-o um Tito Livio de Castro.

Eu tive um pensamento aziago e, de mim para mim, perguntei: viveria Gonzaga para tanto? Valeria a pena?

## XI

### Era feriado nacional...

Desci de minha casa aborrecido. Uma noite má, povoada de recordações amargas, puzera-me de mau humor, irritado, covardemente, desejoso de fugir para lugares longinquos. Era festa nacional. Os poderes publicos tinham resolvido festejar-a com o ruido de uma parada, a que se seguia uma recepção em palacio e um espectáculo de gala, á noite, no barracão da Guarda Velha. Desci para me delir na multidão, para me embriagar no espectáculo dos fardões e dos amarells, para me fragmentar com o estrondo das salvas fugindo a mim mesmo, aos meus pensamentos e ás minhas angustias. Saltei no Campo de Sant'Anna, esguerei-me por entre o povo, entrei no Jardim, deixando-me a ver os batalhões, in-

genuamente, humildemente como se fôra um garoto. As tropas formavam, esperando a visita do general, para desfilarem, então, pelo Cattete, em continencia ao presidente. Vi regimentos, vi batalhões, luzidos estados-maiores, pesadas carretas, bandeiras do E isil, sem emoção, sem entusiasmo, placidamente a olhar tudo aquillo, como se fosse uma vista de cinematographo. Não me provocava nem patriotismo nem revolta. Era um espectáculo, mais nada; brilhante, por certo, mas pouco empolgante e inintelligente. Junto a mim, dois populares discutiam, ao passar as forças formidaveis da Patria, os seus recursos de mar e terra. Tinham um almanaque na cabeça, sabiam o nome dos officiaes, a marca dos canhões, a tonelagem dos couraçados. Discutiam com evidente orgulho, satisfeitos, manifestando, aqui e alli, desgosto que fosse tão reduzido o numero de regimentos de cavallaria e tão poucos os couraçados de alto mar. Eu olhei. Olhei as suas botas, olhei os seus chapéos; em seguida, passei o olhar nos generaes pimpões que galopavam ao lado dos dourados almirantes... Oh! a sociedade repousa sobre a resignação dos humildes! Grande verdade, pensei de mim para mim, recordando Lammenais.

Voltei a olhal-os. Continuavam a discutir acaloradamente; faziam comparações com a força de outros paizes visinhos, e passavallhes pelas faces uma irradiação de orgulho, quando o cotejo nos era favoravel. Porque aquelles homens maltratados pela vida, pela engrenagem social, cheios de necessidades, excomungados falariam tão santamente enthusiasmados pelas coisas de uma sociedade em que soffriam? Porque a queriam de pé, victoriosã — elles que nada recebiam della, elles que seriam espesinhados pela mais alta ou pela mais baixa das autoridades, se alguma vez cahissem na asneira de ter negocios a liquidar com alguma dellas? Não seria fundamental, estructural, em todos nós, nelles como em mim, esse espontaneo separar das nossas dôres, a provavel culpa do corpo social em que vivemos? Poderiamos viver? sem elle, sem as leis e sem as regras que nos esmagam? Secretos dictames de nossa natureza não nos impunham essa subordinação resignada? Quem sabe lá? E, conforme tão bem dizia Gonzaga de Sá, que tinha eu, homem de imaginação e de leitura; que tinha eu de levar desassocego ás suas almas, ás daquella pobre gente, delhes communicar o meu desequilibrio nervoso? Olhei-os ainda uma vez. Um delles descon-

fiou e sorrio ao outro. Desviei o olhar, alvejando-o por sobre uma rua em frente, vista por mim em toda a extensão, graças a uma aberta na formatura. Olhando-a, puz-me a recordar que, ainda ha diás, naquelle longo sulco que se lhe abria pelo eixo em fóra, homens sujos cavavam; e que, fizesse o sol mais ardente ou o aguaceiro mais temivel, elles cavariam...

E eu ascendi a todas as injustiças da nossa vida; eu colhi num momento todos os males com que nos cobriam os conceitos e preconceitos, as organizações e as disciplinas. Quiz alli, em segundos, organizar a minha Republica, erguer a minha Utopia, e, por instantes, vi resplandecer sobre a terra dias de Bem, de Satisfação e Contentamento. Vi todas as faces humanas sem angustia, felizes, num baile! Tão depressa me veio tal sonho, tão depressa elle se desfez. Não sei que diabolica logica me dominava; não sei que inveterados habitos de reflexão vieram derrubar meus sonhos: eu abanei a cabeça desalentado. Tudo isto era sem remedio. Morto um preconceito ou uma supersitição, nasciam outros. Tudo na terra concorre para creal-os: a Arte, a Sciencia e a Religião são as suas fontes, são as matrizes de onde saem, e só a Morte dessas

illusões, só o esquecimento dos seus canones, dos seus delírios e dos seus preceitos trariam á humanidade o reino feliz da perfeita ausencia de todas noções entibiadoras. Seria assim? Não ficariam algumas? Não era mesmo da essencia da natureza humana ter cada grupo o seu stock para oppôr ás do visinho? Não tinham os tupys as suas contra os tapuyas; não tinham os portuguezes contra estes dois; e os inglezes contra todos elles? Que me importava hoje ter de soffrer com as noções de alguns universitarios europeos e a burrice dos meus concidadãos, se amanha, asselvajado, de azagaia e bodoque, iria soffrer da mesma maneira com as da tribu minha visinha ou mesmo com as da minha? Levei em taes pensamentos emmaranhado minuto a fio. Para mim, afinal, ficou-me a certeza de que sabio era não agir. Que me propuzesse a pagar as actuaes fontes de soffrimento, seria preparar o nascimento de outras, fosse o meu movimento no sentido de continuar a marcha que a humanidade vem fazendo até hoje, fosse no sentido de a fazer retroceder para os dias que já se foram. Tive um louco desejo de acabar com tudo; queria aquellas casas abaixo, aquelles jardins e aquelles vehiculos; queria a terra sem o homem, sem a humanidade, já que eu

não era feliz e sentia que ninguém o era ..  
Nada! Nada!

O clarim retinio. Soou um ao longe, depois os outros, um a um, como se os sons de um fizessem o outro vibrar. As tropas dispunham-se a desfilar. Desfilaram. Passaram aos meus olhos lisas faces negras reluzentes, louros cabellos que saíam dos capacetes de cortiça; homens de côm, de cobre, olhar duro e forte, raças, variedades e cruzamentos humanos se moviam a uma unica ordem, a uma unica voz. Tinham, os seus paes, vindo de paragens longinquas e das mais desconhecidas regiões do globo. Que motivos occultos, sob a grosseria dos factos historicos, explicavam essa extranha impulsão e aquella mesma obediencia a um mesmo ideal e a uma mesma ordem? Que bobagem, pensei por ahi, estar eu a meditar sobre coisas tão imbecis, quando estavam proximos os armazens de modas, o Pavilhão Mourisco, ou os Pequenos Ecos, tão peçados de coisas importantes e intelligentes, onde poderia com ganho e lucro empregar a minha attenção e o meu estudo. Que besta sou!...

As tropas continuavam a marchar em direcção do Cattete. Vi-as passar simplesmente, como as tinha visto formar. Depois que pas-

saram, vim descendo ruas ao sabor da multidão; nella, fluctuei com prazer, gozando a volúpia da minha annullação.. Vinha como uma gotta d'agua no caudal de um rio, e, quando me perdi no Largo do Rocio, foi para esbarrar com o dr. Xisto Beldroegas, bacharel em direito e collega de Gonzaga de Sá, na Secretaria dos Cultos. Caminhava de vagar e preocupado, sombriamente preocupado. Conheci-o por intermedio do meu amigo, que me descrevera a sua curiosa actividade mental. Beldroegas era o depositario das tradições contenciosas da Secretaria dos Cultos. Apaixonado pela legislação cultural do Brasil, vivia obsedado com os avisos, portarias, leis, decretos e accordams. Certa vez, foi atacado de uma pequena crise de nervos, porque, por mais papeis que consultasse no Archivo, não havia meio de encontrar uma disposição que fixasse o numero de settas que atravessavam a imagem de S. Sebastião. Gonzaga de Sá contava coisas bem engraçadas do seu collega bacharel. Notava muito a sua necessidade espiritual da fixação, da resolução em papel official de tudo e todas as coisas. Beldroegas não podia comprehender que o numero de dias em que chove no anno, não pudesse ser fixado; e se ainda não o estava, em Aviso ou Por-

taria, era porque o Congresso e os ministros não prestavam. Se fosse elle... Ah!... O movimento dos astros, o crescimento das plantas, as combinações chemicas, toda a natureza, no seu entender, era governada por avisos, portarias e decretos, emanados de certos congressos, ministros e outras especies de governantes que tinham existido ha muito tempo. Não acreditava que outras vontades ou forças mais poderosas do que as dos membros ostensivos do poder politico governassem. Eram elles, só elles, o voto... Tolice!...

Apezar de enfrornado na legislação, não tinha uma idéia das suas origens e dos seus fins, não a ligava á vida total da sociedade. Era uma coisa á parte; e a communhão humana, um immenso rebanho, cujos pastores se davam ao luxo de marcar, por escripto, o modo de aguilhoar as suas ovelhas. Para o dr. Xisto Beldroegas, a lei era offensiva, inimiga da parte. Ninguem tinha direito em presença della; e todo pedido devia ser indeferido, não logo, mas depois de mil vezes informado por vinte e tantas repartições, para que a machina governamental mais completamente esmagasse o atrevido. Demais, tinha uma noção curiosa da lei. Uma vez eu lhe falei na lei da hereditariedade.

— Lei! exclamou. Isso lá é lei!

— Como?

— Não é. Não passa de uma sentença de algum doutor por ahi.. Qual o Parlamento que a approvou?

Lei, no entender do collega de Gonzaga de Sá, eram duas ou tres linhas impressas, numeradas ao lado, podendo ter paragraphos e devendo ser apresentadas por um deputado ou senador, ás suas respectivas camaras, approvadas por ellas e sancionadas pelo presidente da Republica. O que assim fosse era lei, o mais.. bobagens!

Xisto vinha preocupado, sombriamente preocupado. Hesitei em lhe falar; não tive tempo, porém, de tomar uma decisão. Elle deu com os olhos em mim.

— Doutor! disse eu, fingindo supresa e contentamento.

Elle não me respondeu claramente; articulou unicamente um grunhido de suino, como exigia a sua respeitabilidade burocratica. Sou teimoso, quiz obrigar-o a falar; insisti amavelmente:

— Em que pensa, doutor?

Xisto gostou da minha subalternidade, con-

certou o pince-nez, ageitou o olhar nas orbitas e disse:

— Isto vae mal... Não sei onde vamos parar!...

— Porque, doutor?

— Ora! E' uma balburdia!

— Não ha duvida, concordei!

— Nem dá gosto trabalhar! Imagine só o senhor que ha mais de dez annos, nas minhas informações, lembro a necessidade de ser fixado o numero de linhas dos avisos... E' preciso regular isso perfeitamente.. Ora, uns têm cinco linhas; ora, outros têm dez, quinze, trinta... E' um inferno!.. Veja só hoje o «Paiz»! Chama mensagem o que é um simples Aviso... E' por causa dessa defficiencia na doutrina! E' verdade que serão sempre ignorantes; a cousa podia estar determinada e os jornalistas não saberiam... Qual! Nesta terra, fique certo, ninguem se entende! Os que prestam, estão por baixo...

Durante longos minutos, contou-me ainda outros grandes desgostos da sua alma de funcionario. Interrompi-o perguntando:

— E o Gonzaga, como vae?

— Parece-me que anda adoentado... Outro dia, teve um deliquio..

— Passou?

— Sim, passou; mas, na idade delle, é mau... Dizem que vae ser aposentado.

— Que pena!

— Não perde nada... Bom camarada, mas não entende do serviço...

Até hoje, com perto de quarenta annos de casa, ainda não se tinha habituado a pôr o numero de annos da Republica nos decretos. Imagine só!... Eu gosto delle, garanto; a respeito de serviço, porém, não era lá grande coisa.. Sabia, é certo; mas negocio de romance, de philosophia, de revistas... Fico com pena... Elle tinha bôas pilherias... Muita gente ha de dizer que gósto porque a sua aposentadoria vae me aproveitar. Estou em primeiro lugar para a promoção... Mas, não. Tenho pena...

As ultimas palavras foram ditas quasi a meia voz. Calou-se um pouco e, em seguida, continuando a caminhar a meu lado, desandou a falar de sua repartição e dos collegas. O chefe não entendia; o director ainda menos; o ministro .. A custo pude me afastar desse portentoso senhor, cujas mãos graduavam a força da lei e sustinham a magestade do Estado. Deixando-o, tive impetos de ir ver o meu amigo. Era pouco mais de duas horas. Muito cedo e temi incommodal-o, com uma visita

demorada. Deixei-me ficar pelas ruas até ás quatro horas da tarde, quando me dirigi á sua casa, saudoso d'elle, a quem não via ha mais de vinte dias. Foi o proprio Gonzaga de Sá quem me recebeu.

— Disseram-me que estavas doente, disse-lhe eu ao entrar.

— Qual! Uma ligeira infecção do ambiente. Quem foi que te disse?

— O Xisto Beidroegas.

— Logo vi! Elles é que me fazem doente... Não os posso supportar mais... Que cacetes! Imitam-me... E' incrivel que só agora, aos sessenta e tantos annos, eu me venha sentir incompativel com *elles* ..

— Não tiveste uma tontura?

— Tive; mas coisa insignificante.. O que tenho, de facto, é aborrecimento, é tédio; soffro em me sentir só; soffro em me ver que organisei um pensamento que não se afina com nenhum .. Os meus collegas me aborrecem... Os velhos estão ossificados; os moços, abacharelados.. Pensei que os livros me bastassem, que eu me satisfizesse a mim proprio.. Engano! As noções que accumulei, não as soube empregar nem para a minha gloria, nem para a minha fortuna... Não sahiram de mim mesmo... Sou esteril e morro este-

ril... As palavras me faltam; as idéias não encontram expressões adequadas, para se manifestarem... Enfim, estou no fim da vida, e só agora sinto o vazio della, noto a sua falta de objectivo e de utilidade... Meu coração foi safaro... Gastei um capital precioso em coisas futeis.. A vida quer outras coisas... Passei quarenta e um annos a girar em torno de mim mesmo, e vivendo horas cercado de imbecis... Calcula que o meu chefe, ha dias, organisou um curioso systema de nomeação para presidente da Republica; e muito a serio, pôdes crer.

— Como era?

— Entrava-se amanuense, e de promoção em promoção, ia-se a presidente...

— Engenhoso!

— Sabes qual a vantagem apontada por elle?

— Não.

— Quando houvesse necessidade de se lavar um decreto em palacio, o presidente estava perfeitamente apto a fazel-o... Oh! Impossivel! Nem a paciencia de um santo!...

Nós conversavamos sentados naquelle gabinete em que Gonzaga de Sá me recebeu pela primeira vez. Assombrava-me aquelle seu desabafo; não estava nos seus habitos; eu não

o esperava. De ha tempos para cá notava-o menos resignado, irritadiço, mais deprimido, sem energia para se conter. Perdera um pouco a sua ironia aguda, deixava-se facilmente encolerisar e lastimava-se desalentadamente. Não o tentei consolar; elle não era dos que se consolam. Olhei um instante para fóra da janella. As alturas estavam calmas; o céo muito azul e limpido; o sól brilhava sem violencia, meigamente envolvendo a palmeira quieta. O flanco chanfrado da pedreira, do outro lado, era visto ao longe, pela janella aberta, bruscamente claro, surgindo por entre a vegetação escura e a rocha, como uma chaga... Os cavouqueiros mexiam-se.. O fermento humano na natureza indifferente...

Da rua vinha até nós o pregão monotono dos vendedores ambulantes. Pelas janellas da frente, eu vi a ponta das palmeiras do palacio e as alturas do morro de Guaratiba, pairando socegradamente sobre nossos festins ruidosos...

Gonzaga de Sá levantou o olhar da folha de papel em que estivera rabiscando, passou a vista pelas tres faces da sala aberta para o exterior e permaneceu alguns minutos com o olhar perdido. Por fim, o meu velho camarada voltou-se e perguntou-me ainda uma vez:

— Quem te disse que eu estava doente?

— Já te disse... O Xisto Beldroegas.

— Que idiota! Com aquella voz de castrado, com aquella passo de jaboty... Tenho-lhe nojo, nojo da sua burrice... Imagina que, para me moer, elle se propoz um dia a discutir philosophia com o Balthar... Sabes o que discutiram?

— Não.

— Ouve, Beldroegas diz ao outro, olhando de esguelha para mim, Balthar, vamos discutir philosophia. Balthar empavesase-se, põe as mãos para traz, e diz com segurança — vamos. Balthar tosse, Beldroegas faz um esforço para falar, cacareja e pergunta: Como morreu Socrates? Felizmente, eu escapei de ser doutor...

Ri-me, enquanto Gonzaga de Sá accendia, a custo, um cigarro. Tremia; varios phosphoros apagaram-se. Levantei-me, para deitar fóra o meu que se extinguiu, e, de soslaio, pude ver a folha que Gonzaga de Sá rabiscava. Eram indecisos traços de uma phisionomia humana... Sempre aquella obsessão. Sentei-me e elle continuou:

— Dantes, eu tinha pena. Hoje, sobe-me o odio, dá-me vontade de lhes quebrar a cara... Eu quiz fazer delles o meu ambiente, communiquei-lhes as minhas leituras... Os burros

maldizem-me . . . Eunuchos, castrados! Apanharam umas opiniões, uns retalhos de pensamento dos meus labios e, com elles proprios, querem me offender e irritam-me. A burrice humana é insondavel! Tenho desgosto de mim, dá minha covardia . . . Tenho desgosto de não ter procurado a luz, as alturas, de me ter deixado ficar covardemente entre taes patos, entre taes perús, burros e mãos, agaloados ou não, ignorantes e sordidos, incapazes de sympathia, de gratidão e de respeito pelo valor dos outros . . . Como me fui metter com esses idolatras de titulos e posições, patentes e salamaques, abaixados deante da força e do dinheiro? Não sei. Os mais proximos, eu os quiz melhorar; eu lhes levei autores, novidades, geitos de pensar . . . E elles? Oh! que bestas! que bestas! O que mais me aborrece é ter chegado a esta idade vasio de tudo, vasio de gloria, de amizade, só, e quasi isolado dos meus e dos que me podiam entender. Estou abandonado, como um velho tronco desenraizado num areal . . . Vivi muito e espero ainda viver alguma coisa . . . Vi ladrões, vi assassinos, vi gatunos, vi prostitutas — tudo isso é gente bôa, muito bôa, á vista dos perú graduados no meio dos quaes vivi . . . Fugi das posições, do amor, do casamento, para viver mais inde-

pendente.. Arrependo-me!... Venus é uma deusa vingativa!

Gonzaga estava desvairado; nunca o vira com aquellas feições, com aquella violencia de linguagem. Elle se tinha erguido da cadeira; os cabellos se desfizeram; e, na mão esquerda, erguia o cigarro como uma tocha de incendiario.

— Gonzaga, sê clemente! Perdôa!

Não me respondeu e sentou-se. Lá fóra, começava a correr uma branda viração, a cujo impulso a palmeira inclinou-se para o nosso lado. Na parede, todas as figuras da allegoria da Primavera, pareciam olhar o meu involvidavel amigo; a cegonha de bronze como que esticou um pouco mais a cabeça e, no alto do portal, o mocho juntou mais os olhos, como se se espantasse com aquella attitude de Gonzaga de Sá. Todos aquelles seus companheiros de tantos annos se admiravam da brusca révolta. Elles se haviam surprehendido como eu, apesar de tudo. Compreendi, então, que o temperamento de Gonzaga era de fortes paixões; que a ironia tinha disfarçado a magua de não achar onde applical-as e surdas effervescencias de raiva deviam viver sepultadas no seu intimo. Na forte comprehensão da dignidade de sua pessôa, e no avassalador orgulho

pela sua intelligencia, atrozes feridas deviam se ter aberto nelle pela vida toda; e agora, com a decadencia de energia que a velhice acarreta, não mais podia supportar-lhes as dôres crueis e gemia. Era mais uma interpretação da alma do meu amigo... Conclui tambem que aquillo seria uma convulsão, uma inevitavel perturbação provocada pela idade, na sua calma habitual e na triste ironia que perfumava o seu viver solitario, perturbação que mais se accentuou depois da morte do compadre. Vexado, durante uns instantes, esteve calado, dizendo-me afinal:

— Nunca me viste assim, não é?

— ?

— Has de me desculpar... Nunca mais... Não terei motivo para o ser outra vez..

Teve um grande offego e falou-me em seguida, com aquella sua voz de sempre, cheio de mansuetude e bondade:

— Fizeste bem em vir... Jantas commigo e iremos ao Lyrico. Quero ver pela ultima vez aquelles lugares; quero ver o nucleo actual de tantas illusões.. Irás commigo. A tua mocidade me excitará a rever os meus vinte e cinco annos esperançosos...

Não queria ir porque aquella gente do

theatro eu a sentia hostil; mas accedi e jantei com elle, a irman e o afillhado.

O jantar foi triste; D. Escolastica, com a indifferença do seu olhar verde, jantou sempre cerimoniosa, tendo sempre um sorriso de bondade fixado nos labios. Não perdia nunca aquelle seu ar de remanço, de placidez. Mas, com tanta passividade, que não lhe adivinhei qualquer contracção, ter descoberto a crise por que vinha passando o irmão. Era como essas deliciosas paisagens para onde corremos quando a alma se nos tolda de desgosto. Contemplamol-as, horas e horas, esperando um consolo, um afago, e ellas nada nos dizem. Continuam, como sempre, bellas para toda a gente, mas sem comprehensão sympathica para um qualquer dentre os muitos que as procuram. D. Escolastica continuava placida e remansosa, mas parecia ser assim para todos, sem escolha nem eleição. Deante da recente agitação do irmão e, antes, em face de sua indifferença nirvanesca por tudo, do seu nihilismo intellectual, ella sempre procedeu como a paisagem: ficou muda, ficou muda sem uma palavra para animal-o e sem um conselho para socegal-o. Acabado o jantar, Gonzaga de Sá vestiu-se pacientemente, carinhosamente. Iamos em cadeira de segunda classe, eu, por causa

do traje, não o podia acompanhar em primeira como elle queria; entretanto, abotoou-se bem, fez com que as calças cahissem com justeza sobre as botinas, amarrou bem a gravata, perfumou-se e fomos com antecedencia comprar os bilhetes. Quando saltamos na porta do Theatro, já começavam os carros a chegar. Em geral, os *coupés* traziam tres pessoas e as victórias seis, sem contar o nhonhô na boleia, ao lado do cocheiro. Havia um unico palafreireiro para todos os carros. Logo que um apontava no canto da rua Senador Dantas, o pobre homem corria e seguia emparelhado ao vehiculo até o ponto justo de abrir a portinhola. Se, por acaso, um chegava trazendo o numero normal da lotação e com ajudante de cocheiro proprio, causava pasmo. Era como se fosse uma carruagem de principe. Dos «ceroulas» é que saltava o grosso dos frequentadores. E, ainda uma vez, eu me admirei que gente, que pagava vestidos e trajes tão caros, não pudesse vir em carruagens condignas e menos abarrotadas. Em certo momento Gonzaga de Sá me disse, sem que nem porque:

— Mette dó, não offende, este luxo...

A sineta annunciou o espectáculo. Entramos. Poucas vezes fôra eu ao antigo Pedro II

e as poucas em que fui, assisti ao espectáculo das torrinhas; de modo que aquella sociedade brilhante que via formigar nas cadeiras e camarotes, de longe parecia revestida de uma grandeza que me intimidava. Debruçado na grade da galeria, as casacas correctas e os ricos vestuarios das senhoras eram um deslumbramento para os meus pobres olhos; e, por não ser do meu gosto analysar os espectaculos que me agradam, acceitei aquella sociedade como deslumbrante, grandiosa e brilhante. Comtudo, vulgarmente, e muito, na entrada, parecia-me que aquellas damas, envoltas em capotes e outros agasalhos, tinham o ar de quem ia para o banho; emquanto, na sala, de côlos nús, sob o rebrilho das luzes, surgiam-me como marmores de museo.

No Casino, ao ver pelos camarotes aquellas conhecidas grandes damas estrangeiras, os galeões do Mexico, rutilantes de joias e de sêdas, tambem recebi igual impressão de grandeza, belleza e magestade. Consentii, depois de annos de ausencia, em pisar no Lyrico. Ia agora ver tudo aquillo mais de perto, graças a Gonzaga de Sá, graças á animação, ao reforço que elle trazia á minha humildade nativa.

A representação ainda não começára. Da-

mas conversavam com cavalheiros, á entrada dos camarotes. Eu ficava bem junto á fila direita. Vi algumas de perto e as cadeiras do camarotes, que me pareceram bem inferiores as da sala de jantar da minha modesta casa. Notei-lhes o forro de réles papel pintado, o assoalho de taboas de pinho barato; alonguei o olhar pelo corredor e, além de acanhados, julguei-os sujos, vulgares, a guiar os passos para lugares excusos. O tecto sempre me intrigou. Com os seus varões de ferro atravessados, suppuz que se destinassem a trapezios e outras coisas de acrobacia. Opera, ou circo? Entretanto, eu estava no ponto mais elegante do Brasil; no ponto para que converge tudo que ha de mais fino na minha terra.

Era para brilhar alli que nós todos brigavamos, matavamos, e roubavamos, por sobre os oito milhões de kilometros quadrados do Brasil. Não se acredita! Os musicos tinham acabado de afinar os instrumentos; dentro em pouco, o maestro chegou. O Presidente appareceu no camarote e a orchestra atacou o hymno nacional. Puzemo-nos de pé e, ao começar propriamente a opera, sentamo-nos a ouvir-a.

— Bella casa! disse eu ao ouvido de Gonzaga de Sá.

— Chic, rica! A metade não pagou entrada...

— Ha muito que eu não via tanta gente poderosa reunida...

— E, em todo o caso, curiosa e representativa, disse-me elle.

Estivemos alguns instantes a sorver o mel daquella musica, mais realçada ainda pela doce voz dos cantores, que nos vinha aos ouvidos como uma caricia fóra das cousas. Vi num camarote uma linda senhora, de busto alto, linhas rigidas, que se apresentava sósi-a. Procurei ver-lhe o rosto; era a Pilar, uma hespanhola que talvez muito influisse nos destinos da patria.

Gonzaga de Sá ouvia e eu perturbei-o apresentando-lhe a hespanhola:

— Conheces? perguntei.

— Quem é?

— A Pilar! A nympha da alta politica, da alta finança, de toda a pirataria com patente.

— Ahn! E' justo que as haja para todas as classes, tanto mais que é invejada. Olha como a vê a honesta Mme. Aldong - 7.º camarote, da 1.º ordem, á dirteita... Viste?

— Vi, respondeu Gonzaga de Sá.

— Sabes quem é Mme. Aldong?

— Não. E' uma senhora ahi... Sabes bem quem é?

— Bem não sei, nem ninguem; mas é das rodas finas; é viuva e, sem ser rica, gasta rios de dinheiro... Não ha motivo para inveja...

— Moralisas?

— Absolutamente, não. Verifico factos. Repara, á esquerda, aquellas tres moças.. Bonitas, hein?

— De facto.

— São filhas do moralista da «Vanguarda». Ganhou elle ultimamente duzentos contos com a indemnização que pleiteou para a Comp. das Obras do Porto de Tabatinga, por não ter nunca a companhia encetado a construcção dos seus utilissimos caes. Foi no mez passado. Admira que tenha ainda dinheiro...

— Foi util; ellas nos vieram alegrar o olhar. E aquella senhora acolá?

— Que te parece ella?

— Esposa de um senador ou banqueiro.

— Exacto, mas de jogo. Ha trinta annos elle o é apesar de todos os codigos prohibirem-n'õ. A inutilidade das leis... Bom assumpto!

— E aquelle almirante que parece viu todos os mares da terra?

— Desde a viagem de instrucção, que foi

feita á vela, nunca mais embarcou, a não ser para Niteroy.

— Pratico.

— Em terra, disse-me rapidamente Gonzaga de Sá. Bella casa!

— Bella casa!

O acto findava. Palmas entusiasticas partiram das galerias e alguns nas cadeiras tambem applaudiram. Sahimos. Puz-me a ver as feições daquella gente tão maldosamente catalogada por Gonzaga de Sá. Tinham não sei que de inquietude, não sei que de desassosiego no olhar, que me penalizou. Quiz interrogar o meu amigo .. Parei um instante para ver a Pilar que passava. Roçou-me e pude ver-lhe bem as feições. Eram calmas e o olhar seguro e satisfeito. Em face daquella inquietude geral, o seu secego pareceu-me superior, aristocratico, exercendo aquella fascinação especial da pessoa humana que póde, está segura de si e não tem tormentos. Observei tudo isto a Gonzaga de Sá, elle sorriu-se ligeiramente e retrucou:

— Pudera! Elles sabem como estão aqui; elles sabem que os que, com bulha e matizada, frequentavam o Lyrico ou o Provisorio, ha quarenta annos atraz, no meu tempo, não têm talvez um representante entre elles. Para onde

foram? Não se sabe! Elles temem o futuro.

Perpassou um pouco a vista por sobre aquelles cavalheiros elegantes e aquellas damas geitosas e disse-me:

— Vocês, os moços, fizeram mal em des-thronar os antigos. Apesar de tudo, nós nos entenderíamos afinal. Vinhamos soffrendo juntos, vinhamos combatendo juntos, ás vezes até nos amámos — entenderiamos-nos por fim. Estes de agóra...

— Nada impede que nos entendamos afinal com estes, também!

— Qual! São estrangeiros, novos no paiz, ferragistas e agiotas enriquecidos, gente nova.. Vocês estão separados delles por quasi quatrocentos annos de historia, que elles não conhecem nem a sentem nas suas cellulas — o que, para elles, é de lastimar, pois esses annos passados dão força e direitos a Vocês, que os devem reivindicar. Em breve Vocês terão de empregar a força para elles respeitarem vocês. Esses quatrocentos annos... Resumindo, continuou Gonzaga, Vocês arranjaram novos dominadores, com os quaes Vocês não se poderão entender nunca; e expulsaram os antigos com os quaes, certamente, se viariam a entender um dia. Erraram, e profundamente.

A sineta tocou e fomos tomar lugares. A Pilar já estava no camarote; nos outros, quando nelles iam entrando as damas respectivas, o primeiro olhar era para ella. O presidente já estava sentado, bem á vista da sala. A Pilar olhou-o demoradamente, correu a vista pela sala e olhou-o ainda uma vez, com firmeza e sem inveja. Era como se dissesse: aqui eu e tú! A orchestra atacou. O panno subiu e eu me preparei para ouvir as doçuras da musica italiana. O espectáculo prolongou-se além da meia noite, e nós assistimol-o até ao fim. Sahimos tristes. Era a primeira vez que eu assim sahia de um theatro. Nos meus tempos de estudante, deixava o espectáculo alegre.

Cercado senão de amigos, no minimo de camaradas, passava a representação como assistindo uma aula, em cujos intervallos, de igual a igual, discutia e conversava familiarmente com os outros. Desta vez, sem aquelle ambiente favoravel de collegas, eu me choquei bruscamente com aquelle mundo hostil. Não houve uma só palavra que me ferisse, nem sequer um olhar; entretanto, só em contemplar aquella grande gente, que me parecia tão rica e tão brutal, eu me senti inferior. Donde me vinha esse sentimento? Era a minha cultura? Não; eu recebi a mesma instrucção dos

mais instruidos da minha idade que lá estavam. Era do meu character, das falhas da minha moralidade? Não, também; eu sentia que as tinha; comtudo, em comparação com o grosso daquelles cavalheiros tão limpos, eu era puro, immaculado. Nada mais me restava comparar, a não ser que o meu sangue me fizesse perfeitamente inferior, mas este mesmo eu cria correr em muitos daquelles a quem me julgava inferior. Donde vinha, portanto, esse sentimento que me entristecia? Analysei na memoria o espectáculo que me ferira, combinei-o com as palavras de Gonzaga de Sá. Lembrei-me que elles tinham vindo do Brasil todo, de todos os seus pontos, a brigar, a roubar os seus parentes, as suas mulheres e os governos, a furtar pobres e ricos; a matar também levas e levas de immigrants nos arduos trabalhos agricolas. Era aquelle o seu premio!... Tinham saltado por cima de todas as conveniencias, por cima de todos os preceitos moraes — tiveram coragem, emquanto eu.. Oh! Algumas vezes por ahi, umas pandegas e muito alcool! Narcotico! Era isso.

Precebendo a verdade, revoltei-me contra a minha fraqueza, contra a minha alma bruxoleante e pulha, que me fazia deter deante das regras do decalogo, deante dos preceitos

moraes. Eu era um covarde, um escravo; elles, principes e reis. Não serei mais assim!... Era preciso brigar — briguemos! Escolheram a guerra — tel-a-ão!

Fomos tomar cerveja em um café de noctivagos. Gonzaga de Sá vinha embrulhado num sobretudo com o rigor de *parvenu* viajado. Em começo, bebemos calados; afinal Gonzaga de Sá quebrou o silencio.

— Eu saio dessas coisas triste...

— Ora!

— Não, é certo. Tenho, pezar de mim, uns longes de patriotismo e, quando vejo que aquillo, o Lyrico, a condensação da fina flôr é a mesma coisa de ha quarenta annos passados, fico abatido. São os mesmos fazendeiros sugadores de sangue humano; são os mesmos politicos sem idéias; são os mesmos sabios decoradores de compendios estrangeiros e sem uma idéia propria; são os mesmos literatos a Octaviano, literatos de coisas de *cotillon*, os mesmos agiotas.. Ha quarenta annos era assim; não mudou. Serão sempre assim?

Sem querer respondi logo:

— Certamente.

Depois, reflecti que havia uma certa contradição entre o que Gonzaga de Sá me dis-

sera no theatroj e o que observava agora. Entretanto, calei-me.

— Eu tambem sou do teu parecer, confirmou elle; mas, agora, me acode dizer-te que os outros eram mais nossos parentes.

E, calmamente, sorvemos longos goles de cerveja, até espertar o corpo. Gonzaga de Sá pagou e, quando me quiz despedir, perguntou-me:

— Para onde vaes?

— Para casa.

— Sinceramente?

— Palavra!

— Vem dormir em minha casa; amanha ficarás ajudando-me a arrumar os livros.

Juntos tomamos o bonde, para a sua residencia, nos arredores da Rua Bento Lisbôa, no Cattete, e nas encostas de Santa Thereza.

No bonde, viajavam poucos passageiros. Havia uma rapariga, com um grande chapéo e um longo e bello capote, num banco da frente. Gonzaga de Sá esteve a observal-a muito tempo; e alli pela rua da Lapa, bruscamente reflectiu, olhando para a mulher:

— O que sinto, é que essas senhoras não sejam differentes das de sociedade. Se o fossem, eu talvez experimentasse...

E não mais disse coisa de valia, até á porta da casa, onde entramos já com os gallos a cantar, recebidos pela saudação somnolenta do velho preto Ignacio.



## XII

### Ultimos encontros

Dormi magnificamente, em um amplo quarto desses das velhas casas do Rio de Janeiro que dão bem a imagem da fartura e da liberdade da nossa burguezia nos meados do seculo passado. Era maior do que as salas das nossas apelintradas casas de hoje. Despertei manhan adeantada. O quarto em que dormi, dava para a sala de jantar. Penetrando ahi, dei com D. Escolastica, de placidos olhos verdes, a vigiar attentamente o pequeno Aleixo Manuel, que tomava uma ligeira refeição matinal, antes de ir para o collegio. Gonzaga de Sá não estava. Ao entrar, o menino levantou a cabeça da chicara e pôs-se por instantes os seus grandes olhos negros, enervados de pra-

ta, sobre mim, interrogativamente, como sempre.

Vendo aquella creança, não sei que longinquas lembranças da minha infancia me vieram. Eram as esperanças da minha iniciação nas coisas obscuras do alphabeto. Eram os affagos e espantos da minha professora; eram tambem os dolorosos desenganos desta minha mocidade irrequieta e desigual.. Não viu o que invocava em mim aquella creança, com a sua rigida fronte intelligente e a sua forte e redonda cabeça de homem de character! Elle me olhou, fiz a saudação matinal, respondeu-me e me sentei. A velha D. Escolastica informou-me, então, que o irmão erguera-se cedo e trabalhava na sala. Demorei-me uns tempos a conversar e, de caminho, falei á creança.

— Estás muito adeantado?

O Aleixo Manuel reluctou em responder; a velha senhora, porém, obrigou-o a fazel-o com presteza.

— Responde, Aleixo, não estás ouvindo o que te perguntam? Responde: estás adiantado?

— Não estou, não senhor; respondeu elle afinal.

— Em que livro estás? :

— Terceiro.

— Com nove annos, vae bem, fiz eu ani-

mando-o. Já dás a Historia do Brasil?

— Sim, senhor.

— Quem descobriu o Brasil?

— Pedro Alvares Cabral.

— E a America?

— Christovam Colombo.

— Qual foi a primeira descoberta, a da America ou a do Brasil?

— A da America.

— Porque?

— Porque, o Brasil faz parte da America, e quem descobriu a America, tambem o Brasil, porque elle está na America.

— Então foí Christovam Colombo quem descobriu o Brasil? Que respondes?

O rapaz calou-se, franziu um instante as sobrancelhas e, depois, disse com toda a firmeza:

— Não. Colómbo foi quem viu pela primeira vez um lugar da America, por isso se diz que descobriu *ella* toda; mas Cabral viu depois, pela primeira vez, logares do Brasil, por isso diz-se que descobriu o Brasil.

A custo, disfarcei a minha surpresa deante da clareza do raciocinio do pequeno. Não quiz com um elogio caloroso aguçarlhe a vaidade; desejava que a sua intelligencia fosse crescendo sem consciencia de si propria; e então quando

fosse bem forte, elle tomasse conhecimento da sua capacidade, como uma revelação, como uma surpresa. Limitei-me a dizer-lhe que estava certo e passei a perguntar outras coisas.

Por fim, depois de ter respondido ás minhas perguntas com uma promptidão que me maravilhou, passou a correia da mala pelo pescoço, apanhou a louza e despediu-se. Beijou e abraçou D. Escolastica, e ambos o fizeram de maneira a me deixar perceber que um queria mais alguma coisa no outro, e que ambos não sabiam porque não a tinham. Foi-se.

— E' intelligente o rapaz, disse eu á velha senhora.

— Bastante. Que desejo de saber tem este pequeno! O senhor nem imagina! Brinca, é verdade; mas, á noitinha, agarra os livros, os deveres e os vae estudando, sem que ninguém o obrigue. Quem me dera que fosse assim até ao fim!

— Porque não irá?

— Ora! Ha tantos que como elle começam tão bem e...

— E' verdade! Mas, virá delles mesmos a perda da vontade, o enfraquecimento do amor, da dedicação aos estudos; ou tem tal facto raizes em motivos externos, extranhos a elles que, só numa idade mais avançada, aca-

bam percebendo, quando a consciencia lhe revela o justo e o injusto, fazendo que se lhe enfraqueça deploravelmente o impeto inicial?

Cri que D. Escolastica não me comprehendera, e procurei dizer a mesma coisa por outras palavras.

— Quem sabe se, na primeira idade, elles estudam porque desconhecem certas coisas que, sabidas mais tarde, lhes fazem desanimar e sentir vão o estudo?

— Qual, doutor! (*Ella me tratava dessa maneira*) — E' assim mesmo!

E calou-se, depois de sua segura affirmacão, como os grandes e infalliveis sabios do nosso Brasil.

Tomei café e fui ter com Gonzaga de Sá na sua vasta sala de trabalho. Elle, recostado na cadeira de balanço, lia attentamente um jornal. Saudamo-nos e logo lhe observei:

— Julgava-te na arrumacão; mas vejo que estás embevecido na leitura das gazetas.

— Uns jornaes francezes que acabo de receber. Adiei a arrumacão.

— Qual é, o jornal?

— O «Figaro». Leio um por dia, como se fosse publicado aqui e entregue de manha na minha porta. Ando sempre por isso mesmo, atrazado com os acontecimentos mundiaes.

— Em que ponto está a Conferencia de Haya?

— Na classificação das nações..

— Não cheguei ainda ahi... Estou atrasado...

— Onde estás?

— Na nomeação de comissões.

— De modo que sempre andas quinze dias atrasado com o mundo?

— A's vezes, muito mais.. Ora! o tempo. Uma noção subjectiva, que só existe para nós.. Uma fatalidade da nossa organização cerebral, independente da experiencia. Um criterio, uma categoria para a nossa interpretação humana dos phenomenos.. De que vale?

Nada respondi, porque não tinha nada a responder. O meu velho amigo, após um pequeno silencio, perguntou-me:

— Viste o Aleixo Manuel?

— Vi.

— Que te pareceu?

— Applicado e intelligente.

— Graças a Deus.

E tornou de novo ao jornal francez que estava lendo. Apanhei os jornaes do dia, em cima de meza do centro; li-os e, assim pelas nove horas, despedi-me. Não accitei o almoço; chegaria tarde á Repartição.

Ao despedir-me, Gonzaga me pediu:

— Vem mais a meúdo, para conversar com Aleixo. Elle vive tão só...

Depois da morte de seu compadre, a sua constante preocupação era o afilhado. Sem nenhum pretexto, sem causa nem motivo, em meio de uma palestra sobre assumpto muito diverso, dava-lhe para falar no filho do Romualdo. Uma vez dizia: Preciso leval-o ao Museo; outra, talvez fosse bom pol-o de interno, para ganhar convivencia, desembaraço, habitos de sociabilidade. Que achas?

Eu possuia poucas aptidões pedagogicas, quasi nenhuma; e respondia evasivamente. Notava, entretanto, que a presença constante da creança, a contemplação della todo o dia, na intimidade familiar, tinha acelerado aquella alteração de humor no temperamento do meu velho amigo, que já observei; e trouxera mais uma carga de apprehensões que não lhe eram habituaes. Mudára... Gonzaga amava ternamente o rapaz; via-se bem que o queria, como seu filho e assim o tratava nòs menores actos, e nas mais simples palavras que lhe dirigia punha a meiguice e a doçura de pae. Depois desta visita, mais de uma vez, porém, eu o surpreendi a olhar o afilhado com olhar de sybilla. Havìa não sei que grande esforço

de penetração na sua mirada, que eu quiz bem crer estar elle no proposito de decifrar<sup>o</sup> o futuro do pequeno. Certa vez, depois de um olhar destes, disse-me:

— Esta vida é um conto do vigario..

Só a presença do afilhado não me bastava para explicar a mudança de humor de Gonzaga de Sá que, agora, via e visitava ameudadamente, conforme elle me pedira.

E' verdade que sempre o conheci triste; mas de uma tristeza, por assim dizer, philosophica, geral, essa tristeza de sentir profundamente a mesquinhez da nossa condição humana, em lucta sempre com o immenso dos nossos desmarcados sonhos e desejos. Porém, agora, a sua tristeza era mais actual, mas terra á terra. Dir-se-ia que a presença do Aleixo Manuel, o afilhado, tinha levantado do fundo da pessoa do meu amigo lembranças dolorosas que sepultára para sempre; lembranças essas que eram seu segredo e das quaes nunca me falou e não encontrei o minimo indicio para descobri-las nos papeis que elle me legou, por testamento, juntamente com umas centenas de livros. Lembro-me, ao escrever estas linhas, que um dia elle me dissera:

— Já tiveste algum amor?

— Nunca.

— Olha, que falo de amor! Hein?

— Comprehendo.

— E' preciso tel-o... Tenho te dito sempre que os antigos affirmavam que Venus é uma deusa vingativa... Não perdôa e tu soffrerás se não lhe prestares culto...

— Não ha Venus, retorqui.

— Quem sabe lá?

Trocavamos essas palavras nos ultimos dias da sua existencia, quando a alteração do seu genio já se reflectia claramente na saúde; e eu via bem que Gonzaga de Sá fanava-se, dissolvia-se vagarosamente ao fogo lento de suas secretas recordações, e dos desgostos que o apparecimento dellas lhe fizera assomar na alma. As faces se encovavam; os olhos, seus doces olhos, perdiam o brilho, appareciam mortuos e ganhavam uma extranha aureola. Não andava com a mesma firmeza e o seu humor continuou a desequilibrar-se ainda mais. De uns tempos em diante, a sua palestra era frequentemente cortada por bruscas explosões de irritação, de queixumes indignos de sua altivez, em geral pueris e sem fundamento, passando espantosamente da mais intensa tristeza para a mais ruidosa alegria.

Aleixo Manuel, o afilhado, trouxe-lhe — quem sabe? — para a vida alguma coisa que

queria não viesse jamais, ou não reaparecesse nunca; e elle soffria com isso, entristecia-se, alquebrava-se de corpo e alma, sem que fosse possível a mim attribuir directamente taes modificações no meu amigo, ao docil, ao meigo, ao obediente Aleixo Manuel que elle puzera em sua casa, afim de ficar sendo seu filho.

— Hei de fazel-o gente, dizia-me ás vezes, cheio de esperança e de alegria.

Não poude leval-o até o fim. Ao encetar o pequeno o curso de preparatorios, logo por ahi, foi quando elle *colheu a flôr*, e *caiu*, e *morreu*...

A tia levou o menino até ao fim, com todo o carinho e abnegação.

Bençãos a ambos, que, na sua missão educadora, souberam ser bons, sem interesse e sem calculo de especie alguma, apesar de todos os dons terem concorrido para ampliar, com o habito de analyse e reflexão que o estudo traz, a consciencia da creança que devia ficar restricta aos dados elementares para o uso do viver commum, sem que viessem surgir nella uma magoa constante e um fatal principio permanente de inadaptação ao meio, crendo-lhe um mal estar irremediavel e, consequentemente, um desgosto da Vida mais atróz

do que o pensamento sempre presente da Morte!

Que importa isso, porém, se as tenções dos velhos foram generosas; e, se o soffrimento do pequeno, exteriorizado algum dia em grandes actos ou em grandes obras, possa concorrer mais tarde para o contentamento de muitos dos seus iguaes que vierem depois!? Que importa!?

A felicidade final dos homens e o seu mutuo entendimento têm exigido até aqui maiores sacrificios..

---



# INDICE

---

O inventor e a aeronave	13
Primeiras informações	33
Emblemas publicos	41
Petropolis	47
O Passeiador	55
O Barão, as Costureiras e outras cousas.	63
Pleno contacto	77
O Jantar	95
O padrinho	109
O enterro	139
Era feriado Nacional	159
Ultimos encontros	191

# Revista do Brasil



Quem mandar 600 réis em sellos, á Caixa 2B S. Paulo, receberá um numero de amostra desta esplendida revista, que acaba de entrar no seu quarto anno de vida.



A "Revista do Brasil" representa uma verdadeira victoria da cultura brasileira e forma hoje uma colleção de nove volumes, com cerca de 600 paginas cada um, de materia inédita, devida á penna dos mais eminentes homens de letras e sciencia do pais.



==== Assignatura Annual: =====

Edição Simples	15\$000
Edição de Luxo	22\$000

Rua da Boa Vista N. 52  
Caixa, 2-B — S. PAULO





## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).